



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**RICARDO JORGE FARIA PINTO**

**A vocação como dom do amor de Deus no mistério  
da Igreja-Comunhão:**

**O pensamento de Bento XVI nas Mensagens do Dia Mundial de  
Oração pelas Vocações**

**Dissertação Final  
sob orientação de:  
Professor Doutor Alexandre Freire Duarte**

**Braga**

**2023**



**A vocação como dom do amor de Deus no mistério  
da Igreja-Comunhão:**

**O pensamento de Bento XVI nas Mensagens do Dia Mundial de  
Oração pelas Vocações**

## **RESUMO**

Este Trabalho tem como fim derradeiro abordar o tema da vocação segundo as palavras de Bento XVI para o Dia Mundial de Oração pelas Vocações. Isto é feito após apresentarmos uma breve biografia de Joseph Ratzinger e termos tentado aferir o que é dito sobre o que é a vocação na Sagrada Escritura e, depois, nos nossos dias. O Papa Bento XVI, em ditas mensagens, apresenta uma abordagem sobre tal temática marcada pela graça e a compreensão do que é a própria vocação. Ela é dita como sendo um chamamento que brota da iniciativa do amor de Deus, que se enxerta na fé cristã e invoca a escuta e o ouvir tal Deus-Comunhão em comunhão; isto é, em Igreja. A própria Igreja, como um todo, é vocação de mistério e comunhão, e é nas Igrejas Locais que normalmente surge o tempo e o espaço onde se apresenta a vocação já entendida e vivida como serviço e testemunho.

**Palavras-chave:** Vocação; Bento XVI; Deus; Sagrada Escritura; Amor (de Deus); Fé; Escuta; Igreja; Comunhão; Mistério; Missão; Serviço; Testemunho.

## **ABSTRACT**

The ultimate purpose of this paper is to address the topic of vocation according to the words of Benedict XVI for the World Day of Prayer for Vocations. This is done after presenting a brief biography of Joseph Ratzinger and having tried to gauge what is said about vocation in Sacred Scripture and then in our days. Pope Benedict XVI, in these messages, presents an approach to this theme marked by grace and an understanding of what vocation itself is. It is said to be a call that springs from the initiative of God's love, which is grafted onto the Christian faith and invokes listening and hearing this God-Communion in communion; that is, in the Church. The Church herself, as a whole, is a vocation of mystery and communion, and it is in the Local Churches that normally the time and the space where the vocation is presented as already understood and lived as service and witness.

**Keywords:** Vocation; Benedict XVI; God; Sacred Scripture; Love (of God); Faith; Listening; Church; Communion; Mystery; Mission; Service; Witness.

## ÍNDICE

<b>RESUMO</b> .....	3
<b>ÍNDICE</b> .....	4
<b>SIGLAS E ABREVIATURAS</b> .....	6
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>CAPÍTULO I: BREVE BIOGRAFIA DE BENTO XVI</b> .....	13
<b>1.1.- O “ventre” histórico e familiar</b> .....	13
<b>1.2.- O nascimento, infância e primeira adolescência de Joseph Ratzinger</b> .....	15
<b>1.3.- O percurso vocacional</b> .....	18
<b>1.4.- O percurso acadêmico e conciliar</b> .....	20
<b>1.5.- O episcopado</b> .....	23
<b>1.6.- O pontificado</b> .....	24
<b>1.7.- Breve síntese temática das Cartas Encíclicas de Bento XVI</b> .....	30
<b>1.8.- Bento XVI: entre o falecimento e a ressurreição para os braços do Pai</b> .....	34
<b>II CAPÍTULO: FUNDAMENTAÇÃO DE VOCAÇÃO</b> .....	37
<b>2.1- Fundamentação bíblica</b> .....	37
2.1.1.- OS TIPOS DE VOCAÇÃO E MISSÃO NO AT .....	37
2.1.1.1.- <i>A vocação na criação divina</i> .....	38
2.1.1.2.- <i>A vocação do sujeito face ao Povo</i> .....	38
2.1.1.3.- <i>A vocação Profética</i> .....	41
2.1.2.- OS TIPOS DE VOCAÇÃO E MISSÃO NO NT .....	43
2.1.2.1.- <i>A vocação na criação procede da Trindade</i> .....	44
2.1.2.2.- <i>Modelos de vocações neotestamentárias</i> .....	45
<b>2.2.- A Vocação na Teologia Contemporânea</b> .....	47
2.2.1.- O CONCEITO DE VOCAÇÃO DESDE UM HORIZONTE LAICO .....	48
2.2.2.1.- <i>Uma primeira aproximação contextualizada</i> .....	48
2.2.2.2.- <i>A Palavra de Deus, como chamamento, dirigida ao ser humano</i> .....	49
2.2.2.3.- <i>Vocação e vocações</i> .....	50

2.2.2.4.- <i>A Vocação à Santidade</i> .....	52
2.2.2.5.- <i>Vocação e missão do leigo</i> .....	53
2.2.2.6.- <i>A Vocação Religiosa</i> .....	55
2.2.2.7.- <i>A Vocação Sacerdotal</i> .....	56
2.2.2.8.- <i>A Pastoral das Vocações</i> .....	58
<b>CAPÍTULO III: A VOCAÇÃO NAS MENSAGENS DE BENTO XVI A RESPEITO DO DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES</b> .....	60
<b>3.1.- A vocação como iniciativa do Amor de Deus</b> .....	60
<b>3.2.- A Igreja como Vocação de Mistério e Comunhão</b> .....	66
<b>3.3.- A fé do amor, que invoca a vocação, nasce da escuta</b> .....	72
<b>3.4.- A Igreja Local como tempo e espaço da vocação</b> .....	77
<b>3.5.- A vocação como serviço e testemunho</b> .....	83
<b>CONCLUSÃO</b> .....	89
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	95
<b>1.- Fontes</b> .....	95
<b>1.1.- FONTES PRIMÁRIAS</b> .....	95
<i>1.1.1.- Fontes do nosso Autor</i> .....	96
<i>1.1.2.- Outras fontes</i> .....	98
<b>1.2.- FONTES SECUNDÁRIAS</b> .....	99
<b>2.- Estudos</b> .....	99
<b>3.- Subsídios</b> .....	104

## SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>Bíblia</b>			
<i>Antigo Testamento</i>		<i>Novo Testamento</i>	
<i>1Sm.</i>	<i>Primeiro Livro de Samuel</i>	<i>1Tm.</i>	<i>Primeira Carta a Timóteo</i>
<i>AT</i>	<i>Antigo Testamento</i>	<i>2Cor.</i>	<i>Segunda Carta aos Coríntios</i>
<i>Ex.</i>	<i>Livro do Êxodo</i>	<i>1Pe.</i>	<i>Primeira Carta de Pedro</i>
<i>Ez.</i>	<i>Livro de Ezequiel</i>	<i>2Pe.</i>	<i>Segunda Carta de Pedro</i>
<i>Gn.</i>	<i>Livro do Génesis</i>	<i>1Jo.</i>	<i>Primeira Carta de João</i>
<i>Is.</i>	<i>Livro de Isaías</i>	<i>3Jo.</i>	<i>Terceira Carta de João</i>
<i>Jr.</i>	<i>Livro de Jeremias</i>	<i>Ap.</i>	<i>Livro do Apocalipse</i>
<i>Lm.</i>	<i>Livro das Lamentações</i>	<i>At.</i>	<i>Livro dos Atos dos Apóstolos</i>
<i>Os.</i>	<i>Livro de Oseias</i>	<i>Cl.</i>	<i>Carta aos Colossenses</i>
		<i>Ef.</i>	<i>Carta aos Efésios</i>
		<i>Flp.</i>	<i>Carta aos Filipenses</i>
		<i>Gl.</i>	<i>Carta aos Gálatas</i>
		<i>Hb.</i>	<i>Carta aos Hebreus</i>
		<i>Jo.</i>	<i>Evangelho segundo São João</i>
		<i>Lc.</i>	<i>Evangelho segundo São Lucas</i>
		<i>Mc.</i>	<i>Evangelho segundo São Marcos</i>
		<i>Mt.</i>	<i>Evangelho segundo São Mateus</i>
		<i>NT</i>	<i>Novo Testamento</i>
		<i>Rm.</i>	<i>Carta aos Romanos</i>
		<i>Tt.</i>	<i>Carta a Tito</i>

<b>Outras</b>			
<i>Metodologia</i>		<i>Outros Documentos</i>	
§	parágrafo(s)	<i>AAS</i>	<i>Acta Apostolicae Sedis</i>
cf.	conferir	<i>CDC</i>	<i>Código do Direito Canônico</i>
v.	versículo	<i>CdIC</i>	<i>Catecismo da Igreja Católica</i>
s.	seguinte	<i>CIV</i>	<i>Caritas in veritate</i>
ss.	seguintes	<i>DCE</i>	<i>Deus Caritas est</i>
		<i>DH</i>	<i>Enchiridion Symbolorum definitionum et declarationum de rebus fidei et morum</i>
		<i>DSp</i>	<i>Dictionnaire de Spiritualité: ascétique et mystique, doctrine et histoire</i>
		<i>DMOV</i>	<i>Dia Mundial de Oração pelas Vocações</i>
		<i>PG</i>	<i>Patrologia Grega</i>
		<i>SS</i>	<i>Spe salvi</i>

## INTRODUÇÃO

Abordar o tema da vocação é um assunto atual, sobretudo quando cada vez mais as pessoas não compreendem ainda o seu fundamento e a sua essência, tendo-se normal passado a fazer testes “vocacionais”, não na Igreja, mas em clínicas de uma Psicologia que, não tendo vocabulário próprio, se tem tornado uma mistura de alhos com bugalhos provindos das mais diversas áreas: da neurologia à filosofia, passando-se pela biologia humana. No âmbito cristão católico, quando falamos de “vocação” estamos a remeter imediatamente para uma íntima união a Deus no seu amor. A Constituição Pastoral “*Gaudium et spes*”<sup>1</sup> descreve-nos isso mesmo ao referir que:

«a razão mais sublime da dignidade do homem consiste na sua vocação à união com Deus. É desde o começo da sua existência que o homem é convidado a dialogar com Deus: pois, se existe, é só porque, criado por Deus por amor, é por Ele por amor constantemente conservado; nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e se entregar ao seu Criador».<sup>2</sup>

Texto belíssimo e muito burilado, certamente, pelos Padres Conciliares e que deixa bem claro que aquele que se sente chamado por Deus, no seu amor, descobre, em si, a semente da vontade de deixar tudo para O seguir, respondendo assim à Sua chamada salvífica e realizadora da sua identidade pessoal. O importante é que cada um, fazendo um bom discernimento alentado pela força da oração e da prática sacramental, descubra a vontade subjetiva para a qual Deus o chama em direção a Si através de múltiplas mediações.

«A vocação, no seu sentido religioso, implica sempre uma experiência de conversão e de estruturação pessoal a partir dos valores de Deus numa nova direção vital».<sup>3</sup> O chamamento é um dom de Deus, em que o homem,<sup>4</sup> no seu diálogo amoroso com Ele, abre o seu coração à Sua voz. Jesús Luzarraga expressa-nos precisamente isto quando sustenta que

«o que está na origem da comunicação de Deus ao homem, da Sua Palavra, é o Seu Amor, é a bondade comunicativa do seu amor que dinamiza toda a entrega a Deus, a entrega que é faz da sua existência, e também a entrega que ele faz do seu Filho ao mundo (Jo 3, 16), no qual

---

<sup>1</sup> II Concílio do Vaticano, *Constituição Pastoral Gaudium et spes*. AAS 58 (1966): 1025-1120

<sup>2</sup> II Concílio do Vaticano, n.º 19

<sup>3</sup> Jesús Luzarraga, *Espiritualidad bíblica de la vocación* (Madrid: Ediciones Paulinas, 1984), 7.

<sup>4</sup> Neste nosso trabalho, este termo pretende ser inclusivo, englobando varões e mulheres (cf. *Gn.* 1,26s em que “adam” / אָדָם / “homem” é simultaneamente “zakar” / זָכָר / “varão” e “neqebah” / נִקְבָּה / “mulher”).

transmite a sua revelação. A este chamamento de Deus, ao seu amor, corresponde no homem uma resposta amorosa de entrega e da sua consagração».<sup>5</sup>

Esta Dissertação de demonstração de apuro científico insere-se na conclusão de um curso de Mestrado Integrado em Teologia, e tem como finalidade e objetivo refletir sobre a, sempre importante e pertinente, temática da vocação no pensamento do Papa Bento XVI, tal como o mesmo está particularmente presente nas suas Mensagens para os diversos DMOV. A vontade da escolha deste tema surgiu da conjugação de três fatores: do nosso interesse e preocupação pela tão importante causa da vocação e das vocações; do poder, ainda que remotamente, dar a conhecer essa temática a todo o povo de Deus como seu nobre dever para a vida da Igreja; e, por fim, devido ao facto de, no nosso próprio percurso vocacional, o Papa Bento XVI e as suas intervenções terem sido vividas por nós com uma grande força empática.

No âmbito do Ano da Eucaristia em 2005, com João Paulo II, nós, juntamente com o sacristão da nossa pequena paróquia rural, fundamos um grupo de oração pelas vocações, em que, todos os meses e em assembleia cristã, orávamos por esta causa. Esta iniciativa, a par do ir lendo os principais textos de Bento XVI, gerou em nós uma grande motivação para promover as vocações e as dar a conhecer aos demais, face ao já dito cenário, assaz geral, de “indiferença” pelas vocações, bem como pela forma, desconexa e insuficiente, como víamos algumas comunidades cristãs as viviam e promoviam. Assim sendo, com o presente Trabalho pretendemos dar a conhecer alguns aspetos mais importantes para a compreensão e vivência do que está por detrás do termo “vocação”. Ou seja: pretende mostrar, através do pensamento do nosso Autor a partir, a diversidade das várias vocações e a forma pela qual devem ser vividas, conforme as suas próprias características e fundamentos enquanto “sins” dialogais a Deus em prol dos demais.

Para a concretização deste Trabalho em que estamos, agora, a introduzir o nosso possível leitor, foram de enorme ajuda, quer o nosso Orientador e outros companheiros de vida, quer os textos que estão presentes na Bibliografia final. Na escolha desta Bibliografia por nós usada, empregámos as fontes disponíveis e possíveis, consoante as diversas temáticas descritas, sendo de lamentar que, devido às normas de empréstimos inter-bibliotecários, não tenhamos tido parte das ditas fontes em nossa posse durante muito tempo. De qualquer modo, as fontes mais importantes que consideramos oportuno destacar são, sem dúvida alguma, as Mensagens do Papa Bento XVI para os Dias Mundiais de Oração pelas Vocações, bem como outros textos seus, seja como Sumo-Pontífice, quer como “apenas” cardeal.

---

<sup>5</sup> Luzarraga, *Espiritualidad bíblica de la vocación*, 12.

Pois bem, o primeiro Capítulo do nosso Trabalho aborda, de forma breve, alguns aspectos da vida de Bento XVI, que considerámos importantes para a compreensão e reflexão das suas mensagens vocacionais. Assim, apresentaremos uma sucinta biografia de Bento XVI, falando sobre: o seu nascimento, a sua vida familiar, o seu percurso vocacional e académico, a sua participação no II Concílio do Vaticano, o seu pontificado e, depois, um brevíssimo conjunto de apontamentos sobre as suas Cartas Encíclicas. No decorrer do nosso Trabalho, e estando já este Capítulo finalizado, fomos confrontados pela morte do Papa Emérito Bento XVI. Este acontecimento marcante está referenciado na última Parte deste Capítulo de um modo ainda mais breve, mas preferimos essa brevidade, a omiti-lo.

O segundo Capítulo do nosso Trabalho trata da cognição do termo “vocação”. Está dividido em duas Partes: a fundamentação bíblica de vocação e a compreensão de “vocação” na teologia contemporânea. Considerámos por bem, e como dissemos, recorrer, embora de uma forma compacta, à Sagrada Escritura para irmos entrando no entendimento do que é a vocação: o que diz esse termo, quem é o seu emissor, quem é o seu destinatário. É certo que poderíamos escolher uma outra abordagem nesta Parte “bíblica”, dando atenção a outros exemplos vocacionais bíblicos. Todavia, e sempre focados no escopo de possibilitar a melhor compreensão da realidade vocacional, os que elencamos pareceram-nos os mais significativos para um Trabalho que não é exegético nem bíblico.

Já na abordagem da nossa exposição para a Parte referente à fundamentação na teologia contemporânea, recorreremos, particularmente e como base de apoio, a alguns dicionários e enciclopédias de renome, bem como a diversas fontes do Magistério mais recente da Igreja Católica. Fruto disto, foi-se delineando um bosquejo do que pode ser entendido como o que a Igreja Católica concebe quando se refere a “vocação”. Teria sido interessante usar, igualmente, os escritos de dois ou três teólogos coevos que refletiram sobre tal tema, mas isso seria abrir uma “Caixa de Pandora” que tornaria a realização deste Trabalho exequível face às circunstâncias e fins em que foi realizado.

O terceiro Capítulo versa sobre o âmago do nosso Trabalho: a vocação nas Mensagens de Bento XVI para o Dia Mundial de Oração pelas Vocações. Nesta exposição, depois de lidas todas as oito mensagens no conjunto do seu pontificado, partimos do delimitar o objeto do nosso Estudo a cinco temas que considerámos os mais importantes – quer quantitativamente, quer, especialmente, qualitativamente – para o desenvolvimento do nosso labor. Assim, para que o que acabámos de referir fosse realizado de forma fecunda foi necessário estabelecer um “fio condutor”, mesmo sabendo que, em algumas situações, nos iríamos mover como a peça do “Cavalo” num “Tabuleiro de Xadrez”: uma ou duas casas numa direção e, respetivamente, duas ou uma casa numa direção perpendicular, o que fez, por

vezes, com que algumas ideias surjam repetidas. E isto, seja para re-enganchar um novo assunto nesse “fio condutor”, seja para recuperar um tema já tratado e que precisava mesmo de ser novamente evocado para a persecução do nosso labor.

Nesta divisão temática da terceira Parte da nossa Dissertação, iniciaremos a nossa exposição com a exposição de que a vocação nasce sempre da iniciativa do amor de Deus por nós. Aqui verificaremos a adesão a Deus como primordial e no sentido em que se cada um se abre à escuta do chamamento, este partiu d’Aquele.

O segundo tema versa sobre a Igreja como Vocação de Mistério e Comunhão, dado que, e após uma leitura atenta e cuidada das suas mensagens, a palavra mais usada pelo nosso teólogo nas referidas Mensagens para os diversos DMOV é “Igreja”. Dela faz parte todo o povo de Deus, o qual é convidado a participar nos mistérios salvíficos de Cristo que Ele mesmo nos dá a comungar em plena comunhão por meio dos Sacramentos, meios fundamentais para o normal germinar, crescer e frutificar de uma vocação.

O terceiro tema refere-se à fé do amor que, invocando a vocação, mostra que esta nasce da escuta amorosa. A fé como dom de Deus une-se, assim, à escuta da palavra de Deus. A oração e os sacramentos, enquanto expressão da dita adesão, ajudam-nos a compreender melhor tal vivência que nos expropria de tudo o que é apenas “nosso”, para passarmos a viver “fora de nós” em benefício dos demais. E isto, dentro de uma das três grandes formas de vida cristã: a sacerdotal, a religiosa e a, por vezes menosprezada, laical, em particular a matrimonial.

O quarto item desta nossa abordagem tratará da Igreja local como tempo e o espaço por excelência da vocação; o *locus sine qua non* surgem as vocações como expressão de um “sim” sito individualmente, mas sempre igualmente comunitário, à Revelação. A Igreja é, geralmente e sem dúvida alguma, o verdadeiro e principal lugar para que a vocação se apresente como proposta para todos. Nela encontramos o sentido e o verdadeiro valor eclesiológico da vocação. Assim sendo, veremos que a Igreja local, e cada comunidade nela existente, deve incentivar a todos os fiéis a rezarem e orarem, pelas vocações. Depois, cada um, consoante os seus carismas e dons, está desafiado a evangelizar e a ser missionário na Igreja de Cristo para que possa dar a conhecer Jesus Cristo.

O quinto tema, deste último Capítulo, irá tratar da vocação como serviço e testemunho. Aqui, a nossa reflexão enquadra-se no testemunho que todo o vocacionado deve apresentar consoante os valores do Reino que do Deus-Amor com Quem se vai configurando progressivamente. Todos nós somos chamados à santidade e, por isso, devemos responder ao apelo de Deus, que constitui a base vocacional depois testemunhada eclesialmente, através do serviço de amor concreto ao próximo.

Uma vez feita a precedente apresentação, é ocasião de deixarmos aqui um conjunto de observações de carácter redaccional. Primeiro, devido ao que seria uma sobrecarga de hiperligações nas notas de rodapé, decidimos omiti-las e coloca-as apenas na Bibliografia. Em segundo lugar, no que se refere ao *CDC*, ao *CdIC* e ao *DH* indicaremos as Partes citadas e/ou aludidas dos mesmos apenas pela sua divisão interna no corpo de texto.

Em terceiro lugar, e a respeito das Cartas Encíclicas de Bento XVI, na primeira vez que nos referiremos às mesmas, poremos, em rodapé, a sua localização na *AAS*, incluindo, ou não, a sua divisão interna, mas nas outras ocasiões, colocaremos somente as respetivas indicações no corpo do texto. Em quarto lugar, ocorrerá algo de semelhante (mas não idêntico) sobre outros documentos do Magistério que usámos: só indicaremos a localização interna dos mesmos na *AAS* em rodapé aquando da primeira vez que os citarmos ou aludirmos, limitando-nos, depois, a indicar, sempre em rodapé, a sua divisão interna. Por fim, acerca de citações ou alusões a propósito dos DMOV e/ou outros pronunciamentos pontifícios sem localização física, estes virão sempre em rodapé, onde, além da data (na primeira alusão), juntaremos a indicação de parágrafo (§) quando esta não existe ou é insuficiente.

Em todos estes casos, nos quais colocaremos a data dos mesmos sempre que acharmos oportuno, desejámos que esta Dissertação possa ser lida de uma forma mais corrida.

Pois bem, estamos a concluir esta Introdução. E vamos fazê-lo dirigindo uma palavra de agradecimento ao Orientador desta Dissertação. A ele é devido um particular relevo: o seu estímulo, acompanhamento, profissionalismo, preciosos contributos; e, também, pelo trabalho que teve nas diversas etapas da redação do nosso texto. Por diversos e pertinentes motivos, gostaríamos ainda de agradecer: a Frei José Alberto da Cruz Dias, OFM<sup>Cap.</sup>; a Dom Joaquim Ferreira Lopes, OFM<sup>Cap.</sup>; a Frei Paulo Jorge Monteiro Ferreira, OFM.; a Dom Bernardino Ferreira da Costa, OSB.; à *Província Portuguesa da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos*; aos Professores da *Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa* no Porto e em Braga, que me acompanharam no percurso formativo e académico.

E como nem só de agradecimentos vive um homem, gostaríamos de igualmente deixar aqui umas sentidas dedicações. Simples e humildes, como se quer de um bom capuchinho:

Aos meus Pais,  
irmãos, cunhado e sobrinho.

Ao Frei José Alberto da Cruz Dias.

Ao Padre Marco Paulo dos Santos Alves.

Ao Padre Carlos Armindo Oliveira Felgueiras.

E, por fim, à Comunidade Paroquial de São Cipriano da Refontoura,  
onde nasci e consolidei a minha vocação.



## **CAPÍTULO I:**

### **BREVE BIOGRAFIA DE BENTO XVI**

Não é fácil escrever a vida de uma pessoa. Nunca a conhecemos totalmente, nem ela a si mesma, por sinal, pois há sempre ângulos cegos que se lhe escapam. Somos o que fizemos, pensámos, vivemos, recordámos e, sobretudo, interpretámos acerca disso ao longo dos dias que se vão passando. Neste sentido é com alguma apreensão que desejamos que este nosso primeiro Capítulo seja uma biografia, ainda que breve, de uma pessoa: Joseph Ratzinger. De facto, sabemos, logo à partida, que estamos como que derrotados no nosso empreendimento. Todavia, se estivermos conscientes – como estamos – dessas limitações, as assumirmos e, mesmo assim, tentarmos dar o nosso melhor a partir das fontes que arranjámos, não será uma “derrota” inglória. Nem sequer uma “vitória moral”, antes um triunfo para quem, como nós e no fundo, apenas aspira a apresentar alguns dados biográficos de Joseph Ratzinger para, com esse enquadramento em mente, fazermos um melhor aprofundamento das suas mensagens e do seu pensamento.

#### **1.1.- O “ventre” histórico e familiar**

A Europa em particular – e não só ela, mas igualmente o Mundo em geral – do primeiro quartel do século XX, tinha vivido um fenómeno até então nunca imaginado: uma guerra à escala mundial: a Primeira Guerra Mundial, que durante quase 5 anos dizimou milhões de pessoas num conflito tão néscio quão dramático.<sup>6</sup> Tudo o que se viveu nesse período, e, compreensivelmente, no subsequente, trouxe terríveis, consequências não apenas a nível imediato, mas também a longo prazo. Consequências essas, que se fizeram sentir durante decénios, a ponto de autores haver que dizem que a própria Segunda Guerra Mundial foi uma dessas consequências, sobretudo pelo espírito revanchista antialemão que, liderado pelo democrata Woodrow Wilson – então presidente dos EUA – esteve subjacente aos acordos de Versailles de 1919.<sup>7</sup> “Acordos”? É difícil usar esta palavra para qualificar o que se passou nessa ocasião, mas é a que passou para a história.

---

<sup>6</sup> Cf. David Stevenson, *1914-1918. Historia de la Primera Guerra Mundial* (Barcelona: Debate, 2013).

<sup>7</sup> Cf. Álvaro Lozano, *La Alemania nazi (1933-1945)* (Madrid: Marcial Pons, 2011), 267ss.

Com efeito, são conhecidas as enormes sanções que foram impostas à Alemanha depois do término da Guerra, durante o referido Tratado. Este Tratado quis precaver uma futura guerra e aplicar medidas coercitivas à Alemanha e aos seus aliados, não deixando de vincar claramente que haviam sido os alemães os causadores deste primeiro conflito bélico planetário.<sup>8</sup> Todas as resoluções tomadas fizeram com que a Alemanha fosse bastante penalizada. Sem entrarmos em temas que nos afastariam em demasia dos nossos propósitos, diga-se apenas, que, no contexto económico, a Alemanha perde três quartos da sua produção mineral, sobretudo, em ferro e carvão, devido a algumas das suas mais ricas e produtivas ricas regiões que, em Versailles, foram anexados à França e à Polónia: àquela, foram dados «a Alsacia e a Lorena (nos seus territórios anteriores a 1870), o manter dos territórios del Sarre e do Reno»,<sup>9</sup> e, como se pode ler na mesma página da mesmíssima fonte um pouco à frente, à recém formada Polónia «Posem e a Prússia Ocidental, incluindo Memel e a nova Lituânia independente»

Tudo isto, associado a outros dos desígnios de tais Tratados – o fazer a Alemanha passar por uma grande humilhação –, vai-se refletir tremendamente na psique do seu povo. É um facto que, também com a ajuda da Igreja Católica, houve uma enorme tentativa de suplementação desta realidade, levada a cabo pelo esforço da geração pós-guerra. Mas não pode ocultar-se que a vergonha humilhante sentida potenciou a preparação de um terreno propício para o florescimento do nacionalismo fascista que será capitalizado por Adolf Hitler: «Hitler iniciou a sua carreira política apresentando-se como o expoente máximo do movimento anti-Versailles, aproveitando o facto de que a República nascente, extremamente fraca e pouco amada, viveria numa perpétua crise económica, política social – campo muito adequado para o crescimento dos seus inimigos totalitários».<sup>10</sup>

As gerações do pós-Primeira Grande Guerra, à qual Bento XV apodou profeticamente de «suicídio coletivo da grande civilização cristã»,<sup>11</sup> viveram com bastantes dificuldades, às vezes raiando a extrema pobreza, mas com uma vontade forte de ultrapassar um passado recente que tinha deixado uma marca indelével na história e no povo germânico. É justamente neste cenário que os pais de Joseph Ratzinger – Joseph Ratzinger Sr. e Maria Peintner – se conheceram<sup>12</sup> e casaram, numa ocasião em que já eram pessoas amadurecidas quando formaram o seu lar: conscientes de um passado, atentos ao presente e fiéis às suas raízes

---

<sup>8</sup> Cf. Peter Seewald, *Benedicto XVI: Una vida* (Bilbao: Mensajero, 2020), 25.

<sup>9</sup> María Soledad de Mateo Menéndez, *La Primera Guerra Mundial* (Madrid: Akal, 1995), 64.

<sup>10</sup> Enrique Brahm, *Hitler y la segunda guerra mundial* (Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 2012), 24.

<sup>11</sup> Bento XV, APUD Michael Burleigh, *Earthly Powers* (New York: HarperCollins, 2007), 457.

<sup>12</sup> Cf. Seewald, *Benedicto XVI*, 22s.

religiosas, que lhes conferiam uma união na diferença que convergia num fortalecer dos laços entre ambos.<sup>13</sup>

Tudo isto terá a sua influência na prole que viriam a constituir. Em concreto: três filhos: em 1921, um ano após o casamento, nasce Maria Ratzinger; depois, em 1924, foi dado à luz Georg Ratzinger; o nosso autor, o benjamim dos três irmãos, nasce três anos depois. A todos eles educam, tal como eles mesmos haviam sido educados, numa vertente religiosa muito vincada,<sup>14</sup> o que fez com que as marcas cristãs, misturadas com as dificuldades da vida, passem a estar bem visíveis no dia a dia do pequeno e jovem Joseph Ratzinger. E isto, quer no aspeto educacional, como, inclusive, na forma de enfrentar a realidade.

## **1.2.- O nascimento, infância e primeira adolescência de Joseph Ratzinger**

No Sábado da Glória, quando Cristo desce, mais vivo do que nunca, aos infernos, aconteceu o inconcebível, «o amor penetrou no reino da morte: ainda na obscuridade mais extrema podemos escutar uma voz que nos chama, procurar uma mão que nos agarra e nos tira dali».<sup>15</sup> Assim se refere ao dia do seu nascimento o nosso Autor, numa homilia proferida na sua terra natal. Na noite, na qual rebenta o pregão pascal anunciando Cristo manifestado como ressuscitado, proclama-se ao mesmo tempo o nascimento de Joseph Alois Ratzinger, num dia 16 de abril de 1927. Dia esse em que seria levado igualmente à pia batismal da Paróquia de Marktl am Inn, onde se torna membro da Igreja de Jesus Cristo «imerso na atmosfera Pascal, em que a misteriosa passagem, em Jesus, da morte para a Vida ocorre igualmente no crente».<sup>16</sup>

A época em que a sua família habitou em Marktl foi conturbada, «havia muito desemprego, as indemnizações de guerra pesavam sobre a economia alemã, o confronto político entre os partidos punha os homens uns contra os outros»,<sup>17</sup> por outro lado, as enfermidades grassavam na família Ratzinger. Enfermidades destas o nosso Pensador não se livrou, pois passou por um problemático problema de difteria que o impedia de se alimentar e suscitava no pequenino um choro contínuo, algo que marcou o seu desenvolvimento corporal, a ponto de «as pessoas terem chegado a dizer que a sua mãe teve sempre de o carregar nos seus braços, e que ela nunca deixou mais ninguém segurá-lo».<sup>18</sup>

---

<sup>13</sup> Cf. Elio Guerriero, *Benedict XVI: His Life and Thought* (San Francisco: Loyola, 2018), 23s.

<sup>14</sup> Cf. Seewald, *Benedicto XVI*, 23.

<sup>15</sup> Joseph Ratzinger, APUD Seewald, *Benedicto XVI*, 29.

<sup>16</sup> Cf. Guerriero, *Benedict XVI*, 31.

<sup>17</sup> Joseph Ratzinger, *A minha vida: Autobiografia* (Lisboa: Livros do Brasil, 2005), 8.

<sup>18</sup> Pablo Blanco Sarto, *Benedicto XVI: El Papa alemán* (Madrid: Planeta, 2011), 63.

Contudo não havia só desgraças pois também se vislumbravam aspetos positivos, tais como, a amizade entre os habitantes, o sentido da interajuda, bem como, o clima festivo existente na vida familiar e paroquial que marcavam o ritmo dos dias, pontilhados por peregrinações a um santuário mariano próximo onde vivera um frade capuchinho recentemente canonizado – Conrado de Parzham – o qual fora porteiro do convento localizado neste local, Altotting. Tudo isto fez com que, desde pequeno, Joseph Ratzinger tenha adquirido uma grande sensibilidade e atenção, e mostrado as mesmas, a pequenos pormenores, observando ele que, na verdade, por trás de fachadas sumptuosas se escondia, por vezes, uma silenciosa e envergonhada «grande pobreza devido à crise económica que havia afetado seriamente a nossa pequena cidade fronteiriça».<sup>19</sup> Uma pobreza que o comovia profundamente, o que só lhe aumentava a apreensão pelas posições anti-nazis, de raiz cristã, do seu pai: «em Aschau, o Comissário Ratzinger está horrorizado com a barragem de notícias que cai sobre o país como um granizo de bombas».<sup>20</sup>

Lembra o futuro Papa germânico que, durante a sua infância, vários acontecimentos o marcaram, como, por exemplo, os dois seguintes que nos parecem de singular relevo. Por um lado, quando o seu irmão mais velho se tornou acólito na igreja local. Por outro lado, o facto de verificar que os seus conterrâneos, mesmo de diferentes níveis sociais, procuravam aproximar-se do sacramento da Reconciliação pela altura da Páscoa. E isto, num gesto de profunda humildade que unia a todos, pobres e ricos, no reconhecimento de serem solidários num pecado que carecia de um Perdão que fora dado gratuitamente, e de uma vez para sempre, pela enorme bondade derivada do amor do Senhor Jesus.<sup>21</sup>

A vida doméstica na família Ratzinger, essa percorria o ritmo do calendário litúrgico e assim toda a sua família, em sintonia com a Igreja, ia demonstrando uma plena comunhão eclesial. Isto estava patente, particularmente e devido às recordações que deixaram no nosso Autor: primeiro, na participação nas missas *Rorare*, celebradas ainda na penumbra; depois, na construção do presépio que envolvia todos os membros da sua família na sua edificação; em terceiro lugar, as Quintas-feiras quaresmais de adoração ao Santíssimo Sacramento; e, enfim, e em associação com a leitura atenta de um missal familiar que lhe dão um gosto pela Sagrada Liturgia,<sup>22</sup> as Vigílias Pascais que, de acordo com o nosso Pensador, era celebrada «com uma seriedade e uma fé que o tocavam profundamente».<sup>23</sup>

---

<sup>19</sup> Ratzinger, *A minha vida*, 11.

<sup>20</sup> Seewald, *Benedicto XVI*, 46.

<sup>21</sup> Cf. Ratzinger, *A minha vida*, 17.

<sup>22</sup> Cf. Ratzinger, 19.

<sup>23</sup> Ratzinger, 18.

Peter Seewald ressalta na sua obra que o próprio pai de Joseph Ratzinger era um católico fervoroso e um «apaixonado praticante do culto mariano. Como membro da Congregação Mariana Masculina de Altotting, irmandade com quatrocentos anos de antiguidade, assumiu uma consagração laical de vida».<sup>24</sup> A tónica mariana na vida daquele que viria a calçar as sandálias do pescador, brotou, também e sem dúvida, do influxo paterno e contempla-se isto no gosto que ele demonstra em visitar o já referido santuário de Unsere Liebe Frau der Gnade – Nossa Senhora das Graças – desde a sua pequenez.<sup>25</sup> Neste santuário ele experimenta «a presença de uma bondade santa e curadora, a bondade da Mãe, na qual se comunica a bondade do próprio Deus».<sup>26</sup>

Pelo testemunho do seu irmão Georg, sabemos que Joseph Ratzinger, desde a adolescência, organizava a sua vida de uma forma muito metódica e sistemática a nível do estudo,<sup>27</sup> valorizando e aproveitando o tempo de que dispunha para «entrar progressivamente nesse mundo maravilhoso das mais diversas descobertas de um saber que se espalhava ante si como um Oceano que nunca se esgota».<sup>28</sup> Concomitantemente, foi desenvolvendo um apreço pelo ensino, atividade que o estimulou bastante, ao ponto de referir que esta era a sua verdadeira vocação: «esta vocação correspondia com o seu caminho de fé, do qual já desde menino foi penetrando passo a passo num mundo misterioso em que ele quer penetrar mais e mais».<sup>29</sup>

Enfim, e para terminarmos esta Secção do nosso Trabalho, façamos a referência ao facto que, no dia 9 de junho de 1937, o nosso Autor é crismado pelo Cardeal Michael von Faulhaber,<sup>30</sup> homem que, mesmo nos atribulados anos do crescendo nazi,<sup>31</sup> o havia impressionado bastante, nomeadamente quando, sendo Joseph Ratzinger ainda uma criança e adolescente, o via nas visitas episcopais ou em alguma ida familiar à cidade episcopal de Munique.<sup>32</sup> Mesmo sem desejarmos entrar no âmbito de uma hagiografia piedosa, é de se referir que tendo recebido o Espírito Santo, os seus mais próximos reconhecem que assistiram nele a um crescimento da sua vida espiritual. De facto, tudo parecia com que o Espírito estava a suscitar uma maior proximidade do nosso Autor com Deus.

---

<sup>24</sup> Seewald, *Benedicto XVI*, 58.

<sup>25</sup> Cf. Guerriero, *Benedict XVI*, 40.

<sup>26</sup> Seewald, *Benedicto XVI*, 59.

<sup>27</sup> Cf. Seewald, 79.

<sup>28</sup> Guerriero, *Benedict XVI*, 39.

<sup>29</sup> Seewald, *Benedicto XVI*, 80.

<sup>30</sup> Cf. Stephen Mansfield, *El Papa Benedicto XVI* (New York: Jeremy P. Tarcher; Penguin, 2005), 72; Marco Bardazzi, *De Joseph Ratzinger a Benedicto XVI* (Madrid: Encuentro, 2006), 42.

<sup>31</sup> Cf. John L. Allen, *Pope Benedict XVI: A Biography of Joseph Ratzinger* (London: Continuum, 2000), 26-34.

<sup>32</sup> Cf. Guerriero, *Benedict XVI*, 42.

### 1.3.- O percurso vocacional

Após a entrada do seu irmão Georg no Seminário Menor, também o nosso Autor desejou seguir o mesmo percurso, porém, os recursos económicos da família não lhe permitiram que o fizesse de imediato, tendo de permanecer na casa paterna durante mais dois anos, os quais, segundo o próprio afirma «lhe fizeram muito bem»,<sup>33</sup> pois compreendendo a escassez de recursos, lhe permitiu fomentar, ainda amais, um espírito familiar mais coeso e de interajuda e o levou a que soubesse viver com frugalidade, a qual viria a ser uma característica ao longo da vida.

Joseph Ratzinger ingressou no Seminário Menor de Traunstein no ano 1939 – fatídico no sentido de ter sido o do começo da II Guerra Mundial –, no qual, apesar «de o obrigar a viver longe da família – uma experiência tão desagradável como ter que passar duas horas diárias no campo de jogos»,<sup>34</sup> passou a ficar conhecido pelo nome pelo qual o apelidaram os seus colegas, “Hacki” – palavra cujo sentido desconhecemos, embora saibamos que deriva de alguma parecença com um dos seus professores de desenho. De qualquer modo, os seus colegas caracterizavam como sendo «reservado, sumamente tranquilo, modesto, mas, no entanto, extremamente inteligente»,<sup>35</sup> não sendo um rapaz cobarde e acomodado, pois tais mesmos colegas afirmam mesmo que tinha um certo sentido de rebeldia, embora fosse muito introvertido. E isto, também porque, sendo Traunstein uma cidade assaz grande, ia contactando de mais perto com a realidade da guerra e do que isso poderia comportar para si.<sup>36</sup>

De facto, após dois anos de estudos, e como os jovens da sua idade, o nosso Autor foi recrutado para se juntar à Juventude Hitleriana e, em 1943, foi obrigado a alistar-se nas forças armadas alemãs, tendo prestado serviço na unidade antiaérea na Baviera, antes de ter sido enviado, em 1945, para a Hungria a fim de montar armadilhas para tanques de guerra. Aí, «as pás que usava perderam a sua santidade que outrora tiveram nos quintais da família e, de um dia para o outro, tornaram-se uma ferramenta normal de trabalho».<sup>37</sup> Aproveitando o descabro vivido pelas forças alemãs na frente Leste da Guerra, Joseph Ratzinger desertou, em abril deste ano, e, já perto de sua casa,<sup>38</sup> foi capturado pelas forças militares Americanas e feito prisioneiro por um curto período de tempo num campo militar perto de Ulm.<sup>39</sup>

---

<sup>33</sup> Seewald, *Benedicto XVI*, 81.

<sup>34</sup> Allen, *Pope Benedict XVI*, 14.

<sup>35</sup> Seewald, *Benedicto XVI*, 94.

<sup>36</sup> Cf. Allen, *Pope Benedict XVI*, 13.

<sup>37</sup> Guerriero, *Benedict XVI*, 52.

<sup>38</sup> Cf. José Medina, *Benedicto XIV: el papa del nuevo milenio* (Buenos Aires: Bueno, 2005), 16.

<sup>39</sup> Cf. Allen, *Pope Benedict XVI*, 13.

Após a guerra, Joseph Ratzinger regressou para o Seminário, onde continuou a sua formação para o sacerdócio. Pelo meio de outras, não tão patentes como as da guerra, vicissitudes, o seu caminho ia-se moldando, também devido ao contacto com Gottlieb Clemens Söhngen, teólogo moderno e pouco convencional, que, primeiro como professor e depois como colega e companheiro, o marcaria: na sua reflexão acerca da «necessidade de se aproximar aos preconceitos sobre temas da atualidade, as novas perspetivas do movimento litúrgico, a investigação histórica-crítica da tradição, a simpatia pela “*Nouvelle théologie*”; os movimentos ecuménicos; e a forma de formular com clareza o próprio pensamento».<sup>40</sup>

Uma vez finalizados os seus estudos no seminário e noutros locais – a que nos referiremos mais à frente – e obtido a autorização dos seus superiores e formadores acaba por ser ordenado diácono, a 29 de outubro de 1950, por Johannes Baptist Neuhäusler – bispo auxiliar de Munique e Freising –, e, numa missa presidida pelo grande Cardeal Faulhaber na Catedral de Freising, presbítero em junho de 1951.<sup>41</sup> Rapidamente, e apesar de ser apenas um coadjutor naquilo que o levou a «começar o seu ministério com alguma preocupação»,<sup>42</sup> a sua dedicação pastoral e o seu desapego pelos bens materiais tornam-se notórios entre todos. Igualmente notórias convertem-se as suas homilias matutinas – «pois as demais eram para os mais sábios jesuítas»<sup>43</sup> –, durante as quais o, no restante da celebração, hierático e quase místico Joseph Ratzinger, se tornava tão verdadeiramente acessível e próximo, quão genuinamente brilhante<sup>44</sup> – algo que não escapava às, já então atentas, altas esferas eclesiásticas da sua diocese.

Referimos, como exemplo disto mesmo que acabámos de mencionar, a sua terceira homilia, pronunciada a 21 de janeiro de 1951, sermão probatório. Nesta, o nosso Autor, refletindo sobre a parábola dos trabalhadores na vinha do Senhor, desenvolve um pensamento, que acentua a primazia da bondade de Deus face à iniciativa humana, e em que sublinha que, no hoje da história, Jesus Se faz presente nas estradas do Mundo através de nós próprios. Nós, em especial os cristãos, que não somos meros agentes passivos dos Seus desígnios, mas genuínos Seus colaboradores no conduzir do Mundo para o Reino<sup>45</sup> – curiosamente iremos encontrar no discurso inaugural do seu pontificado, no balcão da Basílica de São Pedro, quer na sua primeira homilia como Papa, uma referência a esta homilia e ao tema nela abordado.<sup>46</sup>

---

<sup>40</sup> Seewald, *Benedicto XVI*, 233.

<sup>41</sup> Medina, *Benedicto XIV*, 16.

<sup>42</sup> Cf. Seewald, *Benedicto XVI*, 274.

<sup>43</sup> Guerriero, *El Papa Benedicto XVI*, 85.

<sup>44</sup> Cf. Mansfield, *El Papa Benedicto XVI*, 68.

<sup>45</sup> Cf. Seewald, *Benedicto XVI*, 261.

<sup>46</sup> Cf. Medina, *Benedicto XIV*, 7.

#### 1.4.- O percurso académico e conciliar

Regressando um pouco atrás no tempo, para se manter por questões de clareza separados o percurso vocacional e o académico, é de referirmos que, no ano de 1946, Joseph Ratzinger, e depois de um discernimento aturado com quem lhe era mais próximo nestes assuntos, inscreveu-se no Instituto Superior de Filosofia e Teologia em Freising, onde estudou filosofia e teologia católica. O ambiente intelectual aí, apesar de fascinante, não lhe agradou propriamente e pouco depois, em 1947, mudou-se para o seminário Herzogliches Gregorianum em Munique – um seminário interdiocesano onde todos os candidatos bávaros ao sacerdócio se reuniram<sup>47</sup> –, tendo, depois, continuado os seus estudos de filosofia e teologia na, com origens medievais,<sup>48</sup> Universidade Ludwig Maximilian de Munique, adjacente àquele, até ao ano de 1950.

Em 1953, Joseph Ratzinger – já depois de ter ganho o prémio de melhor trabalho académico na faculdade onde estudara e posteriormente a ter começado a lecionar (com uma maior convicção do chamamento divino igualmente à vida académica) – obteve o doutoramento em Teologia pela Universidade de Munique – justamente com o trabalho antes referido e intitulado “*Povo e casa de Deus na doutrina agostiniana acerca da Igreja*”.<sup>49</sup> Um trabalho em que, seguindo as intuições de Henri de Lubac que tanto lhe abriram horizontes e os estímulos de Gottlieb Söhngen, desejou comprovar que o conceito «‘Povo de Deus’ aplicado à Igreja era tão bíblico como patrístico».<sup>50</sup>

É já no ano de ter obtido a sua licença para ensinar em 1955 que com um trabalho sobre o pensamento de São Boaventura, um Franciscano do século XIII, denominado inicialmente de “*Teologia do Apocalipse*”, e mais tarde publicado com o título de “*Teologia da História em São Boaventura*”.<sup>51</sup> Daí em diante, e com outra autoridade, o nosso Autor passa a lecionar Teologia Dogmática na Escola Superior de Filosofia e Teologia de Freising até que, em 1959, mudando-se para a Universidade de Bonn, onde foi professor de 1959 a 1963. Num período de grandes mudanças na Igreja – que se cruza com a sua ascensão meteórica como teólogo, fruto de ter participado no II Concílio do Vaticano como *peritus* do Cardeal Josef Frings (bispo de Colónia –, acaba por aceitar mudar-se como docente para a Universidade de Münster (1963-1966) e, depois e a convite do teólogo Hans Küng, na de

---

<sup>47</sup> Cf. Allen, *Pope Benedict XVI*, 34.

<sup>48</sup> Cf. Aidan Nichols, *The Thought of Pope Benedict XVI: An Introduction to the Theology of Joseph Ratzinger* (New York: Burns & Oates, 2005), 20.

<sup>49</sup> Cf. Mansfield, *El Papa Benedicto XVI*, 72; Marco Bardazzi, *De Joseph Ratzinger a Benedicto XVI*, 32.

<sup>50</sup> Pablo Blanco Sarto, *La Teología de Joseph Ratzinger: Una introducción* (Madrid: Palabra, 2011), 104.

<sup>51</sup> Cf. Nichols, *The Thought of Pope Benedict XVI*, 51-62.

Tübingen (1966-1969). Enfim, em 1969, foi para a Universidade de Regensburg, onde viria, mais tarde, a tornar-se Vice-Presidente.<sup>52</sup>

Durante a sua longa carreira académica, Joseph Ratzinger escreveu um número considerável de importantes trabalhos teológicos como são exemplo: “*O Sentido da fraternidade cristã*” (1960), “*Introdução ao Cristianismo*” (1968), “*O Novo Povo de Deus: Conceitos para Eclesiologia*” (1969) e, entre outros – em especial os seus relatos das sessões conciliares – “*Dogma e Revelação*” (1973). Ainda antes da generalidade destas obras serem publicadas, e como referimos de passagem na altura oportuna, o seu trabalho teológico despertou a atenção do arcebispo de Colónia, Joseph Frings, que pediu a Joseph Ratzinger para colaborar como perito no II Concílio do Vaticano (1962-1965). Sendo, pelo menos na aparência e face a um panorama geral romano esclerosado, uma das figuras mais progressistas no Concílio, Ratzinger opôs-se àqueles que queriam limitar a reforma desejada por João XXIII.<sup>53</sup>

Deveras, consultado regularmente, antes e durante o Concílio, acerca os esboços preparatórios (esquemas) que seriam apresentados aos Padres Conciliares, Ratzinger não deixou de fazer ver que eram teologicamente imaturos, fechados e incapazes de, articulando os avanços da teologia com as aspirações mais saudáveis do Mundo Moderno, terem algo a dizer a este, anunciando, como depois fará como Papa, o bom e denunciando o mau.<sup>54</sup> Este foi um período em que enriqueceu muito os seus conhecimentos teológicos, pois teve a oportunidade de conhecer cardeais e bispos de todo o mundo e muitos teólogos de calibre excepcional, tais como, numa primeira linha, Lubac, Daniélou, Congar e Courtney Murray, bem como, embora noutra linha, Küng e Schillebeeckx.<sup>55</sup>

Entre os seus contributos para o desenrolar do II Concílio do Vaticano, vários são de relevo. Preparou muitos discursos para o Cardeal Frings. Proferiu palestras teológicas sobre temas importantes para os bispos de língua alemã. Na “*Lumen gentium*”,<sup>56</sup> onde sempre quis o texto sobre Maria,<sup>57</sup> chamou a importância para a necessidade de se entender a Igreja como *Mysterium* que, com Deus, forma um só povo no corpo de Cristo e no templo do Espírito Santo: «Ratzinger sempre insistiu que o mistério de Deus e a Teologia da Trindade devem ser critério da eclesiologia, pois só assim a Igreja será devidamente entendida como comunhão

---

<sup>52</sup> Cf. Guerriero, *Benedict XVI*, 123-215.

<sup>53</sup> Vittorio Messori e Joseph Ratzinger, *The Ratzinger Report* (San Francisco: Ignatius, 1985), 41.

<sup>54</sup> Cf. David Gibson, *The Rule of Benedict: Pope Benedict XVI and His Battle with the Modern World* (New York: HarperOne, 2006), 149-179.

<sup>55</sup> Cf. Brendan J. Cahill, *The Renewal of Revelation Theology (1960-1962): The Development and Responses to the Fourth Chapter of the Preparatory Schema De Deposito Fidei* (Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1999), 172-173.

<sup>56</sup> Cf. II Concílio do Vaticano. *Constituição Dogmática Lumen gentium*. AAS (1965): 5-67.

<sup>57</sup> Cf. Guerriero, *Benedict XVI*, 527.

com Deus [...] e toda humanidade». <sup>58</sup> Na “*Dei Verbum*” <sup>59</sup> ajudou a centrar a Revelação como a base, o âmago e a meta de toda a teologia e a entender as vias dessa mesma Revelação. <sup>60</sup> Enfim, e afora esses casos pontuais, a sua influência ajudou a mudar o sentido, o timbre e os temas do Concílio. <sup>61</sup>

Na análise comum do seu percurso, enquanto professor universitário, é comum dizer-se que Joseph Ratzinger experimentou uma mudança a nível dos seus próprios pontos de vista teológicos, expressa, por exemplo, na passagem da “mais liberal” revista *Concilium*, criada com Hans Küng e Karl Rahner em 1965, para, em 1972, a “mais conservadora” *Communio*, com a colaboração dos jesuítas Hans Urs Von Balthasar e Henri de Lubac. <sup>62</sup> Supostamente isso ter-se-á devido a um trauma sofrido durante os protestos estudantis de 1968 e 1969 e às denúncias do Cristianismo que testemunhou em Tübingen, que, segundo essa análise comum e popular, até o fizeram abandonar as salas de aulas. Contudo, esta opinião tão comum como popular, não suporta um escrutínio sério: o nosso Teólogo nunca passou por trauma algum, tendo, ates, mantido sempre um bom ambiente com os estudantes; <sup>63</sup> sempre se manteve fiel ao seu pensamento teológico mais amplo; e nunca abandonou as suas aulas como, isso sim, fez Hans Küng – «que simplesmente cancelava aulas ou mandava os seus ajudantes para as mesmas», <sup>64</sup> tal como diz o teólogo Peter Kuhn –, o qual, depois, foi o instigador do colocar tais mitos a circular.

Triste vida a de Küng, o qual só logrou celebridade, não tanto pelos seus livros – alguns dos quais muito interessantes (“*Credo*”, “*Os Grandes Pensadores do Cristianismo*”, “*Deus existe?*”, “*Vida Eterna?*”, etc.) – mas, quer pela auto-publicidade que soube construir ao seu redor, quer pelas diatribes, algumas vezes nada cristãs na sua expressão, que suscitava para ser ouvido e ter “tempo de antena”. Quem é que um dia ficará para a história: o pastor-teólogo humilde ou o teólogo-pastor orgulhoso? Depende se a Igreja e a humanidade em geral seguirem mais ou menos o “*Magnificat*” que, posto pelo autor do “*Evangelho segundo Lucas*” na boca de Maria, traduz uma total inversão de valores e prioridades: dos valores e prioridades do mundano para as prioridades e valores do Reino do Deus que é Amor e nada mais do que Amor.

---

<sup>58</sup> Sarto, *La Teología de Joseph Ratzinger*, 102.

<sup>59</sup> II Concílio do Vaticano, *Constituição Dogmática Dei Verbum*. AAS 58 (1966): 817-835.

<sup>60</sup> Cf. Nichols, *The Thought of Pope Benedict XVI*, 79-86.

<sup>61</sup> Cf. Seewald, *Benedicto XVI*, 329-470.

<sup>62</sup> Cf. Bento XVI e Peter Seewald, *Luz do Mundo: o Papa, a Igreja e os Sinais dos Tempos. Uma conversa com Peter Seewald* (Cascais: Lucerna, 2010), 180.

<sup>63</sup> Cf. Seewald, *Benedicto XVI*, 519.

<sup>64</sup> Peter Kuhn, APUD Peter Seewald, *Benedicto XVI*, 520.

## 1.5.- O episcopado

Em março de 1977, Ratzinger foi nomeado arcebispo de Munique e Freising, por Paulo VI,<sup>65</sup> sendo que somente depois de uma profunda consideração é que o nosso Autor a aceita. Acaba por receber a sua consagração episcopal a 28 de Maio de 1977 de Josef Stangl, Bispo de Würzburg, «juntamente com o bispo de Regensburg, Rudolf Graber, e o bispo auxiliar Ernst Tewes».<sup>66</sup> Para o seu lema episcopal escolhe uma expressão retirada da Terceira Epístola de João: «*cooperatores veritatis*» (3Jo. 1,8), «cooperadores da verdade» – com um termo notoriamente no plural – para mostrar que o cristianismo brota do amor de Deus-Amor, que nos ama e que nos leva os seres humanos a amar, que nós devolvemos a Deus e daí uns aos outros.<sup>67</sup>

Três meses depois de tal nomeação, Paulo VI o constituiu cardeal, sendo que o seu tempo como bispo será breve, e só não foi mais breve devido a ter pedido a João Paulo II para permanecer na Baviera durante mais algum tempo, após este o ter chamado por uma primeira vez para Prefeito da Doutrina da Fé,<sup>68</sup> seja pelo reconhecimento do seu enorme valor como teólogo, seja por saber que seria na Alemanha que o futuro do Cristianismo se decidiria nas próximas décadas – essa Alemanha separada, então, artificialmente, entre a Federal a Ocidente e a Democrática a Oriente.

De facto, em 25 de novembro de 1981, foi chamado novamente para o Vaticano pelo seu amigo, o Papa João Paulo II, que o conhecia bem desde 1977, para Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé<sup>69</sup>. O dia 28 de fevereiro de 1982 marca o seu adeus de bispo de Munique e Freising, tendo nesse dia sido realizado, como atos de despedida que lhe deixaram «profundamente triste»<sup>70</sup>: uma Missa Pontifícia, uma oração na Mariensäule (a Coluna Mariana) e um evento cerimonial na Herkulesaal, na Residência de Munique. Com o tempo, o nosso Pensador tornou-se também Presidente da Pontifícia Comissão Bíblica, da Pontifícia Comissão Teológica Internacional e, enfim, Decano do Colégio dos Cardeais a 30 de novembro de 2002.

O Papa e o seu Prefeito partilharam uma história similar, ambos tinham vivido debaixo de regimes totalitaristas, e os seus pontos de vista, concernentes à Igreja, eram, substancialmente, os mesmos, embora o primeiro fosse um filósofo e o segundo um Teólogo,

---

<sup>65</sup> Cf. John L. Allen, «Who is Joseph Ratzinger?», em *Political Papacy: John Paul II, Benedict XVI, and Their Influence*, ed. Chester Gillis (Abingdon; New York: Routledge, 2018), 14 [7-21].

<sup>66</sup> Guerriero, *Benedict XVI*, 255.

<sup>67</sup> Cf. Thomas P. Rausch, *Pope Benedict XVI: An Introduction to His Theological Vision* (New York; Mahwah: Paulist Press, 2009), 42.

<sup>68</sup> Cf. Allen, *Pope Benedict XVI*, 49-50.

<sup>69</sup> Cf. Guerriero, *Benedict XVI*, 288-289.

<sup>70</sup> Seewald, *Benedict XVI*, 125.

algo que «formou uma parceria interessante».<sup>71</sup> Por mais de duas décadas, Ratzinger foi o conselheiro mais próximo do Papa João Paulo II, reunindo-se semanalmente com ele sempre que possível, pois como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé – departamento do Vaticano responsável pela preservação da doutrina católica e avaliação de acordo com o *CDC* da disciplina do clero – essa articulação, tão fecunda durante anos e anos, era, cremos, absolutamente necessária.

Devido ao seu papel, e ao seu estilo teologicamente interventivo face a exageros que iam surgindo e perdurando – como, por exemplo, os casos de Marcel Lefebvre, da Teologia da Libertação, do franciscano brasileiro Leonardo Boff, do moralista americano Charles Curran, do jesuíta indiano Anthony de Mello e dos igualmente jesuítas Tissa Balasuriya (do Sri Lanka) e Jacques Dupois (Belga). Apesar da sua reputação popular de ser alguém intolerante e inquisitorial – muitas delas alimentadas, cheias de rancor e infâmia, por Hans Küng na «imprensa ocidental»<sup>72</sup> –, mesmo os seus críticos mais severos reconheceram a sua inteligência e a sua capacidade de discutir assuntos polémicos com um espírito objetivo e desapegado, cheio de humildade e gentileza.<sup>73</sup>

Embora Ratzinger insistisse na centralidade universal da fé católica em relação às outras religiões, que ele considerava insuficientes como meio de salvação – recordemos o documento “*Dominus Iesus*” de (2001)<sup>74</sup> –, não se deve deixar de referir, mesmo que de passagem, que ele também esteve intimamente envolvido nos esforços históricos do Papa João Paulo II para dialogar com outras religiões, especialmente, o judaísmo e o islamismo.<sup>75</sup> Enfim, o seu papel na publicação, em 1992, do *CdIC*<sup>76</sup> é igualmente de importância capital, não menos porque João Paulo II considerou esse evento, juntamente com a promulgação do novo *CDC* em 1983, o encerrar dos pedidos do II Concílio do Vaticano; isto é, o «documento final»<sup>77</sup> deste Concílio.

## 1.6.- O pontificado

A eleição do Cardeal Ratzinger como Papa é antecedida de momentos que, como vimos na Secção anterior, marcam a História da Igreja. Mas há outros, mais próximos de tal

---

<sup>71</sup> George Weigel, *Witness to Hope: The Biography of Pope John Paul II* (New York: Harper, 1999), 444.

<sup>72</sup> Allen, *Pope Benedict XVI*, 295.

<sup>73</sup> Cf. Seewald, *Benedicto XVI*, 795.

<sup>74</sup> Cf. Congregação para a Doutrina da Fé, *Declaração Dominus Iesu*, AAS n.º 92 (2000), 742-765.

<sup>75</sup> Cf. Edward Kessler, *Jews, Christians and Muslims in Encounter* (London: SCM Press, 2013), 71.

<sup>76</sup> Cf. Joseph Ratzinger, *Gospel, Catechesis, Catechism: Sidelights to the Catechism of the Catholic Church* (San Francisco: Ignatius, 1997).

<sup>77</sup> John J. Coughlin. *Canon Law: A Comparative Study with Anglo-American Legal Theory* (Oxford; New York: Oxford University Press, 2011), 37.

eleição, que merecem ser recordados. Já sabemos que, enquanto Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, o nosso Autor colaborou muito de perto com João Paulo II, mas, na parte final da vida do Papa polaco, quase assistimos a uma simbiose entre ambos, que se unem na caridade e no amor. Disto é exemplo, digno de especial menção, a Via Sacra de 25 de março de 2005, presidida por Joseph Ratzinger e na qual o Papa João Paulo II se integrou a partir do seu quarto no Vaticano, não sem antes, ao entregar àquele uma singela cruz de madeira, de cerca de um metro de altura, lhe ter dito: «aqui tens... agora cabe-te a ti levá-la, eu já não posso».<sup>78</sup>

Ratzinger torna-se, assim, como que o cireneu de João Paulo II, transportando, num “em vez dele” que foi também um “com ele”, a cruz da Igreja que, sabemos hoje bem melhor, era, e ainda é, imensa, embora, ao contrário do que foi uma certa prática corrente durante anos, não mais se coloque a “culpa” apenas «na permissividade sexual e no velho espantinho do relativismo moral».<sup>79</sup> É igualmente de referir o momento da homilia das exéquias fúnebres de João Paulo II, em que Ratzinger inicia a homilia com a expressão evangélica do convite feito aos apóstolos: «segue-me» (Lc. 9,59) e, a partir daqui, reproduz um pensamento vocacional e de resposta à voz de Cristo patente na vida do Papa defunto e que, para o nosso Autor, como que se deveria tornar modelo para todos os que O seguem.<sup>80</sup> Neste sentido, o então Decano do Colégio Cardinalício, referiu: «o Santo Padre depois foi sacerdote até ao fim, porque ofereceu a sua vida a Deus pelas suas ovelhas e por toda a família humana, numa doação quotidiana ao serviço da Igreja e sobretudo nas difíceis provas dos últimos meses. Assim tornou-se uma só coisa com Cristo, o bom pastor que ama as suas ovelhas».<sup>81</sup>

Por fim, temos a notável homilia na “*Missa pro eligendo pontífice*”, onde o nosso Pensador, apresentando um diagnóstico teológico clarividente da situação no Mundo – naquilo que muitos dizem que tornou a sua eleição pontifícia uma quase certeza<sup>82</sup> e à qual ainda falta, na nossa opinião, prestar a devida atenção –, se faz como que voz das grandes ansiedades do falecido Papa João Paulo II e aponta caminhos para o futuro:

«quantos ventos de doutrina conhecemos nestes últimos decénios, quantas correntes ideológicas, quantas modas do pensamento... A pequena barca do pensamento de muitos cristãos foi muitas vezes agitada por estas ondas lançada de um extremo ao outro: do marxismo ao liberalismo, até à libertinagem, ao coletivismo radical; do ateísmo a um vago misticismo religioso; do agnosticismo ao sincretismo e por aí adiante. (...) Ao contrário, nós,

---

<sup>78</sup> Sewald, *Benedicto XVI*, 748.

<sup>79</sup> Hugh Costello, *Pope John Paul II: Pontiff* (New York: Cavendish Square, 2017), 113.

<sup>80</sup> Cf. George Weigel, *God's Choice: Pope Benedict XVI and the Future of the Catholic Church* (New York: HarperCollins, 2005), 75-103.

<sup>81</sup> Joseph Ratzinger, *Homilia na Missa das Exéquias do Romano Pontífice João Paulo II*, § 3, 8 de abril de 2005

<sup>82</sup> Cf. Paul Collins, *God's New Man: The Election of Benedict XVI and the Legacy of John Paul II* (London; New York: Continuum, 2005), 127-133.

temos outra medida: o Filho de Deus, o verdadeiro homem. É ele a medida do verdadeiro humanismo. “Adulta” não é uma fé que segue as ondas da moda e a última novidade; adulta e madura é uma fé profundamente radicada na amizade com Cristo».<sup>83</sup>

Depois destes eventos comoventes, a eleição de Ratzinger como Papa, logo no segundo dia do Conclave, foi, certamente, uma surpresa, não menos porque ele possuía o estatuto de “*papabile*”; mas, na maioria dos casos estes candidatos nunca são escolhidos, ilustrando isto o dito popular, pelo menos em Roma, durante séculos: “quem entra como Papa sai como cardeal”. Claro que houve exceções na história – como aconteceu com as escolhas de Bento XV, Pio XII, Paulo VI –, mas o pensamento por detrás dessa frase, ou provérbio, é muito claro: onde o Espírito Santo consegue mover os corações dos homens, deve-se esperar surpresas, pois Ele é o Senhor que dá Vida sempre nova.

De facto, a sua escolha pelos cardeais eleitores foi aparentemente assegurada: pelo seu longo serviço ao Papa João Paulo II; a devoção que lhe dedicava quanto aos seus ensinamentos e ideais; e, inerentemente, uma convicção de continuidade depois de um papado tão extraordinário, face ao qual apenas alguém igualmente extraordinário poderia garantir tal continuidade.<sup>84</sup> Embora o nosso Autor tenha dito que orou para não ser escolhido – terá mesmo, segundo Walter Kasper, proferido uma jaculatória, durante o Conclave, baseada em palavras de Jesus, quando este se encontrava no Jardim de Getsémani: «Senhor, não me façais isto! Tendes mais novos e melhores»<sup>85</sup> – acabou humildemente por aceitar a sua eleição, a 19 de abril de 2005. Deste modo, tornou-se Papa aos 78 anos de idade – o mais idoso Papa escolhido desde o Papa Clemente XII, Sumo Pontífice entre 1730 e 1740.<sup>86</sup> A sua escolha pelo nome de Bento XVI baseou-se em São Bento de Núrsia, padroeiro da Europa e fundador do monaquismo ocidental, bem como nos Papas anteriores que tiveram este nome, sobretudo Bento XV, que serviu de mediação entre os beligerantes durante a Primeira Guerra Mundial.<sup>87</sup>

Imediatamente após a sua eleição avançou, continuando, na linha dos documentos do II Concílio do Vaticano e de um modo mais centrado na verdade do que no mero encontro orante pelo encontro orante, o diálogo de João Paulo II com o judaísmo e o islamismo e com outras igrejas cristãs.<sup>88</sup> Sobretudo, declarou ele que um dos seus objetivos era revitalizar a Igreja Católica na Europa, conforme fez, pessoalmente e a seu jeito, nos brilhantes discursos

---

<sup>83</sup> Joseph Ratzinger, *Homilia na Santa Missa «Pro Eligendo Romano Pontifice»*, § 8, 18 de abril de 2005.

<sup>84</sup> Cf. Mary Ann Walsh, *From Pope John Paul II to Benedict XVI* (Lanham; Oxford: Sheed & Ward, 2005), 163.

<sup>85</sup> Walter Kasper, APUD Bento XVI e Seewald, *Luz do Mundo*, 75.

<sup>86</sup> Cf. Seewald, *Benedicto XVI*, 1010.

<sup>87</sup> Cf. *Benedicto XVI*, 815.

<sup>88</sup> Cf. II Concílio do Vaticano, *Declaração Nostra aetate*. AAS 58 (1966): 740-744; II Concílio do Vaticano, *Decreto Unitatis redintegratio*. AAS 57 (1965): 90-112.

em Regensburg e no *College des Bernardins*, e que sobre os quais ainda muito devíamos meditar.<sup>89</sup>

Ao mesmo tempo, e naquilo que é sempre das realidades que mais *soundbites* produz – apesar de não ser a essencial da fé cristã –, Bento XVI deixou claro que iria manter-se na linha da ortodoxia, dita “conservadora”, do seu predecessor, seja em matéria de sexualidade, seja acerca do celibato dos padres, seja acerca da não ordenação de mulheres, seja de organização eclesial.<sup>90</sup> De facto, o que devia preocupar as pessoas enquanto problemas da Igreja era «a sobre-institucionalização; a perda da vida da fé; a falta de um compromisso político e uma Igreja de “sentir-se bem” que falhava no reconhecer o drama do Cristianismo e que Jesus não fora apenas um curador, mas igualmente um agitador».<sup>91</sup>

De qualquer modo, o início do seu pontificado mostrou um Papa dialogante, contrariamente, à ideia que, de modo tendencioso, dele se fazia enquanto Prefeito da Sagrada Congregação da Doutrina da Fé. Isto é demonstrado, quer com as conversas tidas com o teólogo alemão Hans Küng «que demoraram ao todo quatro horas separadas por momentos de oração»,<sup>92</sup> quer com a novidade introduzida no sínodo dos bispos de 2005 acerca da Eucaristia enquanto fonte e ápice da vida e da missão da Igreja, em que o Papa, pela primeira vez na história sinodal, se insere na discussão dos trabalhos e possibilita o debate livre.<sup>93</sup>

Mais: tentou uma reconciliação com os lefebvrianos que, infelizmente, ainda não deu os seus frutos desejados,<sup>94</sup> apesar da proclamação da, tão incompreendida então e ainda hoje, Carta Apostólica “*Summorum Pontificum*”, que embora fosse um estender de mãos àqueles, era, sobretudo, um testemunho de fidelidade à liturgia Católica Romana.<sup>95</sup> E, na mesma linha, mas com muitíssimo mais sucesso e mediante um ato de integração, abriu os braços aos crentes Anglicanos descontentes com o liberalismo descarrilado e de “supermercado” da sua denominação, aprovando a Constituição Apostólica “*Anglicanorum coetibus*”<sup>96</sup> que permitia aos clérigos e leigos anglicanos serem recebidos na Igreja Católica e, ao mesmo tempo, possibilitando-lhes manter algumas tradições anglicanas.

Bento XVI, na linha do seu predecessor, visitou vários países – alguns no âmbito das Jornadas Mundiais da Juventude que tanto têm feito por mudar para melhor o rosto e o

---

<sup>89</sup> Bento XVI, *Ratisbonne, La Sapienza, L'ONU, Paris, Prague, Londres, Berlin*, em *Benôit XVI: Discours au Monde*, ed. Eric Iborra (Perpignan: Artège, 2013).

<sup>90</sup> Cf. Gibson, *The Rule of Benedict*, 259-375.

<sup>91</sup> Seewald, *Benedicto XVI*, 808-809.

<sup>92</sup> Guerriero, *Benedict XVI*, 482.

<sup>93</sup> Cf. *Benedict XVI*, 483ss.

<sup>94</sup> Cf. *Benedict XVI*, 580-583.

<sup>95</sup> Cf. Bento XVI, *Carta Apostólica Summorum Pontificum*, AAS n.º 99 (2007). 795-799.

<sup>96</sup> Cf. Bento XVI, *Carta Apostólica Anglicanorum coetibus*, AAS n.º 101 (2009) 985-990.

coração da Igreja –, mas não era, ao contrário de João Paulo II, um “artista” nos grandes palcos. O nosso Autor era sensível, tímido e quase envergonhado, dando a entender, a quem o capturava fotograficamente dessa maneira, que as suas sobrancelhas carregadas por anos e anos de estudo, eram sinal de desconforto e, num assomo de ridículo dito por Madeleine Bunting,<sup>97</sup> até rude e perigoso! O seu modo de atuar era menos o ser visto, como o ser ouvido e, sobretudo, lido. Neste sentido, e além dos seus já apontados grandes discursos,<sup>98</sup> o nosso Teólogo escreveu, na qualidade de simples teólogo, uma brilhante trilogia sobre Jesus de Nazaré<sup>99</sup> e, já no papel de Papa, três Cartas Encíclicas: “*Deus Caritas est*” (2005), “*Spe salvi*” (2007) e “*Caritas in veritate*” (2009) – às quais daremos a nossa melhor atenção a seu devido tempo.

Em 2010, Bento XVI veio para as luzes da ribalta devido às alegações de abusos sexuais e físicos praticados por sacerdotes e escolas paroquiais, particularmente na Alemanha, Irlanda e Estados Unidos. Não só esse problema foi imputado à Igreja Católica, mas pessoalmente ao próprio Papa: duas injustiças “numa cajadada só”.<sup>100</sup> A verdade é que Bento XVI, tudo fez para solucionar esses problemas, e se mais não fez, ao contrário de outros, foi porque a “máquina” na Cúria Romana não andava ao ritmo por ele desejado: «quanto mais ele fazia, mais parecia que despontavam crises que chegaram a ataques *ad hominem*».<sup>101</sup>

Neste sentido, o Vaticano denunciou, num vigoroso comentário não assinado e publicado no “*L’Osservatore Romano*”, que ele atuou sempre nos casos de abusos de forma rigorosa, decidida e transparente,<sup>102</sup> dizendo, ainda, que era falsa e caluniosa a acusação de que o então Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé fora responsável pelo encobrimento de casos de abuso sexual, declarando que a sua atuação cuidadosa, firme e sempre diáfana demonstrara uma enorme sensibilidade, sabedoria e coragem.<sup>103</sup> Já «Armin Schwibach – um teólogo que vivia em Roma, era perito em assuntos relacionados com o Vaticano e que produziu uma crónica do escândalo dos abusos – resumiu: “nenhum papa, nenhum bispo no mundo fez tanto como Bento XVI neste pântano. Ele provocou uma mudança decisiva benéfica na Igreja”».<sup>104</sup>

---

<sup>97</sup> Cf. Madeleine Bunting, «A man with little sympathy for other faiths», *The Guardian*, 19 de Set., 2006, APUD Charles A. Coulombe, *The Legacy of Pope Benedict XVI* (New York: Diversion Books, 2013), 46.

<sup>98</sup> Cf., supra, nota n.º 85.

<sup>99</sup> Cf., Joseph Ratzinger / Bento XVI. *Jesus de Nazaré*, 3 vol. (Lisboa: Esfera dos Livros [vol. 1]; 2007; Cascais: Princípios, [vol. 2 e vol. 3] 2011 e 2012).

<sup>100</sup> Cf. Paolo Rodari e Andrea Tornielli, *Attacco a Ratzinger* (Milano: Piemme, 2012).

<sup>101</sup> Guerriero, *Benedict XVI*, 591.

<sup>102</sup> Cf. Anónimo, APUD Peter Seewald, *Benedict XVI*, 939.

<sup>103</sup> Cf. Seewald, *Benedict XVI*, 939.

<sup>104</sup> Armin Schwibach, APUD Peter Seewald, *Benedict XVI*, 947-948.

O desgaste pessoal ia-se notando. Não era um desgaste físico, mas de outra natureza, como se uma bela flor começasse a murchar por, inclusive pessoas intimíssimas a si,<sup>105</sup> lhe estarem a querer arrancar, de traição em traição, as suas pétalas. Muito em consequência disto tudo, e muitos outros episódios que noutro contexto mereceriam a nossa atenção – como os problemas no erradamente denominado “Banco do Vaticano” (oficialmente “Instituto para as Obras de Religião”) –, a 11 de fevereiro de 2013, Bento XVI anunciou a sua resignação, que teria lugar até ao fim desse mês, alegando razões de idade e de saúde: «é necessário também o vigor tanto do corpo como do espírito, vigor que, nos últimos meses, diminuiu em mim de tal forma que hei de reconhecer minha incapacidade para exercer bem o ministério que me foi encomendado».<sup>106</sup>

A sua última audiência geral pública na Praça de S. Pedro juntou uma multidão de mais de 350.000 pessoas.<sup>107</sup> A 28 de fevereiro teve o seu último discurso público ao Colégio Cardinalício, desafiando os cardeais e os fiéis, aos quais se dirigiu na Sala Clementina do Palácio Apostólico, mediante as seguintes palavras absolutamente simbólicas do seu pontificado: «permaneçamos unidos, queridos Irmãos, neste Mistério: na oração, especialmente na Eucaristia quotidiana, e assim servimos a Igreja e a humanidade inteira. Esta é a nossa alegria, que ninguém nos pode tirar».<sup>108</sup> Também foi nesse dia que Bento XVI resignou formalmente, assumindo o ainda hoje controverso, título de Papa Emérito – é sabido, das leituras que fizemos nos últimos anos em diversos órgãos de informação católicos que passaram pelas nossas mãos e olhos, que o Papa Francisco teria preferido que o seu predecessor fosse tratado pelo, não menos problemático, título de “ex-Papa” ou, preferencialmente, de meramente “Cardeal”.

Pessoalmente, a sua visita realizada a Portugal em 2010 – com as suas deslocações a Lisboa, Fátima e Porto – permitiu-nos conhecer um rosto surpreendente; um rosto que transparecia ternura, amor e até santidade, provocando, quer em nós, quer em quem estava conosco, a surpresa e a simpatia empática, fazendo ecoar nas vozes lusitanas de que se tratava de um “novo” Bento XVI.<sup>109</sup> Não era: era o mesmíssimo Ratzinger e Bento XVI de sempre: o humilde trabalhador da vinha do Senhor – como se auto designara, no início do seu Pontificado –, mas que, numa ofensa para eles mesmos, tantas vezes foi caricaturado como grotesco e com feições de gárgula, em capas de jornais, revistas e não só.

---

<sup>105</sup> Guerriero, *Benedict XVI*, 617-624.

<sup>106</sup> Bento XVI, *Declaração de renúncia*, 10 de fevereiro de 2013.

<sup>107</sup> Cf. Seewald, *Benedicto XVI*, 1050.

<sup>108</sup> Bento XVI, *Saudação de despedida do Papa Bento XVI aos Cardeais presentes em Roma*, 28 de fevereiro de 2013.

<sup>109</sup> Cf. Seewald, *Benedicto XVI*, 953-954.

## 1.7.- Breve síntese temática das Cartas Encíclicas de Bento XVI

Havia expectativas relativamente àquilo que Bento XVI pudesse publicar na sua primeira Carta Encíclica, nomeadamente, que apresentasse, na linha das suas grandes preocupações já antes apontadas, uma denúncia dos males contemporâneos, ou, então, uma sábia reflexão doutrinal acerca de um aspeto teológico intrincado. Todavia, o propósito do Papa centrou-se, antes, na experiência humana mais essencial e capilar (cf. *DCE* 7). Podemos já nos ter esquecido disso, mas Bento XVI, nesta sua primeira Carta Encíclica – “*Deus Caritas est*” –,<sup>110</sup> realizou uma revolução poética simples, sim, mas ao mesmo tempo tremenda, radical no Catolicismo,<sup>111</sup> colocando expressa e plenamente no Centro deste o Deus-Amor. Cremos ser pacífico afirmar que, ao longo do tempo, foi-se desviando deste Centro para outras realidades, certamente importantes, mas não tão capitais.

Com este texto, editado a 25 de dezembro de 2005, Bento XVI presta-nos uma ajuda espiritual, doutrinal e pastoral. Como um Amor-Luz que – não separando a “*agápe*” e o “*éros*” ao contrário do que fizera o teólogo luterano Anders Nygren<sup>112</sup> – nos permite redescobrir o coração da fé cristã num momento em que a Igreja e o mundo precisavam de ser iluminados por essa Luz que é Cristo: «viver o amor e, deste modo, fazer entrar a luz de Deus no mundo: tal é o convite que vos queria deixar com a presente encíclica» (*DCE* 39). Um convite tão simples quão exigente, mas que, sendo parte basilar do seu «cânone sobre o amor que pretende fazer vislumbrar a notável história de amor entre Deus e o homem»,<sup>113</sup> ressoa nos corações de quem despertos na vida, sabem o que é viver vivendo.

A partir daqui, Bento XVI convida os leitores a lerem, a meditarem e a colocarem a Carta Encíclica em prática porque, mostrando, por um lado, a originalidade do Cristianismo como única religião que crê num Deus-Amor e tem o amor no seu centro,<sup>114</sup> e, por outro, a chave que nos permite entrar descalços, como Moisés (cf. (cf. *DCE* 7 e *Ex.* 3,5), no mistério de Deus e do homem, chegando ao mais alto e talvez ao mais árduo aspeto da vida cristã: o amor humano concreto (*DCE* 1 e 19-42); quer dizer «a dimensão prática da aplicabilidade do amor no Mundo de hoje».<sup>115</sup>

Jesus, neste contexto, é a face visível do amor de Deus pelos homens, bem como «a essência do amor e da existência humana em geral» (*DCE*, 6). Quem acolher o amor de Jesus acolhe o amor de Deus, na linha do que se pode ler na “*Carta de Tito*”, em que o Autor, com

---

<sup>110</sup> Cf. Bento XVI, *Carta encíclica Deus Caritas est*, AAS n.º 98 (2006): 217-252.

<sup>111</sup> Cf. Seewald, *Benedicto XVI*, 862.

<sup>112</sup> Cf. Anders Nygren, *Agape and Eros* (Philadelphia: Westminster Press, 1930).

<sup>113</sup> James Day, *Father Benedict: The Spiritual and Intellectual Legacy of Pope Benedict XVI* (Manchester: Sophia Institute Press, 2016).

<sup>114</sup> Cf. Medina, *Benedicto XIV*, 83.

<sup>115</sup> Joseph Pearce, *Benedict XVI: Defender of the Faith* (Gastonia: TAN Books, 2021), 96.

palavras simples, mas, ao mesmo tempo, com um imenso conteúdo teológico, afirma: «mas quando a bondade de Deus nosso Salvador e o seu amor pelos homens se manifestou, Ele salvou-nos» (*Tt.* 3,4-5): a bondade do amor de Deus manifestada em Cristo está no oposto extremo na escravidão em que o autor deste texto e a sua audiência viviam (cf. *Tt.* 3,3) «[é] a expressão de um testamento da misericórdia divina»<sup>116</sup> de que Jesus é a plenitude corporal. Bento XVI, cremos, quer deixar isto absolutamente claro.

Ao lermos esta Carta Encíclica, e entre outras que poderíamos indicar, ficam-nos na memória ideias como: a unidade do amor humano nas suas dimensões de “*agápe*” e o “*éros*”; a avaliação positiva do amor humano na sua totalidade e, assim, na sua vivência corporal; a aproximação entre Criação e Redenção; o amor de Deus que, podendo ser dito – como nos Padres do Oriente – tanto por “*Agápe*” como por “*Éros*”, transborda e emprenha espiritualmente a Criação; o facto do homem não pode descobrir-se ou realizar-se na sua plenitude sem ter conhecido Deus e, livremente, O ter aceitado como origem e plenitude da sua vida; o valor universal e definitivo de Jesus Cristo; a conciliação, que devia ser banal nas verdadeiras religiões, entre liberdade e religião; o fundamento religioso do amor na moral cristã, indo-se, como escreve Tracey Rowland, «além do moralismo»;<sup>117</sup> o diálogo lúcido, respeitoso e generoso com a modernidade; a catequese adaptada ao homem moderno e pós-moderno. Não é isto tudo capital? Eis a razão de tantos estudos dedicados a este texto terem sido publicados aquando dele ter sido dado à luz.<sup>118</sup>

A segunda Carta Encíclica do nosso Teólogo, “*Spe salvi*”,<sup>119</sup> surge no início do Advento de 2007. Verificamos, pois, que ela está associada ao tempo litúrgico, o qual nos remete para a esperança escatológica, em parte já antecipada, que nos vem de Deus. O Papa inicia a sua Carta Encíclica dizendo: «*Spe salvi facti sumus* – é na esperança que fomos salvos: diz São Paulo aos Romanos e a nós também (Rm 8, 24)» (*SS*, 1). Estabelece-se, logo desde o começo deste texto e como vemos, uma conexão entre salvação pelo amor, esperança e fé (duas palavras que nos parecem quase intercambiáveis ao longo deste texto) que espelha o que ocorre ao longo de toda a Sagrada Escritura.<sup>120</sup>

---

<sup>116</sup> Todd D. Still e Bruce W. Longenecker, *Thinking through Paul: A Survey of His Life, Letters, and Theology* (Grand Rapids: Zondervan, 2014), 267.

<sup>117</sup> Cf. Tracey Rowland, *Ratzinger Faith: The Theology of Pope Benedict XVI* (Oxford: Oxford University Press, 2008), 66.

<sup>118</sup> Cf., por exemplo, a compilação de textos realizada pelo ex-professor desta nossa casa: Manuel Lázaro Pulido: *El amor de Dios que es amor: Reflexions en torno a la Encíclica de Benedicto XVI Deus caritas est*, ed. Manuel Lázaro Pulido (Cáceres: Instituto de Teologia “San Pedro de Alcántra”, 2007).

<sup>119</sup> Bento XVI, *Carta encíclica Spe Salvi*, AAS n.º 99 (2007): 985-1027.

<sup>120</sup> Joann F. Price, *Pope Benedict XVI: A Biography* (Santa Barbara; Denver; Oxford: Greenwood, 2013), 118.

O objetivo da fé é a resposta, pelo amor aos demais e a Deus, do ser humano à revelação salvífica de Deus. Resposta esta, que insere a totalidade da pessoa e o seu mundo numa dinâmica eterna de Amor intratrinitário espelhado na Criação. Dentro deste contexto, Bento XVI aponta para a existência de uma estreita ligação entre fé (firmeza consubstanciada em sinais passados) e esperança (voltada para o futuro) que não pode ser esquecida, acaso se deseje uma fé sustentável que tenha em Deus a sua verdadeira esperança. (cf. *Rm.* 15,13; *1Tm.* 1,1).

O objeto da esperança fundamental para o ser humano não é, desse modo, nem o que Deus nos pode dar, nem um qualquer resultado intramundano decorrente do progresso civilizacional, seja este técnico, social, psicológico, etc. Evocando Francisco Bacon e a sua convicção que a ciência aplacaria todos os males da natureza, o nosso Autor é explícito: «esta visão programática determinou o caminho dos tempos modernos, e influencia inclusive a atual crise da fé que, concretamente, é sobretudo uma crise da esperança cristã» (*SS*, 17) que «imanentizou e individualizou o transcendente e a conteúdo relacional do Cristianismo».<sup>121</sup> De qualquer modo, a esperança não é uma vaga ideia, mas deve concretizar-se no trabalho em prol da salvação dos outros e num amor a Deus que faz com que o homem, alicerçado no único Homem – Jesus Cristo, «a luz por antonomásia» (cf. *SP* 49) –, busque a plenitude da consumação dos seus anseios de plenitude.

“*Spe salvi*” aponta duas etapas essenciais da concretização política da esperança: por um lado, a Revolução Francesa, e por outro lado, a Revolução Marxista. Face à Revolução Francesa, a Europa iluminista necessitou de refletir de um modo novo acerca da razão e da liberdade, embora esquecendo-se da fraternidade (cf. *SS* 19). Contrariamente, a revolução proletária deixou um rasto de destruição desoladora e isto porque Karl Marx se esqueceu do homem e da sua liberdade;<sup>122</sup> «esqueceu que o homem permanece sempre homem. [...] Esqueceu que a liberdade permanece sempre liberdade» (cf. *SS* 21). Quando nos focamos somente na economia, redundamos no materialismo onde a liberdade é uma mera ilusão, desaparece a esperança e enraíza-se a ideia de que não há Deus.

Enfim, e não sem grande relevo para o agir humano e cristão, o Papa sugere quatro lugares especiais (cf. *SS* 32) para que possamos aprender e exercitar a esperança: a oração, o agir humano, o sofrimento e o juízo de Deus. Ao apontar-nos estes lugares de aprendizagem e de exercício da esperança, somos ainda confrontados, de um modo perfeitamente articulado

---

<sup>121</sup> Rachel A. Amiri e Mary M. Keys, «Benedict XVI on Liberal Modernity’s Need for the “Theological Virtues” of Faith, Hope, and Love», em *Pope Benedict XVI and the Politics of Modernity*, ed. Marc D. Guerra (Abingdon: Routledge, 2014), 69.

<sup>122</sup> Cf. Victor Mikhol, *Fatal Errors of Marxism and the Problems of Modern Democracy* (North Charleston: Palmetto, 2021).

com o todo, com alguns exemplos concretos e “recentes” de esperança, tais como e entre muitos outros que poderiam ter sido apontados, o de Josefina Bakhita – uma escrava africana, do Sudão, durante mais de uma meia dúzia de anos (cf. *SS* 3)<sup>123</sup> – e também a do Cardeal vietnamita Nguyen Van Thuan – que esteve preso ao longo de treze anos (cf. *SS* 32).<sup>124</sup> Esta Carta Encíclica sublinha, em síntese, o caráter da escuta orante enquanto motor da esperança e a possibilidade de «não declina[r], mesmo nas noites da solidão» (*SS*, 32).

Por fim, a terceira Carta Encíclica, “*Caritas in veritate*”, publicada em 29 de junho de 2009, é a sua primeira encíclica social, surgida após a grande crise económico-financeira-social de 2008, mas não a tendo especialmente como motivação, antes a celebração dos quarenta anos da Carta Encíclica “*Populorum progressio*” de Paulo VI.<sup>125</sup> “Social”, sim, mas essencialmente «cristológica e metafísica como modo de lidar com as questões económicas»,<sup>126</sup> apresentando, neste sentido e com atenção às mentalidades de então – e ainda mais de hoje – «em que aparece generalizada a tendência de relativizar a verdade» (*CIV*, 4), alguns eixos fundamentais.

Entre estes, temos os seguintes: tal crise; a vida e a liberdade religiosa; a superação do narcisismo e do tecnicismo; a mundialização; a ecologia abrangente; o desenvolvimento sustentável e durável; etc. Destes eixos, e agora «com a caridade na verdade como o princípio orientador do desenvolvimento», surgem alguns temas que nos parecem pertinentes: primazia do homem em relação à economia, a globalização solidária; a responsabilidade ética das empresas; a injustiça social, o défice da ética nas estruturas económicas; e, por fim e no que chegaram a denominar da sua maior contribuição com este texto, o aprofundamento das raízes antropológicas e ecológicas da economia: «talvez a mais original contribuição de “*Caritas in veritate*” é o apelo de Bento XVI para “*uma nova e profunda reflexão sobre o sentido da economia e dos seus fins*” (*CIV*, 32)».<sup>127</sup>

No fundo, o nosso Papa procurara lançar âncora em vários portos, unindo-se aos dados bíblicos e evangélicos mais genuínos, aos grandes Padres da Igreja – como ignorar, aqui, Basílio de Cesareia, Gregório de Nazianzo e João Crisóstomo, os «três padres ‘sociais’?»<sup>128</sup> –,

---

<sup>123</sup> Cf. Roberto Italo Zanini, *Bakhita: From Slave to Saint* (San Francisco: Ignatius Press, 2013).

<sup>124</sup> Cf. Michael D. O’Brien, *Road of Hope: The Spiritual Journey of Cardinal Nguyen Van Thuan* (San Francisco: Ignatius, 2010).

<sup>125</sup> Cf. Luke Bretherton, *Resurrecting Democracy Faith, Citizenship, and the Politics of a Common Life* (New York: Cambridge University Press), 410, nota 120.

<sup>126</sup> Matthew T. Eggemeier e Peter Joseph Fritz, *Send Lazarus: Catholicism and the Crises of Neoliberalism* (New York: Fordham University Press, 2020), 40.

<sup>127</sup> Sandra Sullivan-Dunbar, *Human Dependency and Christian Ethics* (Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2017), 203.

<sup>128</sup> Vasilios N. Makrides, *Orthodox Christianity in 21<sup>st</sup> Century: The Role of Religion in Culture, Ethnicity and Politics* (London; New York: Routledge, 2010), 177.

aos textos dos «*grandes Doutores cristãos*» (CIV, 12) aos grandes textos das encíclicas sociais dos seus predecessores e a todo o excepcional património de pareceres e atividades no âmbito da solidariedade humana, dos quais a Doutrina Social da Igreja tem sido sustentáculo e promotora.

A partir dessas âncoras, o nosso Pensador ambiciona mostrar que todo e qualquer humanismo que exclua Deus é um humanismo inumano, pois só Deus realiza o ser humano. Sem Deus, o homem não sabe para onde ir, nem sabe verdadeiramente quem é (cf. CIV 1), e, assim, como diz o ditado popular, qualquer caminho parece servir-lhe, embora não logre chegar onde está essencialmente chamado a chegar – exceto em circunstâncias especiais e misteriosas da amorosa providência divina conforme disse o II Concílio do Vaticano numa frase que também já é quase um dito daquela natureza.

Esta Carta Encíclica, vista a 14 anos de distância, é uma proposta audaz que – através de uma linguagem clara, contundente (a ponto de acreditarmos que terá exasperado muitas pessoas), precisa e curta – visa pôr o capitalismo sem alma – o qual é declarado o artífice da então vigente crise – diante do espelho da ética, e se possível de uma ética informada pelos valores cristãos.<sup>129</sup> E isto até porque «o desenvolvimento implica atenção à vida espiritual, uma séria consideração das experiências de confiança em Deus, de fraternidade espiritual em Cristo, de entrega à providência e à misericórdia divina, de amor e de perdão, de renúncia a si mesmo, de acolhimento do próximo, de justiça e de paz» (CIV, 79). Neste contexto, é dito com clareza, para quem não deseja ter os olhos fechados, que as empresas e os políticos devem ter uma sólida responsabilidade social e ética, não vivendo assentes numa lógica do acumular e do prazer, mas da distribuição e da necessidade.<sup>130</sup>

### **1.8.- Bento XVI: entre o falecimento e a ressurreição para os braços do Pai**

No decorrer do nosso Trabalho, e, já com este Capítulo terminado, fomos confrontados com a morte do Papa Emérito, Bento XVI. A comoção não foi muita: apesar de ser uma pessoa amada por muitos, por um lado, o facto de já não ser o Papa em ofício e, por outro lado, os sinais da sua velhice e da sua fragilidade que, episodicamente, eram conhecíveis e visíveis, foram preparando o Povo de Deus para essa realidade. Joseph Ratzinger – o santo *Doctor Theologicus*, como nos disse o nosso Orientador, certo dia e à volta desta ocasião –, faleceu às 9h34 do dia 31 de dezembro de 2022, no Mosteiro *Mater Ecclesiae*, no Vaticano. «Ainda de acordo com o diretor da Sala de Imprensa, Bento XVI

---

<sup>129</sup> Peter Seewald, *Benedict XVI: An Intimate Portrait* (San Francisco: Ignatius, 2008), 127.

<sup>130</sup> Cf. Anthony M. Annett, *Cathonomics: How Catholic Tradition Can Create a More Just Economy* (Washington: Georgetown University Press, 2022), 181.

recebeu a unção dos enfermos na quarta-feira, ao final da missa celebrada no Mosteiro e na presença das *Memores Domini* que, como associação leiga, há anos o assistem diariamente»,<sup>131</sup> num denodo bem ao estilo do pensado pelo padre Luigi Giussani para o movimento Comunhão e Libertação.

As exéquias fúnebres decorreram entre o dia 2 e 4 de janeiro, na Basílica de São Pedro. O funeral propriamente dito, esse, realizou-se no dia 5 de janeiro de 2023, presidido pelo Papa Francisco no Vaticano.<sup>132</sup> Cerca de 50 mil pessoas estiveram presentes no funeral, com mais de 120 cardeais, 400 bispos e cerca de 4000 padres. Estiveram também presentes diversos representantes de estado,<sup>133</sup> embora certamente num menor número do que se Bento XVI ainda fosse o Papa em exercício.

Na Homilia da missa exequial, proferida pelo Papa Francisco, este destaca três aspetos que consideramos importantes sublinhar: Disse-nos o Papa: «“Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” é o convite e o programa de vida que inspira e pretende modelar, como um oleiro (cf. *Is.* 29,16), o coração do pastor até que palpitem nele os mesmos sentimentos de Cristo Jesus (cf. *Flp.* 2,5): dedicação agradecida, dedicação orante e dedicação sustentada pela consolação do Espírito».<sup>134</sup> O Papa Francisco terminou a sua homilia com as seguintes palavras – longas na sua transcrição, pequenas no que haveria a, e ficou por dizer a respeito da tão grande figura como Bento XVI –, dizendo que

«é a consciência do pastor que não pode carregar sozinho aquilo que, na realidade, nunca poderia sustentar sozinho e, por isso, sabe abandonar-se à oração e ao cuidado do povo que lhe está confiado. É o Povo fiel de Deus que, congregado, acompanha e confia a vida de quem foi seu pastor. Como as mulheres do Evangelho no sepulcro, estamos aqui com o perfume da gratidão e o unguento da esperança para lhe provar, uma vez mais, o amor que não se perde; queremos fazê-lo com a mesma unção, sabedoria, delicadeza e dedicação que ele soube dispensar ao longo dos anos. Queremos dizer juntos: “Pai, nas tuas mãos entregamos o seu espírito”. Bento, fiel amigo do Esposo, que a tua alegria seja perfeita escutando definitivamente e para sempre a sua voz!».<sup>135</sup>

Não sabemos o motivo, mas sentimos que, embora perfeitamente honestas e talvez por isso mesmo, estas palavras soam a pouco. Dá a impressão que mais do que a partida para o Pai de um grande homem, um extraordinário teólogo e um Papa profético (como cremos que ainda iremos ver melhor no nosso tempo – pois muito já está à vista –), se está a assinalar o

---

<sup>131</sup> Vatican News: Equipa editorial, «Morre Bento XVI: “humilde trabalhador na vinha do Senhor”», 31 de dezembro 2022.

<sup>132</sup> Cf. «Morre Bento XVI».

<sup>133</sup> Cf., por exemplo, Bianca Fraccalvieri, «O adeus a Bento XVI: “Pai, nas tuas mãos entregamos o seu espírito”», 5 de janeiro de 2023.

<sup>134</sup> Francisco, «Homilia da Missa Exequial pelo Sumo Pontífice Emérito Bento XVI», *Observatore Romano*, Edição semanal em português, 54, n.º 1 (5 de janeiro de 2023): 2.

<sup>135</sup> Francisco: 2.

mero desaparecimento de um óbice. Estaremos, com certeza, a ser injustos, mas é o que nos diz o nosso coração. Óbice ou não, é com alegria que, felizmente, Bento XVI nos deixou, por intermédio do Arcebispo Georg Gänswein (e certamente não sem a sua anuência), um livro destoutro<sup>136</sup>, e, ao mesmo tempo, o seu Testamento espiritual (escrito em 2006, mas com indicações de ser tornado público apenas depois do seu falecimento)<sup>137</sup> e um livro póstumo<sup>138</sup> – tudo fontes às quais não pudemos, infelizmente, ter acesso. Talvez a sua leitura nos dê uma panorâmica melhor deste seu último passo visivelmente conosco.

---

<sup>136</sup> Cf. Georg Gänswein e Saverio Gaeta, *Nient'altro che la verità* (Milano: Piemme, 2023).

<sup>137</sup> Cf. Bento XVI, *O meu testamento espiritual*, 05/01/2023.

<sup>138</sup> Cf. Bento XVI, *Che cos'è il Cristianesimo: Quasi un testamento spirituale* (Milano: Mondadori, 2023).

## **II CAPÍTULO: FUNDAMENTAÇÃO DE VOCAÇÃO**

Todo e qualquer estudo teológico deve, ou deveria ter a Sagrada Escritura um dos seus principais pontos de apoio e até mesmo a sua mais importante base de amparo. Tudo na Teologia deriva da Sagrada Escritura e sem ela não há teologia que se possa considerar verdadeira. Ela é o microcosmos da História da Salvação que, embora muito maior do que contido nela, concentra o essencial e definitivo dessa História, a ponto de se ter tornado, de diversos modos e segundo distintos modos de leitura, normativo para a vida cristã e, como já dissemos, para a reflexão teológica. Mas além da Sagrada Escritura, o teólogo deve estar igualmente atento ao que a Tradição (incluindo dentro deste termo o que denominamos de “Magistério”) e o Magistério mais recente dizem acerca deste ou daquele aspeto. No nosso caso concreto, a noção, já tão gasta em alguns círculos eclesiais, de “vocação” que leva a uma “missão” que não pode, por si mesma e por mais que o comporte, ser confundida com um simples “trabalho”. É isto que desejamos tratar neste segundo Capítulo da nossa Dissertação.

### **2.1- Fundamentação bíblica**

Para uma melhor compreensão da temática vocacional, consideramos oportuno, na primeira Parte deste nosso Capítulo, tratar, embora de forma sucinta, da fundamentação bíblica de vocação, pois, como dissemos, a Sagrada Escritura é a base e o fundamento da nossa fé. Recorremos a breves exemplos que nos ajudarão na reflexão. No fim do percurso bíblico, na segunda Secção deste Capítulo, dirigiremos a nossa exposição para a reflexão acerca do que a teologia contemporânea apresenta nos dias de hoje sobre tal tema. Na impossibilidade de uma abordagem abrangente, fizemos uma seleção de textos que consideramos importantes e relevantes para o percurso intencionado do nosso Trabalho.

#### **2.1.1.- OS TIPOS DE VOCAÇÃO E MISSÃO NO AT**

Antes de expor o tema da vocação no AT, consideramos útil efetuar um breve percurso pelo âmbito etimológico da palavra “vocação”. Assim, e no que se refere ao AT, no idioma hebraico “vocação” está associada ao ato de apelar e encontra o seu étimo no verbo “qara” – קָרָא – que se traduz por “chamar”, “gritar”. «É no Antigo Testamento – diz-nos G.

Molini – um dos verbos mais importantes e frequentes».<sup>139</sup> O verbo, porém, tem um alcance bem mais amplo, apesar de ser usado, preferencialmente, para o já dito e mencionado ato de chamar. Ele aponta para alguém considerado superior que chama um outro, entre a multidão, e que passa a pertencer àquele outro que o apela, podendo fazer as coisas autonomamente, mas em nome de quem o chamou para algo. Analogamente, quando Deus chama um sujeito, estabelece uma soberania sobre aquele que chamou e atrai-o para junto de Si.

#### 2.1.1.1.- *A vocação na criação divina*

A teologia cristã realça claramente que todos nós temos uma vocação. A própria ação de criação implica em si mesma uma vocação, de tal modo que cada ser criado é chamado a compreender o porquê da sua própria criação e do seu papel na Criação em que está inserido. No início do “*Livro do Génesis*”, verificamos que Deus chama, apela. E chama as coisas para junto de Si, atribuindo-lhes um nome (cf. *Gn.* 1,26-31). Para melhor compreendermos a dinâmica da vocação, podemos considerar que é na criação que nos é oferecido o chamamento para a existência. Deus deu-nos o dom de existir, o chamamento à vida, e é aqui que surge a nossa primeira vocação. Deus chama para Si todas as coisas – incluindo as pessoas, criadas à Sua imagem e semelhança enquanto varão e mulher (cf. *Gn.* 1,26s) – ao dar-lhes a existência por pura benevolência e por puro bem para com elas. Com isto, entende-se que a nossa vocação subjetiva é podermos alcançar a perfeição no que Deus é – Amor – (a vocação objetiva) mediante o nosso modo de realizarmos esta nossa vocação. Por isso é que podemos, com toda a verdade, dizer que «a vocação divina é criadora. Também a criação do Mundo é fruto da Palavra de Deus que prescreve a existência às criaturas, prontas a obedecer ao seu chamamento».<sup>140</sup>

#### 2.1.1.2.- *A vocação do sujeito face ao Povo*

A vocação, no sentido religioso estrito em que nos movemos, parte sempre da iniciativa de Deus,<sup>141</sup> O qual, na Sua liberdade, elege aqueles que quer e quando quer, sem estar rigorosamente condicionado às características dos que são chamados. Deus, na sua bondade, escolhe e elege cada um para uma vocação específica. Aqui, consideramos a vocação e a eleição como termos intercambiáveis, embora se possa dizer que o “eleito” é aquele que responde afirmativamente ao chamamento. Deus chama e logo elege num ato

---

<sup>139</sup> G. Molini, «Vocación», em *Diccionario de Teología Bíblica*, ed. Johann Bauer (Barcelona: Herder, 1966), 1076.

<sup>140</sup> Tullio Citrini, «Vocação (Teologia da)», em *Dicionário de Orientação Vocacional*, ed. Centro Internazionale Vocazionale Rogate (Prior Velho: Paulinas, 2008), 1447.

<sup>141</sup> Cf. Luis González Quevedo, «Vocación», em *Diccionario Teológico de la Vida Consagrada*, ed. Ángel Aparicio Rodríguez e Joan Canals Casas (Madrid: Publicaciones Claretianas, 1989), 1826.

criativo, original, fontal. Por isso, «o chamamento assume o significado de um acontecimento criativo».<sup>142</sup> Deus escolhe um indivíduo, ou mesmo todo um povo, mas com uma distinção que merece ser assinalada: se se trata de um indivíduo, ele é o “eleito” (cf. *Is.* 42,1); se se trata de um povo, este é designado como povo eleito de Deus, no meio do qual acontecem os chamamentos vocacionais, melhor dizendo, os chamamentos divinos. Nota-se, pois, que no AT a vocação pode ser algo de pessoal ou até mesmo comunitária. Todos os que são chamados participam numa vivência da totalidade do mistério divino. A diferença parece de pouca monta, mas não é, e muito da história da salvação tal como está no AT avança segundo esta batuta.

Deveras, as narrativas do AT demonstram que a vocação está sempre conexas com uma missão que tem por alvo a comunidade do povo de Israel.<sup>143</sup> Este é um povo especialmente, mas não exclusivamente, escolhido e amado pelo Criador com quem Ele estabelece uma verdadeira aliança. Também já vimos que Deus escolhe o seu povo e é dentro deste que, geralmente, temos as chamadas vocações específicas, seja por um período temporário, seja por um período permanente, de acordo com a missão que lhes é atribuída. Nos textos Sagrados, vemos que, em algumas situações, é o próprio Deus que chama e pronuncia o nome do chamado, de uma forma pessoal.<sup>144</sup> Mas o chamamento não é unidimensional. Deus conhece as necessidades do seu povo e os tempos e momentos que ele vive; isto é, respeita a sua história e as suas vicissitudes. Por isso, o chamamento, embora feito a alguém, visa sempre uma comunidade e uma missão em concreto, que «na história de Israel está marcada por esta ação de Deus que chama a construir o seu povo».<sup>145</sup>

Por exemplo, com Abraão, Deus chama-o para realizar algo de novo, iniciando com ele o recomeço mais concreto da história da salvação.<sup>146</sup> E é com ele que se inicia toda uma dimensão coletiva da vocação que terá continuidade no povo de Israel: «YHWH disse a Abrão: “Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar”» (*Gn.* 12,1). Deste modo, a vocação de Abraão é protótipo, mas também «única e irrepitível»,<sup>147</sup> pois apresenta um marco determinante na história da humanidade. O chamamento de Deus muda toda a vida de Abraão, expressando claramente a exigência da sua vocação, ou seja, deixar tudo e entregar-se nas mãos do Senhor para o que Ele desejar

---

<sup>142</sup> E. Masseroni, «Vocación y vocaciones», em *Nuevo Diccionario de Teología Moral*, ed. G. Piana, F. Compagnoni, S. Privitera e M. Vidal (Madrid: Paulinas, 1992), 1923.

<sup>143</sup> Cf. Quevedo, «Vocación», 1826.

<sup>144</sup> Cf. Quevedo, 1826.

<sup>145</sup> Masseroni, «Vocación y Vocaciones», 1923.

<sup>146</sup> Cf. Quevedo, «Vocación», 1827-1828.

<sup>147</sup> Quevedo, 1828.

estabelecer consigo – e nunca contra si, ou apesar de si, o que implicava a inexistência de uma Aliança, mas de uma ação despótica.

A vocação de Abraão não é de todo considerada uma vocação profética, mas apresenta-se com um caráter essencial «com o mandato específico da fé».<sup>148</sup> Deus interfere radicalmente na vida de Abraão e altera todo o arco de vida que ele estava a realizar, «se quisermos, portanto, entrar na história de Abraão como chamamento, devemos referir-nos ao tema da Palavra de Deus, como perspectiva fundamental em que se situa a vocação».<sup>149</sup>

De facto, toda a vocação na Escritura é um ato de amor exigente, tal como vemos, mormente, na literatura profética, sobretudo a nível da eleição do povo de Israel, conforme exemplificado nas seguintes palavras do profeta retiradas do “*Livro do Profeta Oseias*”: «quando Israel era ainda menino, Eu amei-o, e chamei do Egito o meu filho» (*Os.* 11,1). Deus, na sua história salvífica, estabelece uma aliança de amor com o seu povo e é verdadeiramente fiel às suas promessas: «o chamamento de Deus situa-se entre uma sanção para os rebeldes ou desprezadores da palavra divina e uma promessa. Espera antes de tudo uma resposta daquele que é chamado: “escutar a voz” e “observar a aliança” de Deus que se irá estipular».<sup>150</sup>

Desta forma podemos afirmar que «o povo, eleito e chamado, é o primeiro santuário de Deus».<sup>151</sup> Sem dúvida alguma consideramos que o povo de Israel é expressamente, mas – devendo ser novamente salientado, não exclusivamente – um povo eleito e escolhido. G. Molini diz-nos que «no sentido preciso da Bíblia, embora um povo não possa evidentemente ser tratado como uma pessoa individual e ter suas reações, contudo Deus age com Israel como com aqueles a quem chama».<sup>152</sup> Neste contexto, podemos começar a encontrar nos patriarcas um ato eletivo vindo de Deus, ou seja, «neles se vê com particular claridade que esta eleição procede puramente da vontade soberana de Deus».<sup>153</sup>

Já com Moisés, segundo o episódio da sarça-ardente – que arde sem se consumir, tal como o amor – (cf. *Ex.* 3), Deus manifesta claramente a Sua presença. YHWH revela-se a Moisés convidando ao diálogo e este responde-Lhe prontamente dizendo: «Eis-me aqui» (*Ex.* 3,4). Encontramos também nas respostas sucessivas de Moisés uma relação de aliança com o YHWH (cf. *Ex.* 19,5). Podemos assim afirmar que a «profunda experiência religiosa de

---

<sup>148</sup> L. de Lorenzi, «Vocación», em *Nuevo Diccionario de Teología Bíblica*, ed. R. Rossano, G. Ravasi e A. Girlanda (Madrid: Paulinas, 1990), 1964.

<sup>149</sup> Cf. Carlo Maria Martini, *Bíblia e vocação: da vocação baptismal à vocação presbiteral* (Lisboa: Paulistas, 1983), 34.

<sup>150</sup> De Lorenzi, «Vocación», 1963.

<sup>151</sup> Jesús Luzarraga, *Espiritualidad bíblica de la vocación* (Madrid: Ediciones Paulinas, 1984), 34.

<sup>152</sup> G. Molini, «Vocación», 1077.

<sup>153</sup> G. Molini, 1079.

Moisés transcende a própria missão de libertação político-social de Israel». <sup>154</sup> Ela, não deixando de ser isto, é uma Auto-revelação d'Aquele que chama; d'Aquele que apela; d'Aquele que convoca a uma relação de amor. Deus, cheio de compaixão, confia uma missão a Moisés: a da libertação do Seu povo da escravidão, do sofrimento dos maus-tratos que também já haviam comovido Moisés, a ponto de ter cometido um acto impulsivo (cf. *Ex.* 2,11-12). Com efeito, «a autêntica personalidade de Moisés, manifesta-se, sobretudo, na sua grande sensibilidade para com o povo no seu ofício de intercessor». <sup>155</sup>

### 2.1.1.3.- A vocação Profética

Sob o ponto de vista dos chamamentos individuais, a vocação dos Profetas «representa o protótipo das vocações no AT: Deus dirige-se à consciência mais recôndita do indivíduo, ao íntimo do seu coração, alterando a sua existência e fazendo dele um indivíduo novo». <sup>156</sup> As vocações proféticas do Antigo Testamento apresentam-se como autênticos modelos e exemplos para descrever mais tarde a dos discípulos e o chamamento de Jesus. Note-se, porém – e no que concerne ao tema que foca aqui a nossa atenção –, que «ao falar do profeta, a Bíblia não se fixa tanto no ato eletivo de Deus, no privilégio da sua graça, que convoca este para Si, quanto no chamamento de Deus, que comunica uma missão [ao profeta] e o envia. É, pois, o conceito de vocação uma expressão mais personalizada e dinâmica». <sup>157</sup>

A nível literário, as vocações proféticas do AT, apresentam três formas principais. A primeira, consiste numa teofania, a que se segue, imediatamente, a confirmação divina. Assim, em *Is.* 6,8, encontramos o momento da sua experiência teofânica, na qual este se torna um mensageiro de Deus. Ele ouviu a voz do Senhor e acaba por se ver capacitado para dar a conhecer o plano salvífico d'Este. A sua resposta é de uma entrega genuína à missão que lhe foi confiada: «Eis-me aqui, envia-me» (*Is.* 6,8). <sup>158</sup> Numa segunda forma, quanto ao aspeto literário, vemos que Deus se dirige ao profeta para lhe confiar uma missão, dando-lhe também um sinal inequívoco da mesma vocação. <sup>159</sup> Nisto, serve de exemplo a vocação de Jeremias: «antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia; antes que saíesses do seio da tua mãe, Eu te consagrei e te constituí profeta das nações» (*Jr.* 1,5-6), sendo que presentemente a resposta do profeta passa por reconhecer a sua incapacidade. Na terceira

---

<sup>154</sup> Quevedo, «Vocación», 1828.

<sup>155</sup> Martini Conti, «Las vocaciones individuales en el antiguo testamento», em *Vocación común y vocaciones específicas, aspectos bíblicos, teológicos y psico-pedagógico-pastorales*, ed. Agostino Favale (Madrid: Atenas, 1984), 118.

<sup>156</sup> De Lorenzi, «Vocación», 1963.

<sup>157</sup> Luzarraga, *Espiritualidad Bíblica de la vocación*, 36.

<sup>158</sup> Cf. de Lorenzi, «Vocación», 1963.

<sup>159</sup> Cf. de Lorenzi, 1963.

forma, vemos que a escolha de eleição é realizada pelo mesmo Senhor, como o demonstra *Is.* 42,1.6 no caso do “Servo de Deus”.<sup>160</sup>

É de notar que na vocação específica do profeta existe claramente a proteção divina do Senhor.<sup>161</sup> Esta oferta de proteção divina está bem patente, por exemplo, no profeta Ezequiel em que vemos como é evidente, e cheia de força a proteção do Senhor ao dizer: «vou tornar a tua testa rijá como o diamante, que é mais duro que a rocha» (*Ez.* 3,9). Também em Jeremias, e em resposta à antes mencionada incapacidade manifestada pelo profeta, vemos o Senhor a dizer: «não terás medo diante deles, pois Eu estou contigo para te livrar» (*Jr.* 1,8). O Senhor que chama, é, sem dúvida alguma, Aquele que nos diz para não termos medo, mas também a própria alegria em Pessoa do profeta vocacionado, que fica cheio da Sua presença na sua vida: «eu devoro as tuas palavras onde as encontro; a tua palavra é a minha alegria e as delícias do meu coração, porque o teu Nome foi invocado sobre mim, ó YHWH!» (*Jr.* 15,16).

Se considerarmos o bloco dos livros constituído por o “*Livro de Josué*”, “*Livro dos Juízes*”, “*Livros de Samuel*” e “*Livros dos Reis*” como “Profetas Anteriores” (segundo a divisão da Bíblia hebraica), vemos que na vocação de Samuel, (cf. *ISm.* 3,1-21) está presente o reconhecimento, por parte de Deus, de que aquele seria o profeta da fidelidade.<sup>162</sup> É importante notar que «no AT, uma das mais densas afirmações antropológicas é proferida triplamente por Samuel ao sacerdote Eli: “eis-me aqui porque me chamaste” (*ISam.* 3,6). Mas só à quarta insistência é que Samuel responde à vocação: “falai Senhor que o vosso servo escuta” (v.10)». <sup>163</sup> É possível entendermos, neste exemplo de dupla-habituação de Deus ao sujeito e deste Àquele, as especificidades do discernimento. Especificidades como, por exemplo e segundo um documento da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos,

«a escuta e o reconhecimento da iniciativa divina, uma experiência pessoal, uma compreensão progressiva, um acompanhamento paciente e respeitoso do mistério em ação, um destino comunitário. A vocação comporta uma longa viagem. A Palavra do Senhor requer tempo para ser entendida e interpretada; a missão, a que ela chama, revela-se progressivamente».<sup>164</sup>

Após a muito breve apresentação precedente de alguns exemplos mais paradigmáticos daquilo a que podemos denominar de “relatos de vocações proféticas”, podemos chegar à compreensão de que todas estas pessoas – depois focadas no “servo de YHWH”, profeta profetizado – foram “vocacionados” diretamente pelo Senhor de modo a serem «chamados a

---

<sup>160</sup> Cf. de Lorenzi, 1963.

<sup>161</sup> Cf. de Lorenzi, 1964.

<sup>162</sup> Cf. de Lorenzi, 1964.

<sup>163</sup> José Carlos Carvalho, «A vida como (missão de) vocação», *Igreja e Missão* 118 (2011): 275-300.

<sup>164</sup> Igreja Católica: Sínodo dos Bispos, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional: Documento final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, n.º 77.

preparar a Encarnação do Filho de Deus»;<sup>165</sup> a anunciarem, de modo progressivamente mais claro até se tornarem eles mesmos em uma quase diafania do Messias, a chegada do próprio Deus em Pessoa ao Seu Povo que de modo contumaz se foi afastando da sua missão coletiva de ser «luz das nações» (Is. 49.6). Com os seus testemunhos, a sua maior e única preocupação era pertencer a Ele, pertencer ao Senhor.<sup>166</sup> Numa admirável pedagogia divina, «Deus escolhe livremente um povo, entre outros povos, para o fazer o seu povo, uma escolha gratuita e feita por amor»,<sup>167</sup> e esta escolha pretende que o seu povo eleito seja instrumento de condução a Deus, para os demais povos, sendo que é justamente a não realização disto que fará Deus Se fazer Homem.

### 2.1.2.- OS TIPOS DE VOCAÇÃO E MISSÃO NO NT

Depois da análise, embora que sucintamente, ao tema da vocação no AT, dirigimos, agora, o nosso olhar sobre o mesmo tema no âmbito do NT, a fim de procurar uma visão holística deste muito importante aspeto do relacionamento de Deus-Criador com o ser humano (ou “homem”, enquanto varão e mulher), sua criatura. E isto, dado que Deus-Amor quis, desde sempre, precisar do ser humano para, num laço de amor, realizar e plenificar a Sua obra salvadora e, desse modo, reconduzir até si a Criação que entregou nas suas mãos.

Pois bem, de modo análogo ao feito com o AT começaremos esta nossa exposição com uma breve ponderação etimológica do termo “vocação” no NT.

No grego bíblico, “vocação” resulta do étimo “kaléo” – καλέω – que, de modo semelhante ao já visto no AT, significa “chamar”, indicando o ato direto ou mediado de interpelar alguém com o fim de o tornar mais próximo de si, seja fisicamente, seja no sentido de uma relação espiritual.<sup>168</sup> Assim, e desde logo, numa releitura (já cristológica) do ato criador divino, todos os seres são chamados por Deus para uma vocação e função específicas, que podem, ou não, cumprir. O termo “kaléo” surge abundantemente em todos os textos do NT, sendo um verbo muito importante que nos ajuda a interpretar mais assertivamente o seu sentido a ponto de, a nível vocacional, se dever dizer que «no NT o verbo καλέω se usa para designar o soberano chamamento divino, no sentido de uma vocação que procede de Deus»;<sup>169</sup> isto é, em que Deus é quem toma a iniciativa dirigindo-se àqueles a quem escolhe por Sua livre e absoluta determinação.

---

<sup>165</sup> Antonio Sicari, «La vocación de los profetas», em *Vocación común y vocaciones específicas, aspectos bíblicos, teológicos y psico-pedagógico-pastorales*, 162.

<sup>166</sup> Cf. Antonio Sicari, 162.

<sup>167</sup> Simon Légasse, «Vocation», *DSp* 16, 1082.

<sup>168</sup> Cf. J. Eckert, «καλέω», em *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*, vol. 1, ed. Horst Balz Gerhard Schneider (Salamanca: Sígueme, 1996), 2171.

<sup>169</sup> J. Eckert, 2171.

Mencione-se, ainda e no que concerne aos textos paulinos, que surge um termo abstrato κλήσις, que se pode traduzir como “chamamento”, “vocação”.<sup>170</sup> Nas fontes por nós consultadas, este termo «aparece sobretudo em Paulo e na tradição paulina como um tecnicismo do vocabulário paulino para designar a vocação divina, e o termo de difusão mais amplo κλητός, revelam elementos básicos da compreensão bíblico-cristã da existência e da salvação». <sup>171</sup> Na mesma linha, o grande “*Dictionnaire de Spiritualité*” diz-nos, com grande pertinência, que este termo κλήσις é a expressão do percurso divino em vista da salvação oferecida por Jesus Cristo.<sup>172</sup>

### 2.1.2.1.- A vocação na criação procede da Trindade

Com a plena e suprema Auto-Revelação de Deus em Jesus Cristo, que mostra YHWH ser Pai e Filho e Espírito Santo, é possível dizer-se que, fruto de um “diálogo” intra-divino, Deus é o responsável pelo chamamento de cada ser e de cada coisa. Deus escolheu-nos mesmo, diz o autor da “*Carta aos Efésios*”, desde o princípio do mundo para sermos perfeitos no amor: «foi assim que Ele nos escolheu em Cristo antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis na sua presença, no amor» (*Ef.* 1,4). Assim, podemos dizer que «sem este impulso interior operado pelo Pai na alma, não se cumpre a realidade da vocação». <sup>173</sup> Mas é claro que «a vocação é também obra do Filho, de Cristo no Seu Espírito. Ele, Palavra única, suprema e definitiva do Pai, é a vocação, o chamamento do Pai a cada homem». <sup>174</sup>

Tudo isto está bem patente no “Prólogo” do “*Evangelho segundo João*”, que começa deste modo: «no princípio havia o Verbo, e o Verbo estava em Deus e o verbo era Deus. No princípio, Ele estava com Deus. Por Ele é que tudo começou a existir, e sem Ele nada veio à existência. Nele é que estava a Vida de tudo o que veio a existir» (*Jo.* 1,1-4). Assim e num agrafó com as primeiras palavras do “*Livro do Génesis*”, a criação divina é, por si mesma, um verdadeiro e autêntico chamamento. <sup>175</sup> Deus chama as coisas do nada e, pela força da Sua voz, elas passam a existir e o próprio ser humano vem à existência pela potência da mesma Palavra criadora (cf. *Rm.* 4, 17). Esta Palavra criadora das origens, agora encarnada no contexto do NT, estabelece a sua morada no meio dos homens (cf. *Jo.* 1,14) para estabelecer

---

<sup>170</sup> Cf. Citrini, «Vocação (Teologia da)», 1448.

<sup>171</sup> J. Eckert, «καλέω», 2171.

<sup>172</sup> Cf. Simon Légasse, «Vocation», 1083.

<sup>173</sup> Mário Óscar Llanos, *Servir as vocações na Igreja: Pastoral vocacional e pedagogia da vocação* (Porto: Edições Salesianas, 2009), 21.

<sup>174</sup> Óscar Llanos, *Servir as vocações na Igreja*, 21.

<sup>175</sup> Cf. Agostino Favale, «La vida como vocación», em *Vocación común y vocaciones específicas, aspectos bíblicos, teológicos y psico-pedagógico-pastorales*, 34-35.

um novo diálogo com eles, chamando-os para que entrem numa nova relação ou aliança vital que podemos chamar, segundo o nosso Orientador, de “vocação coletiva na ordem da salvação”, ou, dentro desta e a esta orientada, de “vocação individual na ordem da realização de alguma missão especial”.

Este *Lógos*, que faz todas as coisas, vem agora salvar e plenificar. Assim, todo o ser humano possui uma vocação divina desde logo fruto da Criação; isto é, está vocacionado a realizar-se como pessoa na comunhão com os outros: «todos os seres têm no Verbo de Deus a sua origem, consistência e meta final (cf. *Cl.* 1,15-16)».<sup>176</sup> Daqui, «torna-se evidente, então, que nenhuma vocação pode nascer ou, de qualquer modo, chegar à sua plenitude, senão através do encontro profundo e pessoal com Jesus Cristo»,<sup>177</sup> que em união com o Seu Espírito nunca deixa de chamar e conduzir, para a realização plena do chamamento e com a anuência do sujeito, todo aquele sobre o qual dirigiu o seu olhar preferencial.

#### 2.1.2.2.- Modelos de vocações neotestamentárias

Abordar o tema da vocação no NT, não se pode fazer de uma forma unívoca visto que o tema vocacional se perspetiva em diferentes ângulos. Segundo o cardeal Carlo Maria Martini, encontramos, nos Evangelhos, perícopes que fazem alusão ao chamamento dos doze (cf. *Mc.* 3, 13); outras que focam o chamamento de pessoas individuais (cf. *Mc.* 1,20), outras ainda, que particularizam o chamamento de um grupo determinado de pessoas, como é o caso dos pecadores (cf. *Mc.* 2,17; *Lc.* 5,29-32; *Mt.* 9,10-13). Além disto pode-se contemplar um outro nível de apelo vocacional, o qual surge associado ao convite na participação das núpcias do Cordeiro (cf. *Lc.* 14,16-17), bem como aqueles que figuram fora dos ditos Evangelhos, nos quais vislumbramos relatos de chamamento na Igreja primitiva (cf. *At.* 13,2),<sup>178</sup> e que se encontram intrinsecamente correlacionados com uma missão.<sup>179</sup>

Feita esta brevíssima análise dos distintos relatos vocacionais neotestamentários, brota a ideia de que a vocação emerge sobretudo no seio da comunidade e que não se dirige a pessoas isoladas, mas a pessoas que pertencem ou estão inseridas num grupo. A multidão (cf. *Mc.* 3,7-8) revela-se como o lugar no qual se realiza o chamamento e, conseqüentemente, é o lugar onde aquele que é chamado é enviado.<sup>180</sup> No seio disto surge a narrativa da *escolha dos doze* (cf. *Mc.* 3,13-19) a qual, de qualquer modo que a queiramos ver com olhos que veem e

---

<sup>176</sup> Agostino Favale, 42-43.

<sup>177</sup> Llanos, *Servir as vocações na Igreja*, 21.

<sup>178</sup> Cf. Martini, *Bíblia e vocação*, 101. Seguindo, ainda, este estudo de Martini, ele sublinha, na mesma página antes indicada, que a abordagem da vocação e do chamamento não está propriamente presente no “*Evangelho de João*”, sendo tal termo este substituído por “mandato” (cf. *Jo.* 21,20).

<sup>179</sup> Cf. Quevedo, «Vocación», 1837.

<sup>180</sup> Cf. Quevedo, 1834-1835.

olham com integridade e integralidade, insere-se «uma síntese da teologia da vocação e missão».<sup>181</sup> Na realidade, os chamados não foram para um lugar, mas ao encontro de uma pessoa: Jesus. Aqui acontece a Boa Nova da Esperança<sup>182</sup> como algo determinante para a proclamação do Evangelho do Reino de Deus, a ponto de podermos dizer que «a vocação é o meio pelo qual [Jesus] agrupa junto de Si os Doze»<sup>183</sup>, para irem a um Mundo que «é como um grande hospital, uma grande necessidade, uma grande espera».<sup>184</sup>

De qualquer modo, o cronologicamente precedente chamamento dos primeiros discípulos (cf. *Mt.* 4,18-22) «é visto como o protótipo da vocação de todo o cristão».<sup>185</sup> A base deste é desenvolvida por Jesus aos discípulos ao dizer-lhes: «vinde comigo e Eu farei de vós pescadores de homens.» (*Mt* 4, 19); e isto, num relato em que a moldura se ajusta àquele que chama (Jesus).<sup>186</sup> O discípulo é, portanto e numa vinculação estreitamente vocacional, aquele que, vendo a Jesus e por Ele se apaixonando a nível dos Seus comportamentos e palavras (cf. *Jo.* 1,35-51), acompanha-O, deixando tudo e seguindo-O para onde quer que Ele vá. Por isso, estar com Ele traduz-se num amadurecer da sua fé,<sup>187</sup> na aprendizagem pelo ver e pelo ouvir,<sup>188</sup> e no descobrir o mistério pessoal de Jesus e a entrada na comunidade cristã»,<sup>189</sup> conforme pudemos ouvir dizer, diversas vezes, o Professor Doutor Abel Canavarro.

Avançando a nossa exposição para a vocação de Saulo / Paulo (cf. *At* 9,1-30) encontramos uma experiência distinta daquelas realizadas por Jesus no seu apostolado terreno.<sup>190</sup> Com efeito, já «não se trata unicamente de uma vocação ou mudança de vida, mas trata-se de uma autêntica vocação»<sup>191</sup> no sentido teológico mais estreito e delimitado deste termo. É, deveras, um chamamento de Deus<sup>192</sup> interpretado, por Paulo e após a sua reflexão teológica que o fez entender como YHWH é Pai e Filho e Espírito, como uma «vocação-missão»<sup>193</sup> e até mesmo como uma “revelação”: «pois eu não o recebi nem aprendi de homem algum, mas por uma revelação de Jesus Cristo» (*Gl*, 1,12). A vida de Paulo, desde a sua

---

<sup>181</sup> Quevedo, «Vocación», 1839. Esta mesma ideia é expressa em Martini: «O próprio Jesus é agora fonte da missão e da vocação»: Martini, *Bíblia e vocação*, 107.

<sup>182</sup> Martini, *Bíblia e vocação*, 105.

<sup>183</sup> Jacques Guillet, «Vocación», em *Vocabulario de Teología Bíblica*, ed. Xavier Léon-Dufour (Barcelona: Herder, 1965), 846.

<sup>184</sup> Martini, *Bíblia e vocação*, 109.

<sup>185</sup> Quevedo, «Vocación», 1839.

<sup>186</sup> Cf. Simon Légasse, «Vocation», 1087.

<sup>187</sup> Cf. Masseroni, «Vocación y Vocaciones», 1923-1924.

<sup>188</sup> Luis Rubio Morán, «Chamar / Chamamento», em *Dicionário de Orientação Vocacional* (Prior Velho: Paulinas, 2008), 281.

<sup>189</sup> Quevedo, «Vocación», 1839.

<sup>190</sup> Cf. Citrini, «Vocação (Teologia da)», 1447.

<sup>191</sup> Quevedo, «Vocación», 1841.

<sup>192</sup> Cf. Quevedo, 1842.

<sup>193</sup> Cf. de Lorenzi, «Vocación», 1968.

conversão, foi verdadeiramente uma experiência com Cristo Ressuscitado com o qual se sente completamente identificado (cf. *Gl.* 2,19-20), embora não plenamente (cf. *Cl.* 2,24)

Para concluirmos este apartado, resta-nos falar da vocação de Maria. Esta, sempre a dever ser vista dentro da Igreja e à luz de Cristo Jesus, é a jovem que está chamada a ser a mãe de Deus, do Salvador, do Emanuel que está no centro da História da Salvação. Se antes uma jovem pôde lamentar-se que «os meus olhos choram lágrimas contínuas, sem descanso, até que do alto dos céus o Senhor se incline e veja. [...] [mas] isto, porém, guardo no meu coração; por isso, mantenho a esperança: é que a misericórdia do Senhor não acaba, não se esgota a sua compaixão» (*Lm.* 3,49-51; 21-23), agora tudo muda. Maria é cheia do Espírito Santo, e, por isso, é dito que, além de se dever alegrar por ter sido vista como predileta do Senhor, «o próprio Espírito Santo a modelou e d' Ela fez uma nova criatura».<sup>194</sup>

Maria, em plena liberdade e com uma fé maravilhosa – característica dos “sem terra” que eram igualmente “anawin” –, acreditou, como lemos na “*Porta Fidei*”,<sup>195</sup> naquilo que iria acontecer «na obediência da sua dedicação».<sup>196</sup> O *CdIC* diz-nos que Maria «para poder dar assentimento livre da sua fé ao anúncio da sua vocação, era necessário que Ela fosse totalmente movida pela graça de Deus» (*CdIC*, 490) qual protótipo da vocação da Igreja e de todo o Mundo, que, com Maria, se renova pelo Mistério, que se fez Mistério connosco no seu seio, e se faz ao caminho (cf. *Lc.* 1,39).<sup>197</sup> E isto, não para viajar ou fazer turismo, mas para compartilhar das maravilhas que o Senhor estava a fazer nela em prol da humanidade.

## 2.2.- A Vocação na Teologia Contemporânea

Abordar o tema da vocação requer que se tente fazer uma breve reflexão sobre o alcance deste vocábulo e do que o mesmo quer significar exatamente, tanto num horizonte não crente – que crescentemente o usa, por exemplo, em testes psicotécnicos na área da psicologia e que, pelo que sabemos de confrades psicólogos, são tão fiáveis como “atirar búzios” –, como num horizonte religioso, a fim de delinear a especificidade da vocação cristã. Para este propósito, socorremo-nos, primeiramente, de um “*Dicionário de Português*” e da “*Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura*” que nos ajuda a perspetivar, num plano mais lato, a etimologia e a semântica da vocação e somente depois entraremos pelo âmbito mais caracteristicamente teológico – meta decisiva para a segunda Parte deste Capítulo.

---

<sup>194</sup> II Concílio do Vaticano, *Constituição Dogmática Lumen gentium*, n.º 56.

<sup>195</sup> Bento XVI, *Carta Apostólica Porta Fidei*. AAS 103 (2011): 723-734.

<sup>196</sup> Bento XVI, *Carta Apostólica Porta Fidei*, n.º 13.

<sup>197</sup> Cf. Salvatore M. Meo, «La vocación de Maria», em *Vocación común y vocaciones específicas, aspectos bíblicos, teológicos y psico-pedagógico-pastorales*, 238.

### 2.2.1.- O CONCEITO DE VOCAÇÃO DESDE UM HORIZONTE LAICO

De acordo com o “*Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*”, o termo “vocação” é dito como oriundo de uma palavra latina “*vocatio, onis*”, por sua vez vindo de “*voco*” + “*tio*” (algo como “eu chamo” mais sufixo de terceira conjugação). Tais palavras têm conotações quer laicas – por exemplo indicando características, tendências, inclinações, propensões e gostos e desgostos que uma pessoa apresenta para uma determinada profissão ou área de estudos –, quer referentes a um chamamento divino, feito a uma determinada pessoa no sentido de lhe conferir uma missão específica.<sup>198</sup>

Já a mais extensa “*Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*” diz que “vocação” se refere a um conjunto de fatores biopsicossociais que residem num indivíduo e que lhe potenciam as motivações para realizar um determinado projeto, levando-o à tomada de opções em vista deste mesmo projeto. Nesta perspetiva, não se vislumbra qualquer influência de ordem metafísica, mas valoriza-se, sobretudo, a vocação numa conexão com a psicologia genética e com a psicologia social, aparecendo estas como determinantes do desenvolvimento e escolhas do indivíduo e, igualmente, possibilitando que a própria Psicologia contribua para uma orientação educacional do indivíduo. A Psicologia deixa antever nos indivíduos aspirações que resultam de um quadro situacional e que são o pano de fundo da sua vocação; isto é, da sua, sempre equívoca e até perniciosa do ponto de vista espiritual em que a sinergia é fundamental, auto-realização.<sup>199</sup>

### 2.2.2.- O CONCEITO DE VOCAÇÃO DESDE UM HORIZONTE RELIGIOSO

Não se podendo dizer que a vocação tem a sua origem, mesmo etimológica, no contexto religioso, não há dúvida de que até ao surgir da dúbia ciência da Psicologia, o mesmo era geralmente de uso especificamente daquele dito contexto, inclusive quase que cristão – pelo menos em Portugal. Cabe-nos agora ver isto com algum pormenor, dissecando em tranches finas, e até finíssimas, o que até poderia ser apresentado como um todo homogéneo. Algo que não faremos por motivos de clareza.

#### 2.2.2.1.- Uma primeira aproximação contextualizada

Para sabermos por onde iremos caminhar, decidimos referir o que a respeito de vocação dizem duas fontes que cremos da máxima qualidade. Assim, o “*Novo Dicionário de*

---

<sup>198</sup> Cf. Anónimo. «Vocação», em *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. 2 (Lisboa: Verbo, 2011), 3773-3774.

<sup>199</sup> Cf. Agostinho Ferraz, «Vocação», em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 18 (Lisboa: Verbo, 1976) 1363-1365.

*Teologia Moral*” diz-nos que «vocação, no singular, coloca o acento na chamada de todos à configuração com Cristo através do Batismo; já vocações, no plural, necessitam da diversidade dos dons que compõem o rosto da comunidade eclesial unificada pelo Espírito». <sup>200</sup> Eis aqui, claramente expressa, a distinção, dadora de tanta formação – sobretudo no âmbito das ordens e congregações religiosas –, entre “vocação” e “vocações” que, num analogado à existente entre “espiritualidade” e “espiritualidades” e “mística” e “místicas”, teve o seu período áureo a fins do século XX.

Já o nosso Papa Francisco – na “*Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit*”, <sup>201</sup> emitida após a realização do sínodo sobre os Jovens – diz-nos que

«a palavra “vocação” pode-se entender em sentido amplo como chamamento de Deus, incluindo a chamada à vida, a chamada à amizade com Ele, a chamada à santidade, etc... Isto tem um grande valor, porque coloca toda a nossa vida diante de Deus que nos ama, permitindo-nos compreender que nada é fruto dum caos sem sentido, mas, pelo contrário, tudo pode ser inserido num caminho de resposta ao Senhor, que tem um projecto estupendo para nós». <sup>202</sup>

Claro que esta descrição, que acabámos de fazer, tem o perigo latente, e porventura até patente, de, usando o termo “projeto” – que remete para uma realidade fixa, estática e quase pré-determinada (quando ela, no fundo, é tudo menos isso) –, nos dar uma ideia um pouco enviesada ou oblíqua de vocação, mas, fora este busílis, mantem-nos no terreno seguro que desejávamos.

#### 2.2.2.2.- A Palavra de Deus, como chamamento, dirigida ao ser humano

A Palavra de Deus tem um lugar importante na vida do cristão, sobretudo daquele que, como teremos a oportunidade de ver com maior detalhe no nosso próximo Capítulo, se sente chamado e interpelado pela Sua Palavra. A Constituição Dogmática “*Dei Verbum*”, <sup>203</sup> e a Exortação Apostólica Pós-Sinodal “*Verbum Domini*” <sup>204</sup> vão auxiliar-nos nesta nossa reflexão. Pois bem, na Revelação, Deus manifesta-Se e comunica-Se ao homem pelas Suas obras (*CdIC*, 69) e «pelo dom da sua Palavra». <sup>205</sup> Deus age, também “falando”, na Sua infinita bondade em favor de toda a humanidade e, por isso mesmo, «as palavras de Deus, expressas por línguas humanas, tornam-se semelhantes à linguagem humana, tal como outrora o Verbo do eterno Pai Se assemelhou aos homens assumindo a carne e a debilidade humana» (*CdIC*, 101).

---

<sup>200</sup> Masseroni, *Vocación y Vocaciones*, em *Nuevo Diccionario de Teología Moral*, 1921.

<sup>201</sup> Francisco, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit* (Braga: AO, 2019).

<sup>202</sup> Francisco, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit*, n.º 248.

<sup>203</sup> Cf. II Concílio do Vaticano, *Constituição Dogmática Dei verbum*.

<sup>204</sup> Cf. Bento XVI, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini*. AAS 102 (2010): 681-787.

<sup>205</sup> Bento XVI, *Verbum Domini*, n.º 1.

É neste contexto, que para Carlo M. Martini a Palavra de Deus apresenta várias funções: «a Palavra-comunicação, a Palavra-mensagem, a Palavra-criadora»<sup>206</sup>. Devemos esforçar-nos para que a Palavra de Deus Se conserve e permaneça em nós como alimento espiritual da nossa fé. Ela é, por excelência, é Jesus Cristo, o Logos, o Verbo Encarnado que vem continuamente até nós com o propósito de nos salvar, chamando-nos a aceitarmos o risco de com Ele estabelecermos uma relação dialogal que transforme, num tu-a-tu que é sempre um coração-a-coração, as nossas vidas ao Seu “estilo”. Através da celebração dos Sacramentos, da veiculação do Magistério da Igreja e da Sagrada Liturgia, a Palavra de Deus está presente nos variados momentos da vida do crente que a deve sentir e viver dentro do seu coração (cf. *Lc.* 11,28).<sup>207</sup> Neste sentido, e mesmo fora do âmbito eclesial a que já apontámos, é de se reter que

«todo o homem aparece como o destinatário da Palavra, interpelado e chamado a entrar, por uma resposta livre, em tal diálogo de amor. Assim, Deus torna cada um de nós capaz de escutar e responder à Palavra divina. O homem é criado na Palavra e vive nela; e não se pode compreender a si mesmo, se não se abre a este diálogo. A Palavra de Deus revela a natureza filial e relacional da nossa vida. Por graça, somos verdadeiramente chamados a configurar-nos com Cristo, o Filho do Pai, e a ser transformados n’Ele».<sup>208</sup>

Na sua comunicação com Deus, por meio da Palavra, o homem pode entender verdadeiramente as Suas respostas. Só Deus é capaz de purificar os anseios do coração, realizando-os como frutos do Seu amor. Há um diálogo que se estabelece entre Deus e o homem. O “*Livro dos Salmos*” é um dos exemplos que manifesta isso mesmo, onde o crente se pode dirigir a Deus orando, expressando os seus próprios sentimentos – de louvor, alegria, dor, tristeza, esperança e até cólera. Deus é, nesta Obra, precisamente Aquele que escuta, mas Ele não se fica por isso. Já vimos que Deus é sempre Aquele que inicia um diálogo de amor, ao qual o homem responde por ação da fé em obras.<sup>209</sup>

O Sínodo clarifica a importância das Sagradas Escrituras na ação da vida da Igreja, dizendo-nos que «a própria vida é vocação em relação a Deus»<sup>210</sup> e que no acolhimento e aprofundamento da Sua Palavra encontramos o caminho para a santidade na realização da nossa vocação geral e concreta.<sup>211</sup> Deixa, ainda, expresso que os clérigos, de modo especial, «não podem de forma alguma pensar viver a sua vocação e missão sem um decidido e renovado compromisso de santificação, que tem um dos seus pilares no contacto com a

---

<sup>206</sup> Martini, *Bíblia e vocação*, 15.

<sup>207</sup> Cf. Bento XVI, *Verbum Domini*, n.º 15-20.

<sup>208</sup> Bento XVI, n.º 12.

<sup>209</sup> Cf. Bento XVI, n.º 23-25.

<sup>210</sup> Cf. Bento XVI, n.º 77.

<sup>211</sup> Bento XVI, n.º 78.

Bíblia».<sup>212</sup> Enfim, indica também que nas outras formas de vida é importante ter uma relação profunda com a Palavra de Deus, graças à qual Esta dá sustento pleno à vocação, chamando cada um a ser quem deve ser – ele mesmo.<sup>213</sup>

Neste cenário, a vocação humana em geral é a de ser, e a de manifestar ser, a imagem semelhante de Deus-Amor a ser progressivamente moldada à imagem do Filho único do Pai, única Imagem perfeita de Deus e, na Sua condição gloriosa, o modelo da nossa própria humanidade (cf. *CdIC*, 1877). A vocação humana é um dom para a humanidade no seio do Mundo que, assim, é preparado para a sua transformação em Reino: mediante a ação do Espírito que age apelando cada um a intuí-Lo e a Ele manifestar disponibilidade de escuta e resposta, através do coração, da oração e da prática dos valores evangélicos (que, no fundo, são os valores humanos verdadeiros).<sup>214</sup>

### 2.2.2.3.- Vocação e vocações

A “*Lumen gentium*”, importante documento do II Concílio do Vaticano dedicado à Igreja, fala-nos dos carismas ao sublinhar que «quer sejam os mais elevados, quer também os mais simples e comuns, devem ser recebidos com ação de graças e consolação, por serem muito acomodados e úteis às necessidades da Igreja».<sup>215</sup> Já o Decreto “*Ad gentes*”<sup>216</sup> clarifica que todos os fiéis, nos seus diversos dons e carismas têm que servir o Evangelho mediante os seus dons e apela a que todos sejam um só para a construção da Igreja.<sup>217</sup> Assim sendo, os carismas – dons especiais que todos têm, embora nem sempre os mesmos – devem ser colocados na liberdade de cada um numa abertura ao Mundo e ao Reino, para, dessa forma, se concretizarem em vocações como formas de vida – tradicionalmente tidas como três: matrimonial, consagrada e clerical.

Para se chegar a esta designação de vocação como forma de vida, não devemos esquecer a distinção entre a definição dinâmica da vocação-forma (mais em consonância com o que é a realidade da relação com Deus), e a definição estática de vocação-estado: a conexão entre uma ou outra nem sempre é explícita, nem fácil de estabelecer.<sup>218</sup> Todavia, o relevante é que cada uma, a seu modo, procure mostrar, que, numa vida em Cristo na Igreja e no Mundo, nenhuma delas é «a vocação ou o seu final, mas, sobretudo, o lugar instituído da fidelidade,

---

<sup>212</sup> Bento XVI, n.º 78.

<sup>213</sup> Cf. Bento XVI, n.º 82- 85.

<sup>214</sup> Cf. Masseroni, «Vocación y Vocaciones», 1928-1929.

<sup>215</sup> II Concílio do Vaticano, *Constituição Dogmática Lumen gentium*, n.º 12.

<sup>216</sup> II Concílio do Vaticano, *Decreto Ad Gentes*. *AAS* 57 (1965): 947-990.

<sup>217</sup> Cf. *Decreto Ad Gentes*, n.º 28.

<sup>218</sup> Cf. Citrini, «Vocação (Teologia da)», 1452.

em que se deve prestar atenção e obediência permanente à “voz”»<sup>219</sup> que apela ao amor maior que realiza, subjetivamente e numa de diversas vocações, a vocação fundamental que já vimos ser a de nos tornarmos um em Cristo. E isto, sempre no contexto de um diálogo com Deus no seio da missão eclesial.<sup>220</sup>

#### 2.2.2.4.- A Vocação à Santidade

No fundo, o que vimos, pode ser entendido como o cenário mais amplo – já veremos o mais próximo, depois desta Secção do nosso Trabalho – para se entender que todo o ser humano é criado para a santidade, numa realização vocacional, por meio do amor divino. O ser humano beneficia do diálogo amoroso e da comunicação também amorosa com Deus. O amor de Deus é a fonte que santifica o ser humano, e por isso mesmo, este abre-se a Deus de modo a aperfeiçoar melhor este amor e a tornar-se mais santo.<sup>221</sup> Cristo, como sabemos, é o Santo de Deus, e por isso, n’Ele realizou-se plenamente a vocação humana à santidade, no que permite que cada ser humano concretize a vocação universal à santidade, de modo a fazer-se participante do Espírito do Ressuscitado e, assim, da própria natureza de Deus (cf. *2Pe.* 1,4).<sup>222</sup> Por outras palavras: «se somos filhos no Filho de Deus-Pai, significa que a nossa vocação à santidade nos convida e nos empenha a amar como Deus; melhor: dentro do próprio amor de Deus».<sup>223</sup>

Referimos, mais acima, uma “vocação universal à santidade”, noção que o II Concílio do Vaticano, no documento “*Lumen gentium*” deixa expressa no seu Capítulo dedicado à santidade, convenientemente denominado de “A vocação de todos à santidade na Igreja”. Na verdade, na Igreja e sem exceção, todos somos chamados à santidade, dado que

«os seguidores de Cristo, chamados por Deus e justificados no Senhor Jesus, não por merecimento próprio, mas pela vontade e graça de Deus, são feitos, pelo Baptismo da fé, verdadeiramente filhos e participantes da natureza divina e, por conseguinte, realmente santos. É necessário, portanto, que, com o auxílio divino, conservem e aperfeiçoem, vivendo-a, esta santidade que receberam».<sup>224</sup>

Assim, ainda nos refere o documento que «todos os cristãos são, pois, chamados e obrigados a tender à santidade e perfeição do próprio estado. Procurem, por isso, ordenar retamente os próprios afectos, para não serem impedidos de avançar na perfeição da caridade pelo uso das coisas terrenas e pelo apego às riquezas, em oposição ao espírito da pobreza

---

<sup>219</sup> Citrini, 1452.

<sup>220</sup> Cf. Citrini, 1452.

<sup>221</sup> Cf. Tullo Goffi e Antonio Gentili, «Vocação à Santidade», em *Dicionário de Orientação Vocacional*, 1458.

<sup>222</sup> Cf. Goffi e Gentili, 1457-1459.

<sup>223</sup> Goffi e Gentili, 1459.

<sup>224</sup> II Concílio do Vaticano, *Constituição Dogmática Lumen gentium*, n.º 40.

evangélica». <sup>225</sup> Isto é uma afirmação notável na sua concisão e ambição e que, embora ainda use o termo maioritariamente superado de “estado”, aponta na perfeição o conceito-chave para o caminho concreto para a dita santidade. A saber: a orientação afetiva dos afetos de cada um aos do Senhor Jesus. Eis porque, numa bela síntese do que temos tratado com algum detalhe – que não faz jus à complexidade da temática que estamos a trazer à luz –, o Papa Francisco, no texto “*Gaudete et exultate*”, <sup>226</sup> refere que a santidade é a vocação para que todos nós fomos chamados, e que por isso mesmo, se pode e deve afirmar, com uma convicção que mova os corações e as mãos, que «a santidade é o rosto mais belo da Igreja». <sup>227</sup>

Note-se que tal vocação de todos à santidade não deve, nem pode, ocorrer em solitário, antes seguindo-se os passos do próprio Deus-Amor, que pela Sua infinita condescendência amorosa veio até nós em Jesus Cristo para que, em comunidade, possamos ir até Ele – que é a mais perfeita Comunidade – pelo mesmo Senhor. Eis porque no “*Dicionário de Orientação Vocacional*” podemos ler que «a vocação à santidade, em dimensão comunitária, é um dos aspectos de vocação primeiramente pessoal; porque, assim como é a pessoa que se abre em comunhão e convivência com os outros, assim também só vai ficando capaz de desenvolver a santidade comunitária à medida que for realizando a sua santidade pessoal». <sup>228</sup>

#### 2.2.2.5.- *Vocação e missão do leigo*

Os leigos possuem uma grande importância na vida da Igreja e participam na vida e na missão da mesma na sua edificação, que se manifesta na prática da caridade, de modo esmagadoramente maioritário na Igreja. Fruto disto, no decreto “*Apostolicam actuositatem*”, <sup>229</sup> do II Concílio do Vaticano, sobre o apostolado dos leigos pode ler-se que

«o sagrado Concílio, desejando tornar mais intensa a actividade apostólica do Povo de Deus, volta-se com muito empenho para os cristãos leigos, cujas funções próprias e indispensáveis na missão da Igreja já em outros lugares recordou. Com efeito, o apostolado dos leigos, que deriva da própria vocação cristã, jamais poderá faltar na Igreja. A mesma Sagrada Escritura demonstra abundantemente como foi espontânea e frutuosa esta actividade no começo da Igreja (cf. *At.* 11,19-21 e 18,26; *Rom.* 16,1-16; *Fil.* 4,3)». <sup>230</sup>

Já a Constituição Dogmática “*Lumen gentium*”, do mesmo Concílio, dedica o seu Capítulo IV aos leigos, dizendo, desde logo, o que entende por estes. Em concreto: «todos os cristãos que não são membros da sagrada Ordem ou do estado religioso reconhecido pela

---

<sup>225</sup> II Concílio do Vaticano, n.º 42.

<sup>226</sup> Francisco, *Exortação Apostólica Gaudete et Exultate*, AAS 110 (2018): 1111-1161.

<sup>227</sup> Francisco, n.º 9.

<sup>228</sup> Goffi e Gentili, «Vocação à Santidade», 1462.

<sup>229</sup> II Concílio do Vaticano *Decreto Apostolicam actuositatem*. AAS 58 (1966): 837-864.

<sup>230</sup> II Concílio do Vaticano, n.º 1.

Igreja, isto é, os fiéis que, incorporados em Cristo pelo Baptismo, constituídos em Povo de Deus e tornados participantes, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo, exercem, pela parte que lhes toca, a missão de todo o Povo cristão na Igreja e no mundo».<sup>231</sup>

No que se refere à vocação missionária, a que o leigo está intrinsecamente chamado pelos dons batismais, «esta tem a ver com o nosso serviço aos outros»,<sup>232</sup> e neste sentido o decreto “*Ad gentes*” sobre a atividade missionária da Igreja refere que:

«embora a todo o discípulo de Cristo incumba a obrigação de difundir a fé conforme as suas possibilidades, Cristo Senhor chama sempre dentre os discípulos os que Ele quer para estarem com Ele e os enviar a evangelizar os povos. E assim, mediante o Espírito Santo, que para utilidade comum reparte os carismas como quer, inspira no coração de cada um a vocação missionária e ao mesmo tempo suscita na Igreja Institutos, que assumem, como tarefa própria, o dever de evangelizar, que pertence a toda a Igreja».<sup>233</sup>

O ser humano chamado por Deus deve ser capaz de responder de modo a ensinar o Evangelho seguindo os ensinamentos de Jesus. Por isso, no cuidado da formação no âmbito da vocação missionária, é muito importante também a formação espiritual e moral, a formação doutrinal e apostólica, para que, deste modo, todos os missionários se sintam aptos a anunciar a todos os povos esta vocação maravilhosa ao Amor para a qual todos foram chamados.<sup>234</sup> Todo aquele que, como diz a Carta Encíclica “*Evangelii gaudium*”,<sup>235</sup> é chamado à missão deve levar consigo «a alegria do Evangelho, que enche a vida e a comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária».<sup>236</sup>

Anos depois, na Exortação Apostólica “*Evangelii nuntiandi*”<sup>237</sup> sobre os obreiros da evangelização, Paulo VI, referindo-se aos leigos, diz que eles têm «uma vocação específica que os coloca no meio do mundo e à frente de tarefas, as mais variadas na ordem temporal, devendo também eles, através disso mesmo, atuarem de uma singular forma de evangelização».<sup>238</sup> Ou seja: os leigos, estando onde geralmente os demais batizados não se encontram, possuem a íncólita missão de realizarem no Mundo a missioação e, se possível, a evangelização.

No âmbito do Sínodo dos bispos de 1987, foi publicada a Exortação Apostólica Pós-Sinodal “*Christifidelis laici*”<sup>239</sup> sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no Mundo.

---

<sup>231</sup> II Concílio do Vaticano, *Constituição Dogmática Lumen gentium*, n.º 31.

<sup>232</sup> Francisco, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit*, n.º 254.

<sup>233</sup> II Concílio do Vaticano, *Decreto Ad Gentes*, n.º 23.

<sup>234</sup> Cf. II Concílio do Vaticano, n.º 24-27.

<sup>235</sup> Francisco, *Exortação Apostólica Evangelii gaudium*. AAS 105 (2013): 1019-1137.

<sup>236</sup> Francisco, n.º 21.

<sup>237</sup> Paulo VI, *Exortação Apostólica Evangelii nuntiandi*. AAS 68 (1976): 5-76.

<sup>238</sup> Paulo VI, n.º 70.

<sup>239</sup> João Paulo II, *Exortação Apostólica Christifideles laici*. AAS 81 (1989): 393-521.

Esta exortação menciona que o chamamento vocacional não se refere exclusivamente aos pastores, sacerdotes e consagrados, mas alarga-se também aos leigos, que são convidados a colaborar na vinha do Senhor – pena é que na semana de oração pelas vocações se esqueça de orar mais frequentemente pela vocação de bons crentes ao matrimónio, à paternidade e ao trabalho. E isso até porque a Igreja renova-se – haveria celibatários sem leigos casados? As evidências dizem que sim, mas não por motivos felizes – numa constante colaboração dos leigos nos seus diversos dons e carismas.<sup>240</sup>

O importante número dez deste documento de João Paulo II diz-nos que: «não é um exagero dizer-se que toda a existência do fiel leigo tem por finalidade levá-lo a descobrir a radical novidade cristã que promana do Baptismo, sacramento da fé, a fim de poder viver as suas exigências segundo a vocação que recebeu de Deus»<sup>241</sup> e integrando-se na vida eclesial conforme os seus carismas pessoais específicos.<sup>242</sup>

#### 2.2.2.6.- A Vocação Religiosa

Servindo-nos do “*Dicionário Teológico da Vida Consagrada*”, podemos notar que os elementos constituintes da vida vocacional religiosa são: a «experiência de Deus (consagração), comunidade fraterna (comunhão) e a missão».<sup>243</sup> Assim, nesta experiência de Deus, a vocação religiosa nasce e é alicerçada numa intensa e verdadeira vivência de Deus, onde todo o vocacionado se sente amado, escutado e acolhido – algo que não é propriamente diferente das demais vocações. Na comunhão fraterna, os religiosos são chamados a viver o mesmo plano fraterno no seguimento de Jesus Cristo, mas desde uma existência tendencialmente comunitária: oração, estudo e trabalho – missionário ou não, sendo que quando o é, insere-se no mesmo a atividade pastoral, isto é, a atividade apostólica que pode ser de evangelização.<sup>244</sup>

Isto não podia deixar de ir em linha com o dito na “*Lumen gentium*” na qual, no Capítulo dedicado aos religiosos e fazendo referência aos conselhos evangélicos (que são para todos), se especifica que: «a [mais visível] profissão dos conselhos evangélicos aparece como um sinal que pode e deve atrair eficazmente todos os membros da Igreja a cumprirem com diligência os deveres da vocação cristã».<sup>245</sup> Ainda sobre os conselhos evangélicos, feitos quase o “estandarte” da vida religiosa, refere tal texto conciliar que os mesmos «abraçados

---

<sup>240</sup> Cf. João Paulo II, n.º 2-3.

<sup>241</sup> João Paulo II, n.º 10.

<sup>242</sup> Cf. João Paulo II, n.º 25.

<sup>243</sup> Luis González Quevedo, «Vocación», 1854.

<sup>244</sup> Cf. Luis González Quevedo, «Vocación», 1854-1855.

<sup>245</sup> II Concílio do Vaticano, *Constituição Dogmática Lumen gentium*, n.º 44.

voluntariamente, segundo a vocação pessoal de cada um, contribuem imenso para a purificação do coração e para a liberdade do espírito, estimulam continuamente o fervor da caridade».<sup>246</sup> No que concerne às exigências da vocação religiosa, o II Concílio do Vaticano – no, ainda hoje, extraordinariamente importante e atual “*Decreto Perfectae caritatis*”<sup>247</sup> – disse-nos que

«os membros de todo e qualquer Instituto lembrem-se sobretudo que responderam à vocação divina, pela profissão dos conselhos evangélicos, não só para morrerem para o pecado (cfr. *Rom.* 6,11), mas também para, renunciando ao mundo, viverem exclusivamente para Deus. Puseram toda a vida ao Seu serviço, o que constitui uma consagração especial, que se radica intimamente na consagração do Baptismo e a exprime mais perfeitamente».<sup>248</sup>

Observe-se a persistência de uma tensão existente entre a igualdade a nível da meta vocacional na santidade e a afirmação de uma certa preeminência dos religiosos, seja na vida da Igreja, seja na visibilidade do Reino, seja, ainda e embora de modo mais difuso, na própria santidade pessoal. Resquícios, certamente, de centenas de anos de, por vezes extrema, valorização da vida religiosa face às demais formas de vida.

#### 2.2.2.7.- A Vocação Sacerdotal

Deus, como vemos João Paulo II mencionar na “*Pastor dabos vobis*”<sup>249</sup> chama as pessoas aos sacerdócio desde certos contextos, quer eclesiais, quer humanos, para, depois, serem por Si enviados para proclamar o Evangelho do Reino,<sup>250</sup> sendo que, conforme refere Paulo VI na Carta Encíclica “*Sacerdotalis caelibatus*”,<sup>251</sup> no caso dos sacerdotes, religiosos ou seculares, «a correspondência à vocação divina é uma resposta de amor ao amor que Jesus Cristo nos mostrou de maneira sublime (cf. *Jo.* 3,16; 15,13); é mesmo a resposta coberta de mistério no amor particular pelas almas a quem Ele fez sentir os apelos mais instantes (cf. *Mc.* 10,21)».<sup>252</sup>

O, não obstante a chuva de documentos sobre o tema, ainda relevante decreto “*Presbyterorum ordinis*”,<sup>253</sup> sobre o ministério da vida dos sacerdotes, refere que

«pelo sacramento da Ordem, os presbíteros são configurados com Cristo Sacerdote, como ministros da cabeça, para a construção e edificação do seu corpo, que é a Igreja, enquanto cooperadores da Ordem episcopal. Já pela consagração do Baptismo receberam, com os restantes fiéis, o sinal e o dom de tão insigne vocação e graça para que, mesmo na fraqueza

---

<sup>246</sup> II Concílio do Vaticano, n.º 46.

<sup>247</sup> II Concílio do Vaticano, *Decreto Perfectae caritatis*, AAS 58 (1966): 702-712.

<sup>248</sup> II Concílio do Vaticano, n.º 5.

<sup>249</sup> Cf. João Paulo II, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores dabos vobis*. AAS 84 (1992): 657-804.

<sup>250</sup> João Paulo II, n.º 5.

<sup>251</sup> Paulo VI, *Carta Encíclica Sacerdotalis caelibatus*. AAS 69 (1967): 657-697.

<sup>252</sup> Paulo VI, n.º 24.

<sup>253</sup> II Concílio do Vaticano, *Decreto Presbyterorum ordinis*. AAS 57 (1965): 5-23.

humana, possam e devam alcançar a perfeição, segundo a palavra do Senhor: “Sede, pois, perfeitos, como o vosso Pai celeste é perfeito” (Mt. 5, 48)».<sup>254</sup>

Na vocação sacerdotal, «o padre deve assemelhar-se a Cristo»,<sup>255</sup> e, por isso mesmo, «a vocação sacerdotal continuará a ser o chamamento a viver o único e permanente sacerdócio de Cristo. Mas é certo que a vida e o ministério do sacerdote se deve “adaptar a cada época e a cada ambiente de vida”».<sup>256</sup> Ainda no mesmo documento, é-nos dito que «os Apóstolos constituídos pelo Senhor associarão progressivamente à sua missão, de formas diversas, mas no fim convergentes, outros homens como Bispos, Presbíteros e Diáconos para cumprir o mandato de Jesus Ressuscitado que os enviou a todos os homens de todos os tempos».<sup>257</sup> Isto pode parecer o somatório de poucas palavras, mas o que elas contêm é de uma riqueza extraordinária, pois vincula explicitamente a evangelização missionária de modo especial aos presbíteros. Talvez hoje já não seja assim, com tantos leigos missionários, mas trata-se de uma verdade que não pode ser esquecida.

A vocação à santidade também está, como é evidente, presente na vida do sacerdote, e por essa mesma razão, embora «o Concílio afirme, antes de mais, a vocação “comum” à santidade enquanto radicada no Baptismo, não deixa que se ignore que o presbítero é, antes de tudo, um “fiel”, um “irmão entre irmãos”, inserido e unido ao Povo de Deus, na alegria de partilhar os dons da salvação»<sup>258</sup> a partir de dentro com os demais em Jesus. Só e assim realizará a sua vocação específica que, como se sabe, tem o seu fundamento institucional (não o metafísico, pois este é o amor do Deus-Amor) na ordenação presbiteral.<sup>259</sup>

Na verdade, se todo o batizado é, em virtude do próprio sacramento do batismo, um vocacionado à santidade, o ministro ordenado, em virtude deste novo sacramento da Ordem (que recebe por mediação da Igreja que o aceita como tendo o que é preciso para cumprir as missões inerentes ao mesmo) é chamado a trabalhar na obra da sua santificação a tempo pleno. Não comparativamente em termos quantitativos face aos demais fiéis, mas, isso sim, qualitativos. E isto, seja a nível da consciência aguda desse egrégio encargo, seja da sua concretização mais focada, dado que

«é certo que o carisma da vocação sacerdotal, ordenada(o) ao culto divino e ao serviço religioso e pastoral do Povo de Deus, se distingue do carisma que leva à escolha do celibato como estado de vida consagrada (cf. n.ºs 5 e 7); mas a vocação sacerdotal, ainda que divina na sua inspiração, não se torna definitiva e operante sem o exame e a aceitação de quem possui na Igreja o poder e a responsabilidade do ministério ao serviço da comunidade eclesial; e

---

<sup>254</sup> II Concílio do Vaticano, n.º 12.

<sup>255</sup> João Paulo II, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal* Pastores dabo vobis, n.º 5.

<sup>256</sup> João Paulo II, n.º 5.

<sup>257</sup> João Paulo II, n.º 15.

<sup>258</sup> João Paulo II, n.º 20.

<sup>259</sup> Cf. João Paulo II, n.º 20.

pertence, por conseguinte, à autoridade da Igreja estabelecer, segundo os tempos e os lugares, quais devam ser em concreto os homens e quais os requisitos exigidos para que possam considerar-se aptos para o serviço religioso e pastoral da mesma Igreja».<sup>260</sup>

Enquanto resposta pessoal específica à vocação divina à santidade no amor, Paulo VI, um pouco mais à frente no documento que estamos a ponderar – e que, não fora a especificidade do nosso Labor (que será manifestada na terceira e derradeira Parte do mesmo) mereceria uma hermenêutica muito mais cuidadosa, nomeadamente a nível da interpretação do dito à luz da Tradição, da personalidade do seu autor e dos tempos em que foi escrito –, aduz que

«o sacerdócio é ministério instituído por Cristo para serviço do seu Corpo Místico que é a Igreja. A esta compete admitir os que julgar aptos, isto é, aqueles a quem Deus concedeu o carisma do celibato juntamente com os outros sinais de vocação eclesial (cf. n.º 15). Em virtude deste carisma corroborado pela lei canónica, o homem é chamado a responder com decisão livre e entrega total, subordinando o próprio eu ao beneplácito divino que o chama. Em concreto a vocação divina manifesta-se num indivíduo determinado, dotado de estrutura pessoal própria que a graça não costuma violentar. Por isso, no candidato ao sacerdócio, há de cultivar-se o sentido da receptividade do dom divino, e da disponibilidade nas relações com Deus, dando essencial importância aos meios sobrenaturais».<sup>261</sup>

#### 2.2.2.8.- A Pastoral das Vocações

Para concluirmos este segundo Capítulo, resta-nos dizer algo de muito breve sobre a pastoral das vocações. Assim, o II Concílio do Vaticano privilegia a importância e a necessidade da promoção dos sacerdotes ou da vida religiosa e a atenção e o cuidado que se deve ter na “promoção” das vocações a este respeito,<sup>262</sup> para que a celebração sacramental possa continuar (repare-se, mesmo que neste contexto particular, a ausência de referência aos leigos, célibes ou casados, que não têm uma missão menos difícil no cumprimento da sua vocação).

O Decreto “*Optatam totius*”<sup>263</sup> diz que «o dever de fomentar as vocações pertence a toda a comunidade cristã, que as deve promover sobretudo mediante uma vida plenamente cristã; mormente para isso concorrem, quer as famílias, que animadas pelo espírito de fé, de caridade e piedade, são como que o primeiro seminário, quer as paróquias, de cuja vida fecunda participam os mesmos adolescentes».<sup>264</sup> Os responsáveis pela educação dos jovens e das crianças, nos seus diversos campos de ação, quer nas escolas cristãs que o sejam mais do que apenas em número, na comunidade cristã e na família, devem, pois, dedicar-se nesta

---

<sup>260</sup> Paulo VI, *Carta Encíclica Sacerdotalis caelibatus*, n.º 15.

<sup>261</sup> Paulo VI, n.º 62.

<sup>262</sup> Cf. Vito Magno, «Pastoral das Vocações», em *Dicionário de Orientação Vocacional*, 1067-1071.

<sup>263</sup> II Concílio do Vaticano, *Decreto Optatam totius*. AAS 58 (1966): 713-727.

<sup>264</sup> *Decreto Optatam totius*, n.º 2.

difusão. Todo o povo de Deus deve ajudar a desenvolver a abertura à vocação divina. Para este fim, o decreto sublinha formas como a oração intensa, a penitência e a formação cristã, para que desta forma se possa então responder às diversas necessidades das vocações de que a igreja necessita.<sup>265</sup>

Já o Decreto “*Presbyterorum ordinis*”, também nos expressa este importante sentido vocacional mediante o referir que

«os pais e os professores, e todos quantos de qualquer modo estão empenhados na formação das crianças e dos jovens, de tal maneira os instruem que, conhecendo a solícitude do Senhor pelo seu rebanho, e considerando as necessidades da Igreja, estejam preparados a responder generosamente com o profeta ao chamamento divino: «Eis-me aqui, envia-me» (*Is.* 6,8). Todavia, esta voz do Senhor que chama, não deve ser de maneira nenhuma esperada como se tivesse de chegar aos ouvidos do futuro presbítero dum modo extraordinário. Com efeito, deve ser antes entendida e discernida a partir dos sinais que diariamente a dão a conhecer aos cristãos prudentes a vontade de Deus; estes sinais devem ser considerados atentamente pelos presbíteros».<sup>266</sup>

Sim: sabemos que estamos ante um documento dedicado ao sacerdócio ordenado, mas mesmo assim continua a soar a uma gradação no que é o cuidado que a Igreja deve possuir por todas as vocações. As consequências disto estão a fazer-se sentir nos nossos dias e, se algo não for feito, tornar-se-ão muito sérias em anos vindouros, donde recordemos que nunca haverá padres sem bons leigos.

---

<sup>265</sup> Cf. *Decreto* *Optatam totius*, n.º 2.

<sup>266</sup> II Concílio do Vaticano, *Decreto Presbyterorum ordinis*, n.º 11.

### CAPÍTULO III

#### A VOCAÇÃO NAS MENSAGENS DE BENTO XVI A RESPEITO DO DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES

Conforme já pudemos ver, a vocação, como iniciativa do amor de Deus-Amor, está profundamente enraizada na fé cristã. Deus tem um desígnio, não pré-determinado mas atento ao livre-arbítrio de cada um, de amor, também mediado pela Igreja e a Revelação, para cada pessoa: «a nossa realidade de sermos “imagens de Deus”, orienta-nos, guia-nos na resposta à nossa vocação, mas não nos determina: somos livres e ajudados no exercício da nossa liberdade para o renascimento também vocacional».<sup>267</sup> Tudo isto está bem patente no pensamento de Bento XVI, que passaremos a apresentar a partir das suas comunicações a respeito do DMOV. Jornadas estas, que, convém ter bem em conta, são «um movimento universal de pessoas de todas as tradições que, cada ano e no dia em que se celebra a Festa do “Bom Pastor” (que calha no 4.º Domingo do Tempo Pascal), se unem para um período comum mais intenso de oração e solidariedade, que, em muitos países, é mantido de modo contínuo na oração e no serviço – (...) baseado na fraternidade, na compreensão mútua e na ação (...) – que irradiam da fé em Jesus Cristo».<sup>268</sup>

#### 3.1.- A vocação como iniciativa do Amor de Deus

Já o sabemos: a vocação brota sempre do amor do Deus-Amor por nós: «foi assim que Ele nos escolheu em Cristo antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis na sua presença, no seu amor» (*Ef.* 1,4). Este princípio fundamental, quase axiomático, é-nos dito da seguinte maneira por Bento XVI parafraseando *1Jo.* 4,7s: «Deus é Amor e só o amor pode compreender a realidade divina»,<sup>269</sup> pois Deus escolheu-nos para estabelecermos uma relação com Ele, conduzidos pelo Espírito Santo.<sup>270</sup> Na sua “*Mensagem*” do ano 2012, o

---

<sup>267</sup> Ramón de la Trinidad Piñero Mariño, «Jesús como fuente de la revelación: reflexiones sobre el concepto de revelación en la obra “*Jesús de Nazaret*” de S. S. Benedicto XVI / J. Ratzinger», em *Jesús de Nazaret: Pensando desde Joseph Ratzinger*, ed. Ramón de la Trinidad Piñero Mariño (Cáceres: Instituto Teológico “San Pedro de Alcántara”, 2008), 138.

<sup>268</sup> Marc Spindler e Annie Lenoble-Bart, *Spiritualités missionnaires contemporaines: entre charismes et institutions* (Paris: Karthala, 2007), 138.

<sup>269</sup> Joseph Ratzinger / Bento XVI, *Por Amor* (Cascais: Lucerna, 2019), 14.

<sup>270</sup> Cf. Bento XVI, *Mensagem para o 43.º DMOV*, § 1, 7 de maio de 2006. Nota: na contagem dos parágrafos das Mensagens para os DMOV, excluímos os que se reduzem a saudações iniciais.

nosso Autor toca novamente nesta temática capital quando, fazendo referência à Carta Encíclica “*Deus Caritas est*” em que mostrou que «Deus está mais além do moralismo»,<sup>271</sup> diz que Deus nos amou primeiro (cf. *Jo.* 1,4), vindo até nós e revelando-Se por meio da Sua Palavra e dos Sacramentos administrados pela Igreja (cf. *DCE*, 17). É Este Deus desbordante do Amor que é a Sua própria natureza, na verdade, que nos educa no amor crístico que permite o conhecimento amoroso do nosso Interlocutor em tal relação. “Crístico”, sim, pois esta dinâmica amorosa de Deus manifestou-se, máxima e plenamente, na Pessoa de Jesus Cristo.<sup>272</sup>

Para sermos fiéis ao apelo de Deus, não podemos esquecer que, como também nos recordou bem recentemente o Papa Francisco num documento que nos sensibilizou imenso, «a iniciativa é de Deus, que nos fala, e a ela correspondemos escutando-O».<sup>273</sup> Para tal, é necessário estarmos atentos à sua voz, e sintonizar os ouvidos do coração para que possamos ouvi-Lo – algo (o “ouvir” / “auei”) que, apesar do que tem sido dito nos últimos tempos, é *etimologicamente* bem mais profundo do que o “escutar” (“ous” + “kel”)<sup>274</sup> – com toda a verdade e convicção inerente à nossa identidade em construção dialogal de amor com Ele.

Assim sendo, torna-se evidente o que já vimos: «cada vocação específica nasce da iniciativa de Deus, é dom do amor de Deus! É Ele que realiza o “primeiro passo”».<sup>275</sup> Nós somos, assim e com todas as nossas disposições e temperamentos a interagirem nisso, como um eco que responde a um chamamento divino que nos ajuda a afinar a sobredita identidade, pois dando origem a uma frequência de som peculiar a cada pessoa. Aliás: é tal chamamento que faz de nós mais do que um número, mais do que uma roda dentada numa máquina cósmica anónima, antes um rosto, um nome e um coração firmados fortemente no amor e na verdade.<sup>276</sup> Acerca disto, é de se fazer notar que a arriscada, pois libérrima, «vocação a ser no amor»<sup>277</sup> – que traduz o que escrevemos na frase anterior – pode ser esclarecida pelas seguintes palavras de Gill Goulding:

«a afirmação do Papa Bento de que é o amor de Deus que é, simultaneamente, a origem e o princípio transformativo de toda a vida e a raiz de todas as vocações e encontram um eco no dito por Hans Urs von Balthasar que (...) em 1966 escreveu um artigo, só publicado em 2010 na revista “*Communio*”, denominado apenas de “*Vocação*” e onde este autor ilumina a

---

<sup>271</sup> Tracey Roland, *Ratzinger's faith*, 66.

<sup>272</sup> Cf. Bento XVI, *Mensagem para o 49.º DMOV*, § 5, 29 de abril de 2012.

<sup>273</sup> Francisco, *Mensagem para o 56.º Mundial das Comunicações Sociais*, § 4, 24 de janeiro de 2022.

<sup>274</sup> Cf. Alexandre Freire Duarte, «Ouvir», em *Léxico de espiritualidade cristã*, ed. Alexandre Freire Duarte (Avessadas: Edições Carmelo, 2015), 65.

<sup>275</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 49.º DMOV*, § 4.

<sup>276</sup> Cf. Pablo Blanco Sarto, *Joseph Ratzinger - Benedicto XVI: Un mapa de sus ideas* (Madrid: BAC, 2012), 25.

<sup>277</sup> María Esther Gómez de Pedro e Pedro Morandé, *Libertad en Ratzinger: Riesgo y tarea* (Madrid: Encuentro, 2014), 71.

compreensão do conceito “vocação” apontando três fatores-chave: a) o contexto teológico é a iniciativa do amor livre de Deus; b) a Encarnação do Logos feito Carne, o Qual convida os Seus seguidores a colaborarem na Sua missão redentora pelo amor; c) a relação de amor entre o indivíduo chamado, a Igreja e o Mundo». <sup>278</sup>

Se assim for, cada ouvinte do “Deus do Silêncio” poderá viver a sua vida num sentido pleno e significativo ao serviço de Deus e do próximo. “Deus do silêncio”, mas não do mutismo; do sussurro, mas não da mudez, pois nos fala de inúmeras maneiras, da Escritura aos nossos afetos, passando pelos encontros interpessoais. Referiu, numas palavras espontâneas – e assim talvez mais valiosas –, Bento XVI num encontro com seminaristas em 2007:

«Deus fala conosco de modos muito diferentes. Fala através de outras pessoas, através de amigos, dos pais, do pároco, dos sacerdotes. Aqui, os sacerdotes aos quais estais confiados, que vos guiam. Fala por meio dos acontecimentos da nossa vida, nos quais podemos discernir um gesto de Deus; fala também através da natureza, da criação, e fala, naturalmente e sobretudo, na Sua Palavra, na Sagrada Escritura, lida na comunhão da Igreja e pessoalmente em diálogo com Deus. É importante ler a Sagrada Escritura, por um lado de modo muito pessoal, e realmente, como diz São Paulo, não como palavra de um homem ou como um documento do passado, como lemos Homero, Virgílio, mas como uma Palavra de Deus que é sempre actual e fala comigo. Aprender a ouvir um texto, historicamente do passado, a Palavra viva de Deus, ou seja, entrar em oração, e assim fazer da leitura da Sagrada Escritura um diálogo com Deus». <sup>279</sup>

Note-se que à primigénia e sempre livre iniciativa divina, o sujeito não pode senão responder igualmente em liberdade – circunstanciada, certamente, mas não obstante autêntica – pessoal e aberta ao Seu amor: «a livre iniciativa de Deus requer a resposta livre do ser humano. Uma resposta positiva que sempre pressupõe a aceitação e partilha do projeto que Deus tem para cada um; uma resposta que acolhe a iniciativa amorosa do Senhor». <sup>280</sup> Ou seja, sendo Amor, Deus não coage, pressiona ou força quem quer que seja, antes, em Deus-Filho Incarnado e pelo Espírito Santo, bate à porta do coração de cada comunidade (cf. *Ap.* 3,20) para, nesta e através desta comunidade, surgirem respostas a essa Sua ação.

Este amor divino decorre sobretudo de uma Sua bondade – já ela um atributo do Amor que Deus é –, pois «trata-se de um amor sem reservas que nos precede, sustenta e chama ao longo do caminho da vida e que tem a sua raiz na gratuidade absoluta de Deus». <sup>281</sup> Neste caminho de adesão ao amor de Deus, por meio da audição, existe sempre um grau de amor, pois a própria disponibilidade para escutar e ouvir é uma dimensão do amor que também no

---

<sup>278</sup> Gill Goulding, «The Irreducible Particularity of Christ: a Theology of Vocation», em *The Disciples' Call: Theologies of Vocation from Scripture to the Present Day*, ed. Christopher Jamison (London; New York: Bloomsbury, 2013) 115-116.

<sup>279</sup> Bento XVI, *Visita ao Pontifício Seminário Maior Romano*, § 1, 2-3, 17 de fevereiro de 2007.

<sup>280</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 46.º DMOV*, § 3, 3 de maio de 2009.

<sup>281</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 49.º DMOV*, § 4.

ser humano, e não obstante as suas limitações criaturais, deve tender para um amor igualmente gratuito; isto é, um amor que se realiza sem mistura de motivos ego-referentes. Ou seja: para que um sujeito se consagre integralmente à vocação divina, que se vai discernindo e elegendo, ele necessita de se tornar permeável ao amor de Deus no seu todo; permeável a esse amor na vivência da fidelidade à Sua ternura.

Bento XVI elucida ainda mais esta temática, que estamos a ver e que é das mais dominantes nas suas Mensagens que estudámos, afirmando que «é a este amor [divino] que devemos abrir a nossa vida; cada dia, Jesus Cristo chama-nos à perfeição do amor do Pai (cf. *Mt.* 5,48). Na realidade, a medida alta da vida cristã consiste em amar “como” Deus; trata-se de um amor que, no dom total de si, se manifesta fiel e fecundo».<sup>282</sup> Amar “como” Deus, sim. Não certamente na sua intensidade e infinidade, mas na sua qualidade, universalidade e, especialmente, na gratuidade a que já nos reportamos e que, de algum modo, é a chave da nossa resposta ao sonho de Deus para connosco.

Eis, de novo, aquele sonho através do qual Ele nos oferece, volta a oferecer e a re-oferecer o Seu desígnio de salvação, justamente operado pelo amor.<sup>283</sup> Operado, sempre em primeiro lugar – e até a certo momento inclusive sem a nossa colaboração –, mas depois com esta a ser bem necessária numa sinergia bem caracterizada pelo que é dito, acerca da união das vontades de Cristo Jesus, no III Concílio de Constantinopla realizado nos anos de 680 e 681 (cf. *DH* 557).

No que concerne à mencionada abertura humana ao amor incondicional de Deus na vocação de cada sujeito em primeiro lugar ao amor – «que é o motor de toda a existência humana e onde se clarifica e aprofunda no sacrifício de Cristo, que não procurou o seu próprio bem, mas o bem daqueles que amava»<sup>284</sup> –, na sua Carta Encíclica “*Caritas in veritate*” o nosso Autor manifesta que

«todos os homens sentem o impulso interior para amar de maneira mais autêntica: amor e verdade nunca desaparecem de todos neles, porque são a vocação colocada por Deus no coração e na mente de cada homem. (...) Em Cristo, a caridade na verdade torna-se o Rosto da sua Pessoa, uma vocação a nós dirigida para amarmos os nossos irmãos na verdade do seu projecto» (*CIV*, 1).

O homem precisa, por conseguinte, aderir de modo voluntário a Deus, uma vez que é precisamente isto aquilo que concretiza em si mesmo o seu próprio desenvolvimento em concomitância com o Deus que nunca cessa de «pronuncia[r] o maior “sim” ao homem» (*CIV*, 18). Não é, Jesus, o «sim» (*2Cor.* 1,20) de Deus? Sim, é, donde, este projeto salvífico de

---

<sup>282</sup> Bento XVI, § 7.

<sup>283</sup> Cf. Bento XVI, *Mensagem para o 46º DMOV*, § 6.

<sup>284</sup> Marco Bardazzi, *De Joseph Ratzinger a Benedicto XVI*, 185.

acolhermos Deus-Amor que nos ama e que quer viver connosco, é importante acolher, na nossa vida e no nosso íntimo, a exigente injunção presente em *Flp. 2,5*: «tende entre vós os mesmos sentimentos de quem está em Cristo Jesus», sabendo que «Deus não só chama a criatura à vida, mas também a conformar-se com Cristo e a descobri-Lo como novidade regeneradora de vida».<sup>285</sup>

Verificamos aqui um encontro de amor e de liberdade entre Deus e o ser humano<sup>286</sup> no qual o homem tão mais se humaniza e personaliza, quão mais se entrega ao chamamento de amor compassivo do Deus-Amor que apela a que ele seja Seu co(m)-colaborador. E isto, na criação; na edificação da sua identidade e vocação; enfim, na sua própria salvação e santificação – universalmente desejada por Deus (cf. *ITm. 2,4s*) – que culmina na própria participação na mais intimíssima vida divina (cf. *IPe. 2,4*),<sup>287</sup> «até porque o homem não se satisfaz intimamente com o que quer que seja que esteja abaixo do nível da divinização».<sup>288</sup>

Neste cenário, e sendo Deus-Amor comunhão e comunidade, não há quase senão a Igreja, enquanto justamente comunidade e comunhão, como o lugar privilegiado de escuta da voz, íntima e atenta, da Presença ativa e transformante de Deus e a possam ouvir em profundidade.<sup>289</sup> Eis o motivo, que aprofundaremos mais à frente, da comunidade cristã, inserida na Igreja Local,<sup>290</sup> ter também a missão de promover e alentar as vocações para o seu florescimento, inclusive aquelas que, por desígnios misteriosos, «o seguiram de livre e espontânea vontade, simplesmente por amor».<sup>291</sup>

Mas não só: para a fecundidade de tal vocação e para a mesma brote de um coração plenamente consistente, é urgente perceber que para amar a Deus temos verdadeiramente de amar o nosso próximo com todo o coração, tal como nos diz *IJo. 4,20*. Ambos estão intimamente unidos, como cara e coroa de uma mesma moeda, ou exterior e interior de um balão. Querer responder ao amor de Deus por um mero amor “direto” e abstrato a esse mesmo Deus seria um erro tremendo. O amor a Deus é inclusivo e abraça todos os seus filhos em Cristo, os demais seres humanos e o cuidado com o restante da criação. Eis o que nos diz o

---

<sup>285</sup> Carmen Márquez Beunza, «Vivir la vida como vocación: una difícil y necesaria tarea», *Sal Terrae* n.º 1215 (2016): 763.

<sup>286</sup> Cf. Bento XVI, *Mensagem para o 46.º DMOV*, § 6.

<sup>287</sup> Cf. Gómez de Pedro e Morandé, *Libertad en Ratzinger*, 96.

<sup>288</sup> Joseph Ratzinger, *Intervenção durante o congresso dos catequistas e dos professores de religião*, cap. II, n.º 3, § 2., 10 de Dezembro de 2000.

<sup>289</sup> Cf. Timothy Radcliffe, *Sing a New Song: The Christian Vocation* (Springfield: Templegate, 1999).

<sup>290</sup> Por “Igreja Local” entendemos, em primeiro lugar, a “diocese, mas igualmente as suas comunidades, paroquiais ou não.

<sup>291</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 43.º DMOV*, § 3. Esta temática – a das vocações por “livre iniciativa” e que até julgamos ter sido evocado para dar eco mais de perto as diversas experiências reais que as pessoas têm das vocações – é um tema que merecia uma maior atenção nossa, mas que supera o que cremos poder trazer de relevante para este Trabalho.

nosso Autor acerca precisamente disto através de umas breves, mas diretas, palavras de “*Deus Caritas est*”: «o amor de Deus e o amor ao próximo estão agora verdadeiramente juntos: o Deus encarnado atrai-nos todos a Si» (*DCE*, 14).

No antes aludido chamamento universal à santidade, tão bem recordado pelo II Concílio do Vaticano,<sup>292</sup> «sobressai a peculiar iniciativa de Deus ter escolhido alguns para seguirem mais de perto o seu Filho Jesus Cristo, tornando-se seus ministros e testemunhas privilegiadas».<sup>293</sup> Claro que o “escolhido” é aquele que responde com generosidade, ânimo e liberalidade à “chamada”, mas isto em nada diminui o facto de que na adesão do ser humano, que se sente chamado e encantado por Deus, a este mesmo Deus, é um convite a entrar na escola do Mestre, estabelecendo um diálogo, em contexto de seguimento discipular intencional, de amor com Este que se tornará a “estrela polar” na sua existência e do modo de a viver,<sup>294</sup> mostrando que toda a vocação identitária é essencialmente crística antes de se concretizar nesta ou naquela dimensão.

À luz de tudo o já antes referido, devemos novamente admitir, admirados por tamanha benevolência face a seres que se revoltaram contra Ele, que é a iniciativa maravilhosa e incondicional de Deus que nos leva a ver que o amor divino, ao ser acolhido-reconhecido-retribuído numa dupla habituação entre Deus ao sujeito e deste Àquele – conforme nos explicou o nosso Orientador –, é verdadeiramente a causa da escolha e da eleição de uma certa forma de vida específica na Igreja,<sup>295</sup> algo que concretiza o facto de que «o amor faz ver e ver faz amar».<sup>296</sup>

Com efeito, enquanto realidade vivida no amor infinito de Deus, a vocação em sentido geral abre-se, depois e enquanto concretização do deslindar concreto e pessoal da identidade específica do sujeito, a um leque de formas de vida, reconhecidas progressiva e historicamente pela Igreja. De modo particular a três: à vida consagrada; ao sacerdócio secular e à vida matrimonial. E isto, pois «toda a história da Igreja é história de santidade, animada pelo único Amor que tem a sua fonte em Deus. Com efeito, somente a caridade sobrenatural, como a que brota sempre nova do Coração de Cristo, pode explicar o prodigioso florescimento, ao longo dos séculos, de Ordens, Institutos religiosos masculinos e femininos e de outras formas de vida consagrada»,<sup>297</sup> e, prolongando nós estas palavras ainda um pouco focadas no que durante séculos sabemos que foi estimado como o modo de vida por

---

<sup>292</sup> Cf. II Concílio do Vaticano, *Constituição Dogmática Lumen gentium*, n.º 40.

<sup>293</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 46º DMOV*, § 2.

<sup>294</sup> Cf. Bento XVI, § 6.

<sup>295</sup> Cf. Antonio Sicari, «Amor», em *Diccionario Teológico de la Vida Consagrada*, 42.

<sup>296</sup> Joseph Ratzinger, *Por Amor*, 14.

<sup>297</sup> Bento XVI, *Angelus*, 29 de janeiro de 2006.

excelência, de milhares, senão milhões, de santos clérigos e talvez ainda mais santos esposos, esposas e filhos.<sup>298</sup>

Já o vimos de outra ótica precedentemente, mas agora focados na relação comunidade-vocações particulares, é de recordar que no surgimento de novas vocações, a comunidade cristã, idealmente o novo paraíso de Deus na Terra, desempenha uma tarefa importante, visto que é o lugar onde se evidencia o amor de Deus que, nesse espaço eclesial, leva ao surgir, cuidar e até proteger cada uma das vocações que nela surgem.<sup>299</sup> Nas mais variadas vocações, o nosso Autor expressa, de modo particular, que «a vocação ao sacerdócio e à vida consagrada constitui um dom divino especial, que se insere no vasto projecto de amor e salvação que Deus tem para cada pessoa e para a humanidade inteira».<sup>300</sup>

O mesmo se diga a respeito da vocação à vida matrimonial que – devemos reconhecer – não é tão focada por Bento XVI nestas suas Mensagens, não obstante presente, nomeadamente em “*Deus Caritas est*” (cf. *DCE*, 11), que tal vida é o mais diáfano ou transparente ícone da mútua relação entre Deus e o Seu Povo e, que, assim e na nossa opinião, os cristãos casados devam mostrar em práticas insculturadas que o ser cristão é a realização plena da vida em união varão e mulher. A «mais verdadeira, bondosa, bela e até erótica»<sup>301</sup> forma de se viver tal união. Porque é que o nosso Autor não dá tanta atenção à vocação matrimonial<sup>302</sup> em tais Mensagens? Só podemos conjecturar: talvez ele tenha querido fazer das mesmas um retinir das vocações ministeriais e consagradas, as quais, no fundo e geralmente, são quem move muito na vida da Igreja.

### 3.2.- A Igreja como Vocação de Mistério e Comunhão

Avançando-se na nossa exposição, entramos, com um ligeiro articular com o já exposto, para outro tema muito realçado pelo nosso Pensador: a relação entre a vocação e o mistério da Igreja como comunhão ou, feliz formulação de Santiago Madrigal “*Ecclesia Caritas est*”.<sup>303</sup> Como vimos, Deus tem um desígnio que se dirige ao homem e tem que ver com a sua salvação numa lógica matrimonial que desflora, no mais banal da nossa realidade diária, na Igreja enquanto Povo constituído por aqueles que decidiram acolher e responder “sim” à mensagem do Mesmo em Cristo Jesus, fazendo, pois, da Igreja uma «realidade

---

<sup>298</sup> Cf. Alexandre Freire Duarte, «“*Magis magisque*”: Reflexões sobre a espiritualidade dos religiosos», em *A essência da vida consagrada*, António Couto, et al., (Lisboa: Paulus, 2015): 61-82.

<sup>299</sup> Cf. Bento XVI, *Mensagem para o 49.º DMOV*, § 11.

<sup>300</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 46.º DMOV*, § 2.

<sup>301</sup> Tracey Roland, *Ratzinger's faith*, 74.

<sup>302</sup> Cf. Miguel Pardo Álvarez, «El matrimonio es una vocación», *Toledana* 3 (2000): 73-102.

<sup>303</sup> Cf. Santiago Madrigal Terrazas, *Ecclesia Caritas est* (Santander: Sal Terrae, 2008).

concêntrica ao redor do grande núcleo central que é Cristo».<sup>304</sup> Eis a razão de, começando nós a dar uma outra ênfase a um tema que já tivemos necessariamente que tratar, Bento XVI afirmar: «é precisamente no nosso dia-a-dia que Ele continua a dirigir-nos a sua palavra; chama-nos a realizar a nossa vida com Ele, o único capaz de saciar a nossa sede de esperança. Vivente na comunidade de discípulos que é a Igreja, Ele chama também hoje a segui-Lo. E este apelo pode chegar em qualquer momento».<sup>305</sup>

Deus quer oferecer ao homem a realização total da sua existência para que ela redunde num completo sucesso ego-desinteressado. Mas na Sua sabedoria infinita, Deus desde sempre quis envolver o homem na dinâmica daquela relação de Aliança esponsal para a realização do Seu desejo salvífico. Já o sabemos: não há resposta vocacional a Deus que não seja através de uma Igreja que é o caminho privilegiadamente eleito por Deus para vir até à humanidade e desta se encaminhar até Ele, donde não há motivo algum para nos espantarmos que o nosso Pensador nos diga, como já vislumbrámos, que a vocação nasce no mistério da Igreja, vista sobretudo à luz do mistério pascal de Cristo de onde ela mesma surge: «o mistério da santa Igreja manifesta-se na sua fundação».<sup>306</sup> Um que, como já vimos logo no começo da primeira Secção deste Capítulo, se encontra sintetizado no hino inicial da “*Carta aos Efésios*”. Eis a razão do nosso Autor nos ter afirmado, numa das suas homilias enquanto era somente a «cardeal coragem»,<sup>307</sup> que

«a verdadeira Igreja, os lugares onde Deus pode encontrar a sua morada sobre nós, os homens, os crentes. Deus pode encontrar a sua morada nas pessoas vivas. (...) Só poderá ser Igreja, quando nós, homens, com a nossa fé, com a nossa adoração, com a nossa esperança e o nosso amor a enchermos, quando a Igreja viva a deixar tornar-se verdadeiramente Igreja».<sup>308</sup>

Cristo faz-Se presente na Igreja, e, por isso mesmo, Ele, «na Igreja, não é apenas uma pintura: Ele está verdadeiramente presente. Sobre o altar realiza-se, dia após dia, esta descida do Senhor do esplendor da sua magnificência, a saída e a entrada até nós e a nossa ascensão até Ele».<sup>309</sup> Magnífico intercâmbio, neste momento textual especificamente eucarístico, mas aberto, justamente por ser eucarístico, à realidade vocacional. Aquela que na vida e história do homem, representados nas oferendas eucarísticas do pão/trabalho e convivialidade e vinho/sofrimento e alegria, se reencontra assumida, como caução matrimonial, para benefício

---

<sup>304</sup> Pablo Blanco Sarto, *Joseph Ratzinger - Benedicto XVI*, 21.

<sup>305</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 50.º DMOV*, § 6, 21 de abril de 2013.

<sup>306</sup> II Concílio do Vaticano, *Constituição Dogmática Lumen gentium*, n.º 5.

<sup>307</sup> Hans Urs von Balthasar, «Ratzinger, il Cardinale coraggioso», em *La realtà e la gloria: Articoli e interviste*, ed. Hans Urs von Balthasar (Milano: Editoriale Italiana, 1988), 79.

<sup>308</sup> Joseph Ratzinger / Bento XVI, *Os Sacramentos: Sinais de Deus no mundo* (Cascais, Lucerna, 2020), 11.

<sup>309</sup> Joseph Ratzinger, 15.

dos demais numa revelação que ser chamado é já o começo do ser enviado.<sup>310</sup> De facto, essa revelação «não é um conjunto de afirmações – ela é o próprio Cristo; o omni-abraçante Logos através do Qual Deus se declara a Si mesmo».<sup>311</sup>

Eis, estamos certos, o principal motivo de fundo de – numa das suas homilias do dia do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo e começando nós a dar atenção à temática da “comunhão”, tão central em todo o pensamento do nosso Teólogo pois acreditando que «a comunicação deve conduzir à comunidade, que deve conduzir à comunhão»<sup>312</sup> – Bento XVI ter dito que

«não se pode “comer” o Ressuscitado, presente na figura do pão, como um simples bocado de pão. “Comer” este pão é comunicar, é entrar em *comunhão* com a pessoa do Senhor vivo. Esta *comunhão*, este ato de “comer”, é realmente um encontro entre duas pessoas reais, é deixar-se penetrar pela vida d’Aquele que é o Senhor, d’Aquele que é o meu Criador e Redentor».<sup>313</sup>

Ainda, sobre a importância deste Sacramento, e ainda quando era cardeal, o nosso Autor privilegia esta mesma centralidade: «porque Ele, o Verbo incarnado, é esta *comunhão*. Receber o Senhor na Eucaristia, significa, portanto, entrar em *comunhão* de ser com Cristo, entrar naquela abertura da natureza humana a Deus que é, ao mesmo tempo, a condição da abertura mais profunda dos homens uns com os outros»,<sup>314</sup> e que edifica a Igreja como Povo de Deus como conjunto de crentes, cada um a tocar o seu instrumento segundo a sua forma de vida e traços pessoais, mas todos a desempenharem a mesma peça musical.

Sinal específico disto mesmo é a já assinalada, e por nós sublinhada nos textos antes citados, categoria de “comunhão”. Aquela comunhão que, por exemplo na oração da *Regina Caeli* de 29 de abril de 2007, motivou Bento XVI a pronunciar as seguintes palavras: «o Concílio Ecuménico Vaticano II, para apresentar o mistério da Igreja no nosso tempo, privilegiou a categoria da “comunhão”. Nesta perspectiva assume grande realce a rica variedade de dons e ministérios no Povo de Deus. Todos os batizados são chamados a contribuir para a obra da salvação».<sup>315</sup> Igreja do Deus Amor: Comunhão – Povo de Deus – Corpo de Cristo: eis, salvo melhor opinião, a suma, em matéria teológica, da eclesiologia de Bento XVI.

---

<sup>310</sup> Cf., por exemplo, Bento XVI, *Mensagem para o 50.º DMOV*, § 5, 8 e 12.

<sup>311</sup> Joseph Ratzinger, *On the Way to Jesus Christ* (San Francisco: Ignatius, 2005), 82.

<sup>312</sup> Helena Burns, *He Speaks to You* (Boston: Pauline Books, 2012), 150.

<sup>313</sup> Bento XVI, *Homilia na Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo*, 26 de maio de 2005. Os itálicos são na nossa responsabilidade.

<sup>314</sup> Joseph Ratzinger / Bento XVI, *Caminhar Juntos na fé: a Igreja como comunhão* (Braga: A.O., 2005), 79.

<sup>315</sup> Bento XVI, *Regina Caeli*, 29 de abril de 2007.

Mas onde está a comunhão no contexto dos mistérios que estamos a considerar – o de Deus e o da Igreja – no âmbito da vocação? Eis uma pergunta que o nosso Orientador nos fez e que, em diálogo com ele, cremos poder que se encontra: a) no próprio Deus-Amor, como uma comunhão viva de Pessoas Divinas; b) em Jesus Cristo, que é a personificação da comunhão entre Deus e a humanidade; c) na Igreja, enquanto sinal sacramental da comunhão de Deus no Mundo e, ao mesmo tempo e como já apontámos, o instrumento através do qual uma humanidade dividida pode entrar em união com Deus em Cristo; d) e, finalmente, no *éskhaton*, no qual se revelará plenamente a comunhão dos santos.

Ora bem, é em tal comunhão que se verifica que todo o chamamento tem um objetivo bem definido, que é fazer entrar em relação profunda com o mistério de Deus: «morrendo [Jesus] por nós, Jesus inseriu-nos no mistério do amor do Pai, amor que totalmente o envolve e que Ele oferece a todos. Deste modo, unidos a Jesus como cabeça, formamos um só corpo, a Igreja».<sup>316</sup> Aquela Igreja que, quando olhamos para Maria sem preconceitos minimalistas, reconhecemos nela a vanguarda meramente humana da Igreja, e nesta da humanidade, razão pelo qual o nosso Autor, referindo-se no cenário que estamos a edificar nesta Secção, refere: «diretamente associada, na sua peregrinação de fé, ao mistério da encarnação e da redenção, [Maria] é [em Jesus] o modelo daqueles que são chamados a testemunhar, de modo particular, o amor de Deus».<sup>317</sup>

É importante lembrar que a vocação é sempre um movimento da parte de Deus para com a humanidade e é fruto de um amor dialogal, pois acaba por ser o resultado de uma eleição discernida em diálogo: com Deus, com a Igreja, com os demais: «a confissão da verdadeira fé escancara as mentes e os corações no inesgotável mistério de Deus que permeia a existência humana»,<sup>318</sup> particularmente a que vive em comunhão pelos dons batismais de onde, em geral – pois exceções há, e nós próprios conhecemos algumas –, brota a vocação.<sup>319</sup> Deste modo, o móbil da vocação, a este nível eclesial, é uma inserção daquele que é chamado no mistério do amor do Pai, revelado na oferta da vida que Cristo faz por meio do Seu Mistério Pascal, realizado por meio da Sua Morte e Ressurreição: «no mistério da Igreja, Corpo Místico de Cristo, o poder divino do amor muda o coração do homem, dando-lhe capacidade de comunicar o amor de Deus aos irmãos».<sup>320</sup>

---

<sup>316</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 43.º DMOV*, § 1.

<sup>317</sup> Bento XVI, § 3.

<sup>318</sup> Bento XVI, § 1.

<sup>319</sup> Cf. Rosa Ruiz Aragonese, «“Todos sois uno en Cristo Jesús”. Discipulado y bautismo», *Sal terrae* 109, n.º 1263 (2021): 103-116.

<sup>320</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 43.º DMOV*, § 3.

Após a Ressurreição – de certo modo o culminar da Encarnação enquanto o assumir de tudo o que é verdadeiramente humano, incluindo a já aludida, nas referências ao começo da “*Carta aos Efésios*”, predestinação à glorificação –, a Igreja surge como Corpo Místico de Cristo e é sobretudo nesta, e desta, nova realidade que Deus vai suscitar, de muitos e variados modos, o chamamento de quem Ele procura para a implantação do Seu Reinado de Amor.<sup>321</sup> Não de modo resignado ou abatido, mas repletos de uma felicidade que «Joseph Ratzinger considera como um “dever” tão natural como “sobrenatural”»<sup>322</sup>.

Este Reino orientado para a Escatologia está já presente no Mundo por meio da Igreja que não sendo em si mesma o Reino, é já antecâmara para a este Reinado se aceder, pois a nossa vocação não é apenas a de existir no mundo, a de estar inserido numa história, nem é apenas a de sermos criaturas de Deus. É algo mais: é sermos escolhidos por Deus-Amor a sermos a Sua Igreja.<sup>323</sup> De acordo com a Revelação cristã – e conforme já apontámos noutros locais deste Capítulo, embora sempre desde outras vertentes – Deus é comunidade e comunhão numa circularidade incessante de amor, pelo que «a unidade da Igreja e a unidade do género humano (...) não poderiam ter outro princípio senão a comunhão e a perfeita unidade das pessoas da Trindade»,<sup>324</sup> e o mesmo se diga da vocação cristã.<sup>325</sup>

Como já tivemos a oportunidade de realçar, o II Concílio do Vaticano enfatizou muito o aspeto da comunhão entre aqueles que o Senhor chamou a uma vida nova n’Ele, e, de modo particular e enquanto asseguradores da subsistência da própria Igreja, daqueles que convocou ao ministério sacerdotal. Deveras,

«e apesar de tantas estatísticas em contrário, mais matemáticas do que teológicas e índices de um secularismo que já quase secularizou tudo – a Igreja também? –, Bento XVI, na Mensagem para a XLIII Jornada Mundial de Oração para as Vocações, sempre cuidou de deixar claro que não se pode “produzir” vocações, mas apenas abrir o coração do homem para que alguns deles queiram ser tais sacerdotes que asseguram a Igreja tal como a conhecemos hoje».<sup>326</sup>

Posteriormente, o Magistério insistiu muito neste aspeto e o nosso Autor, citando com acerto um ponto decisivo da “*Pastores dabo vobis*”,<sup>327</sup> diz-nos que «a obra do sacerdote na Igreja é insubstituível (...) [pois], em particular, “o sacerdote ministro é servo de Cristo

---

<sup>321</sup> Cf. Bento XVI, *Mensagem para o 44.º DMOV*, 29 de abril de 2007.

<sup>322</sup> Joseph Murphy, *Christ, Our Joy: The Theological Vision of Pope Benedict XVI* (San Francisco: Ignatius, 2008), 73.

<sup>323</sup> Cf. Joseph Ratzinger, *Christianity and the Crisis of Culture* (San Francisco: Ignatius, 2006), 98.

<sup>324</sup> Gennaro Cicchese, «Comunhão», em *Dicionário de Orientação Vocacional*, 301.

<sup>325</sup> Cf. João Manuel Duque, «Trinidad y misión: el cuerpo del envío: sugerencias inspiradas en Levinas». *Estudios Eclesiásticos* 98, n.º 384 (2023): 103-126.

<sup>326</sup> Paolo Fucili e Leonardo Possati, *Effetto Benedetto. Papa Ratzinger in 40 parole* (Torino: Effatà, 2007), 183.

<sup>327</sup> Cf. João Paulo II, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores dabo vobis*, n.º 16.

presente na Igreja *mistério, comunhão e missão*. (...) [Sendo], portanto, servidor da Igreja mistério enquanto aquele que realiza os sinais eclesiais e sacramentais da presença de Cristo ressuscitado”». <sup>328</sup>

É neste sentido que a nível da promoção das vocações, – no sentido de ajudar a que a semente rompa a casca das hesitações – a pastoral em todo o seu trabalho apostólico deve estar intimamente articulada, não com o que é “porreiro” e “animado”, mas ao mistério da Igreja-comunhão, ela mesma vocacionada a ser a esposa sem manchas do Cordeiro. <sup>329</sup> Só assim é que tais vocações serão genuínas, bem discernidas e atentas ao que cada um possui e oferece à Igreja em Cristo e, por Este e com Este, ao mundo. Só assim, o máximo de generosidade de quem se sente chamado converge no máximo de generosidade de Quem chama através do meio – a Igreja, como um todo e também nas suas maiores ou mais pequenas partes – especialmente eleito por Este para esse efeito. <sup>330</sup>

Só assim todas as vocações serão tão autênticas– e irradiantes do ser, viver e alegrar-se como cristãs – que, segundo as distintas formas de vida que existem na Igreja, podem mostrar que o alargar a tenda (cf. *Is.* 54,2) não é senão testemunhar que Jesus é essa «maior e mais perfeita» (*Hb.* 9,11) Tenda que deseja abrigar a todos os que, acolhendo a Sua mensagem, quiserem ser testemunhas do Reinado de amor de Deus.

Tudo isto é um grande desafio. Nada de novo parece haver nestas palavras, mas a que distância ainda estamos de as vivermos. Elas são ditas uma e outra vez, mas será que logramos viver o desafio que nelas está presente? O desafio de vivermos o mistério de uma Igreja que sendo chamada vocacionalmente a ser um não menor mistério de comunhão comporta uma realidade

«exigente e exaltante: [Jesus] convida-as a entrar na sua amizade, a escutar de perto a sua Palavra e a viver com Ele; ensina-lhes a dedicação total a Deus e à propagação do seu Reino, segundo a lei do Evangelho: “se o grão de trigo cair na terra e não morrer, fica só ele; mas, se morrer, dá muito fruto” (*Jo.* 12,24); convida-as a sair da sua vontade fechada, da sua ideia de auto-realização, para embrenhar-se noutra vontade, a de Deus, deixando-se guiar por ela; faz-lhes viver em fraternidade, que nasce desta disponibilidade total a Deus (cf. *Mt.* 12,49-50) e se torna o sinal distintivo da comunidade de Jesus: “o sinal por que todos vos hão-de reconhecer como meus discípulos é terdes amor uns aos outros” (*Jo.* 13,35)».<sup>331</sup>

Uma perplexidade e preocupação fica-nos no ar. Por mais que multipliquemos, e bem, as palavras que traduzem aquele grande desafio, será que alguém, algures, ouvirá alguma vez o que pudermos vir a dizer se, por nós, não lograr estar a ouvir a Jesus Cristo? E se não O

---

<sup>328</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 43.º DMOV*, § 4.

<sup>329</sup> Cf. Bento XVI, *Mensagem para o 44.º DMOV*, § 3; cf. Fernando Ocáriz e Arturo Blanco, *Teología fundamental* (Madrid: Palabra, 2008) 113-114.

<sup>330</sup> Cf. Bento XVI, *Mensagem para o 48.º DMOV*, § 6-9, 15 de maio de 2011

<sup>331</sup> Bento XVI, § 4.

ouvirem, de que servirá ouvirem a nós – se é que ouvirão –? A vida do servo e do mensageiro não é maior, melhor ou mais fácil do que a do seu Senhor, e sabemos bem como é que foram acolhidas as palavras do Messias, seja durante o período da sua vida biológico, seja ao longo da história da Igreja.

### **3.3.- A fé do amor, que invoca a vocação, nasce da escuta**

À medida que vamos avançando nesta exposição vai-se tornando evidente a necessidade de repetirmos temáticas já antes abordadas. Não se julgue que é por descuido ou mero embutimento, mas uma exigência da própria metodologia seguida nesta Dissertação: tratarmos dos temas mais significativos dos textos dos DMOV. Neste sentido, e na exposição do assunto que está sob a nossa atenção, percebermos que o próprio amor, do qual decorrem as demais virtudes teológicas – nomeadamente, e para o que aqui mais nos interessa, a fé – é vocação. Ou seja, para ouvirmos a voz de Deus-Amor temos de pressentir o Seu amor e, em consequência, deixar que este amor se transforme em fé – pois ele é a forma de todas as virtudes, tal como é, podemos agora dizê-lo, o de toda a revelação.<sup>332</sup> Mais: e que, em consequência, abrir o nosso coração para que a Sua Palavra, escutada e ouvida de diversos meios, atue em nós em resposta aos nossos anseios mais íntimos – os quais já são um dom da graça moldada pelo que somos. Na Carta Encíclica “*Spe salvi*” é-nos dito que «o primeiro e essencial lugar de aprendizagem da esperança é a oração. Quando já ninguém mais me escuta, Deus ainda me ouve. Quando já não posso falar com ninguém, nem invocar mais ninguém, a Deus posso sempre falar» (SS, 32).

Neste sentido, existe uma ligação com a fé que vem da escuta e isso abre-nos à esperança – verdadeiro motor que nos projeta para o futuro (de realização de promessa em realização de promessa) até chegarmos à Esperança (cf. *Tm.* 1,1) plenamente realizada –, pois «Deus nunca nos deixa sozinhos e permanece fiel à palavra dada».<sup>333</sup> A nossa confiança, tantas vezes colocada em tudo menos neste Deus “cumpridor de promessas”, deve ser depositada n’Este, por isso mesmo «ter esperança equivale a confiar no Deus fiel, que mantém as promessas da aliança. Por isso, a fé e a esperança estão intimamente unidas»,<sup>334</sup> enquanto refrações da única “*virtus*” fontal: o amor.

O Papa Francisco, na Carta Encíclica “*Lumen fidei*”<sup>335</sup> – que sabemos ter muito do pensamento de Bento XVI e, assim, é uma mistura do pensamento dos dois últimos Sumos

---

<sup>332</sup> Cf. Tracey Roland, *Ratzinger’s faith*, 50.

<sup>333</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 50.º DMOV*, § 4.

<sup>334</sup> Bento XVI, § 4.

<sup>335</sup> Francisco, *Carta encíclica Lumen fidei*, AAS 105 (2013): 555-596.

Pontífices auxiliados por peritos –, diz-nos que «a fé nasce no encontro com Deus vivo, que nos chama e revela o seu amor: um amor que nos precede e sobre o qual podemos apoiar-nos para construir solidamente a vida».<sup>336</sup> Tudo isto já nos parece uma verdade evidente, mas a sua vivência e compreensão íntima – quantas vezes ouvimos pessoas a dizerem que “não tenho fé”, como se esta não fosse dada copiosamente a todos por um Deus que não faz aceção de pessoas (cf. *At.* 10,34; *Rm.* 2,11) – ainda está afastada da comum existência cristã, sobretudo entre quem não vive comunitariamente e em genuína comunidade.

E isso é uma pena, razão pela qual, na Carta Apostólica, “*Porta fidei*”,<sup>337</sup> Bento XVI procura deixar claro que «a fé é decidir estar com o Senhor, para viver com Ele. (...) A própria profissão de fé é um ato simultaneamente pessoal e comunitário. De facto, o primeiro sujeito da fé é a Igreja, é na fé da comunidade cristã que cada um recebe o Batismo, sinal eficaz da entrada no povo dos crentes para obter a salvação».<sup>338</sup> Mas não só: ela é, sobretudo, um encontro pessoal com Jesus que cria uma esfera de confiança, que pode chegar mesmo a um abandono mútuo, entre o mais íntimo do Cristo, como Deus e Homem, e o mais íntimo centro uni-total da pessoa – também, evidentemente, na sua dimensão comunitária.<sup>339</sup> Em suma: Jesus é a verdadeira “Porta da fé” e sem uma relação com Ele – e Ele ressuscitado, feito ícone do que estamos chamados a viver –, tudo se pode perder.<sup>340</sup>

Há uma ligação entre a fé vivida e a emoção do encontro pessoal com Cristo – pois não há qualquer contraposição entre Este e a Igreja em que se recebe objetivamente a fé, enquanto fé desta na fé d’Aquele<sup>341</sup> – que nos faz trepidar e, depois e através do seu processamento mental, se converte num sentimento. Aqui não há como não nos referimos à questão vocacional enquanto algo que também é fomentado através das múltiplas experiências de oração que todo o vocacionado acaba por experienciar quando se entende o conceito de “oração” na sua exatidão: “conversar espontâneo vocal, mental ou afetivo, com Deus”. Sem dúvida alguma, a oração é o lugar originário da fé:

«a oração é o lugar mais originário da fé, uma verdadeira matriz de trânsitos e “páscoas” que permitem ainda plantar em melhores condições a doutrina da analogia. A vida vivida diante de Deus em que consiste, supõe deixar isso falar primeiro no profundo do coração. A oração é sempre um acontecimento do Espírito que nos faz desejar a vida verdadeira».<sup>342</sup>

---

<sup>336</sup> Francisco, n.º 4.

<sup>337</sup> Cf. Bento XVI, *Carta Apostólica Porta fidei*. AAS 103 (2011): 723-734.

<sup>338</sup> Bento XVI, n.º 10.

<sup>339</sup> Cf. Pablo Blanco Sarto, *Joseph Ratzinger - Benedicto XVI*, 36.

<sup>340</sup> Cf. M. P. Moore, «En el umbral de la *Porta Fidei*: fijar la mirada en Jesucristo», *Stromata* vol. 68, n.º. 1-2 (2012): 1-31.

<sup>341</sup> Cf., para uma obra que deixa claro que Deus, em Jesus, teve humanamente fé (ou seja, e mais resumidamente, que Jesus teve fé): Michael Allen, *The Christ's Faith: A Dogmatic Account* (London: Bloomsbury; New York: T&T Clark, 2011).

<sup>342</sup> Pedro Rodríguez Panizo, «La oración lugar originário de la fé», *Sal Terrae* n.º 1174 (2013): 67.

Assim, «a oração partilha da natureza emocional da fé, permanecendo junto daquelas experiências que os sentidos fazem do Mistério no meio de uma contínua dinâmica de conversão, visto que, a fé não se mantém sem um contínuo processo de aprofundamento, apuramento e purificação das motivações. Diz-nos, como o seu característico linguajar poético, Dom Bernardino Ferreira da Costa, Abade do mosteiro beneditino de Singeverga na ocasião em que escrevemos estas palavras [maio de 2023]:

«a emoção é a linguagem da fé, sobretudo de uma fé alicerçada na conjugação dos opostos que são a encarnação e a ressurreição: Deus e carne, morte e vida. Assim, a fé não é a conclusão de um raciocínio, mas a emoção de um encontro que envolve as diversas dimensões da existência humana. É esta vocação simbólica da fé que lhe confere a profunda dimensão emotiva, na qual emerge o primado de Deus sobre o agir do homem. A fé, de facto, surge onde o homem se deixa surpreender, espantar, admirar: ela não é a acção do homem que regula os seus comportamentos, mas, em primeiro lugar, a acção de um Deus que emociona o homem, atraindo-o para o seu reino».<sup>343</sup>

Nas suas mensagens para o dia mundial das vocações, o nosso Pensador valoriza especificamente a contemplação, a oração e a prática dos sacramentos em clima orante, sendo que, ao citar o CDC (cf. CDC, 663, § 1) na “*Mensagem para o 43.º DMOV*”, nos diz que «“a contemplação das coisas divinas e a união assídua com Deus na oração seja o primeiro e o principal dever de todos os religiosos”».<sup>344</sup> Note-se que o aqui é dito particularmente acerca destes últimos deve, e pode, ser estendido a todos os fiéis, por mais que saibamos que a generalidade deles não sabe criar as condições para, por exemplo, uma contemplação “adquirida” pela imaginação na linha do proposto na história da espiritualidade por autores como, num mero exemplo, Ludolfo da Saxónia.<sup>345</sup>

Neste seguimento de Jesus, e como não pode deixar de ser face a tudo o que já fomos verificando na nossa exposição, todos os vocacionados devem dispor-se a entrar, e a estar, numa íntima amizade com Deus, escutando e ouvindo a Sua Palavra de modo orante,<sup>346</sup> para para deste modo viver e estar com Ele.<sup>347</sup> Este seguimento de Jesus, requer, assim e como poderemos verificar que não deixa de apontar o nosso Autor, um desafio «exigente; [dado que] significa aprender a ter o olhar fixo em Jesus, a conhecê-lo intimamente, a escutá-Lo na Palavra e a encontrá-lo nos Sacramentos; significa aprender a conformar a própria vontade à

---

<sup>343</sup> Bernardino Ferreira da Costa, «A fé como emoção: o papel regulador do rito», *Boletim de Pastoral* n.º 166 (2017): 72.

<sup>344</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 43.º DMOV*, § 5.

<sup>345</sup> Cf. Ludolfo da Saxónia, *The Life of Christ*, vol. 1 (Collegeville: Liturgical Press, 2018), 17s.

<sup>346</sup> Cf. Denis Huerre, «La escucha de la palabra de Dios: La oración», *Cuadernos Monásticos* 30 (1974): 505-514.

<sup>347</sup> Cf. Bento XVI, *Mensagem para o 49.º DMOV*.

d’Ele»,<sup>348</sup> no que é a máxima expressão unitiva, pois, amorosa – recorde-se que o amor é decorrente da faculdade espiritual da vontade.

Isto é especialmente realizado no serviço aos mais desvalidos e na oração litúrgica, na qual encontramos o ritual da adoração e de louvor, onde nos deixamos guiar por Deus que é o mistério escondido, por ser um Amor que transcende a nossa compreensão do que é que o Amor significa em Deus – por mais que Ele o tenha dito e manifestado no arco da vida terrena, ante- e pós-morte biológica, de Jesus. Por isso, toda a ação cristã é feita com o Seu amor e a Sua Misericórdia; ou melhor, em Jesus, todo Ele Amor e Misericórdia.<sup>349</sup> Nesta atitude de serviço, louvor e adoração a Cristo, e neste encontro e amizade pessoal com Ele, entramos na Sua vontade – no Seu amor –, e isto, sobretudo – mas não limitadamente –, no que se refere às vocações religiosas e sacerdotais.<sup>350</sup> O nosso Autor sublinha expressamente isto quando adverte que

«é necessário crescer na experiência de fé, entendida como profunda relação com Jesus, como escuta interior da sua voz que ressoa dentro de nós. Este itinerário, que torna uma pessoa capaz de acolher a chamada de Deus, é possível no âmbito de comunidades cristãs que vivem uma intensa atmosfera de fé, (...) alimentada pela receção dos sacramentos, especialmente a Eucaristia, e por uma fervorosa vida de oração».<sup>351</sup>

Citando novamente a “*Spe salvi*” – e para quando um “ano ‘*Spe salvi*’” e, sobretudo, um “ano ‘*Deus Caritas est*’”? – na “*Mensagem para o DMOV de 2013*”, o nosso Teólogo diz-nos que «para que a oração desenvolva esta força purificadora, deve, por um lado, ser muito pessoal, um confronto do meu eu com Deus, com o Deus vivo; mas, por outro, deve ser incessantemente guiada e iluminada pelas grandes orações da Igreja (...) pela oração litúrgica, na qual o Senhor nos ensina continuamente a rezar de modo justo» (SS, 34). E isto, numa das mais privilegiadas manifestações da nossa relação com Cristo-Pastor: Guia, Cuidador e Mestre;<sup>352</sup> quer dizer, Profeta, Rei e Sacerdote.

Nesta reflexão vocacional Bento XVI, privilegia a escuta como forma de “educação” para podermos ouvir atentamente a Deus: «o dócil e atencioso escutar pode acontecer apenas num clima de íntima comunhão com Deus. Realiza-se isso principalmente na oração».<sup>353</sup> Com efeito, a verdadeira sede de escuta vem das aspirações do coração<sup>354</sup> e realiza-se no acolhimento no que, sendo dito por Deus de uma multitude de formas, é ouvido por esse

---

<sup>348</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 48.º DMOV*, § 5.

<sup>349</sup> Cf. Luis Quinteiro Fiuza, «La caridad y la misericordia (de Jesús), fundamentos de nuestra acción pastoral», *Telmus* n.º 7-8 (2016): 13-46.

<sup>350</sup> Cf. Bento XVI, *Mensagem para o 50.º DMOV*.

<sup>351</sup> Bento XVI, § 5.

<sup>352</sup> Cf. Bento XVI, *Mensagem para o 43.º DMOV*.

<sup>353</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 44.º DMOV*, § 3.

<sup>354</sup> Cf. María José Cancelo Baquero, «La sed de Dios», *Sal Terrae* vol. 96, n.º 1124 (2008): 445-458.

mesmo coração. A oração e a forma como a fazemos está precisamente em «deixarmos penetrar no mais íntimo de nós este “ser-se amado”, sublimemente re-apresentado performativamente, nos nossos dias, na Eucaristia.<sup>355</sup> Num sacramento eucarístico que, não nos esqueçamos, constitui a *ekklesia* enquanto comunhão em redor da Palavra e do Corpo do Senhor. Eis o que, na linha de outros autores estudados por si, já foi chamado, a respeito do nosso Autor e com tanto relevo tem para o que estamos a ver de “eclesiologia eucarística”.<sup>356</sup>

Nas suas mensagens para os DMOV, o nosso Autor dá muito destaque aos sacramentos como meios de se apurar – conforme dissemos no título desta Secção da presente Dissertação – a fé do amor que, invocando a vocação, nasce da escuta. Entre tais Sacramentos é, compreensivelmente, que dê uma maior saliência ao da Eucaristia, dado que esta «é a fonte da unidade eclesial pela qual Jesus rezou antes da sua Paixão».<sup>357</sup> Fazendo referência à coperniciana Carta Encíclica “*Deus Caritas est*” – a primeira Carta Encíclica da história da Igreja a, partindo da natureza de Deus, falar de modo tão explícito da base, substrato e meta da vida cristã –, o nosso Teólogo, com uma clareza pristina, sublinha que «o “amor eucarístico” motiva e alicerça a atividade vocacional de toda a Igreja (...) porque as vocações para o sacerdócio e para os ministérios e serviços desabrocham no Povo de Deus onde há pessoas nas quais Cristo pode ser visto através da sua Palavra, nos sacramentos e, especialmente, na Eucaristia»<sup>358</sup> que, como banquete festivo da fé,<sup>359</sup> expande alegria espiritual.

Sem dúvida que isto é assim na sua realidade mais profunda, mas serão as nossas celebrações uma expressão disto mesmo? Devemos ser novos estoicos que «vivemos numa tristeza que, causada pela ausência de um bem, nos consolamos convencendo-nos de que esse bem não poderia ser realizado?»<sup>360</sup> Seja como for – e cremos que não haverá dúvidas acerca da resposta que daríamos à pergunta retórica que formulámos antes –, Eucaristia é um autêntico dom do amor de Deus onde Jesus Se imola de modo incruento por nós, fazendo-Se aquele nosso alimento espiritual que nos sustenta, mas em especial a todos aqueles que se apercebem que são desafiados a entregarem-se a Cristo que Se ofereceu por nós.<sup>361</sup> No preciso DMOV de 2009, que nesse ano coincidiu com a visita do nosso Papa à Jordânia, este, a respeito concretamente do que estamos a ver, afirma:

---

<sup>355</sup> Cf. Joseph Ratzinger / Bento XVI, *Os Sacramentos*, 118.

<sup>356</sup> Cf. Pablo Blanco Sarto, *Benedicto XVI*, iii.

<sup>357</sup> Joseph Ratzinger / Bento XVI, *Os Sacramentos*, 118

<sup>358</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 44.º DMOV*, § 5.

<sup>359</sup> Cf. Pablo Blanco Sarto, *Joseph Ratzinger - Benedicto XVI*, 45.

<sup>360</sup> Baruch Spinoza, *Ética* (Madrid: Alianza Editorial, 2007), 393.

<sup>361</sup> Cf. Bento XVI, *Mensagem para o 46.º DMOV*, 3 de maio de 2009.

«hoje na Jordânia celebramos o Dia Mundial de Oração pelas Vocações. Meditando sobre o Evangelho do Bom Pastor, peçamos ao Senhor que abra cada vez mais os nossos corações e as nossas mentes para ouvir o seu chamamento. Verdadeiramente, Jesus “conhece-nos”, de maneira ainda mais profunda de quanto nos conhecemos a nós mesmos, e Ele tem um plano para cada um de nós. Sabemos também que onde quer que ele nos chame, encontraremos felicidade e satisfação; com efeito, encontrar-nos-emos a nós próprios (cf. Mt 10, 39). Hoje, convido os numerosos jovens aqui presentes a considerar como o Senhor os está a chamar a segui-lo e a edificar a sua Igreja. Tanto no ministério sacerdotal ou na vida consagrada, como no sacramento do matrimónio, Jesus tem necessidade de vós para fazer ouvir a sua voz e para trabalhar pelo crescimento do seu Reino».<sup>362</sup>

Em consequência disto, e unidos, graças à multiforme ação do Espírito Santo, a Jesus,<sup>363</sup> vislumbramos que o escutar e o ouvir eucaristicamente é como que o ponto central do itinerário vocacional, enquanto «expressão perfeita de amor, do amor de Deus que nos toca; e é aqui que aprendemos incessantemente a viver a “medida alta” do amor de Deus. Palavra, oração e Eucaristia constituem o tesouro precioso para compreender a beleza duma vida totalmente gasta pelo Reino».<sup>364</sup> Gasta e dada sem qualquer aspiração de retorno, mas sabendo-se que este mesmo “retorno” é, pela própria dinâmica de aliança entre Deus e o ser humano, endógeno à própria entrega incondicional.

### **3.4.- A Igreja Local como tempo e espaço da vocação**

Avançando-se para outro assunto de enorme importância nos pronunciamentos de Bento XVI nas Mensagens para os DMOV, deparamo-nos com a temática que dá nome a esta Secção: as comunidades eclesiais como berço e guias da vocação. Neste sentido, e para melhor compreendermos a relação existente entre a Igreja Local e a vocação, é importante a definição de “paróquia” descrita no *CDC*. Aí podemos ler que «a paróquia é uma certa comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, cuja cura pastoral, sob a autoridade do Bispo diocesano, está confiada ao pároco, como a seu pastor próprio» (*CDC*, 515, § 1).<sup>365</sup> Tenhamos isto em atenta consideração ao longo deste apartado.

Pois bem, na sua “*Mensagem para o DMOV no ano de 2011*”, o nosso Autor apresenta-nos o tema principal da mesma com as seguintes palavras: «propor as vocações na Igreja Local», algo que, para ele e como se pode ler nessa mensagem, significa «ter a coragem de indicar, através de uma pastoral vocacional atenta e adequada, este caminho exigente do

---

<sup>362</sup> Bento XVI, *Homilia no Estádio Internacional de Amã*, § 4, 10 de maio de 2009.

<sup>363</sup> Cf. Bento XVI, *Audiência geral*, 29 de março de 2006.

<sup>364</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 49.º DMOV*, § 12.

<sup>365</sup> Cf. José Luís Cabria Ortega, «Teología de la parroquia: su estado eclesiológico», *Sal Terrae* n.º 1221 (2017): 296.

seguimento de Cristo, que, rico de sentido, é capaz de envolver toda a vida».<sup>366</sup> No nosso entender, o que Bento XVI quer mostrar é que na Igreja Local encontramos todo o nosso valor eclesiológico, ou seja, «a paróquia é uma entidade eclesial subordinada à Igreja Local»,<sup>367</sup> grande contexto, dentro da Igreja Universal, para o germinar cuidadoso das vocações. Deveras, é fundamental, segundo Bento XVI, que haja nas Igrejas locais mais sensibilidade e atenção no que se refere à pastoral vocacional, sendo que é necessário, para tal e como já referimos no tema anterior, que em cada comunidade de cada Igreja Local se cuide de potenciar a fermentação de amizades íntimas com o Senhor, através da oração, dos sacramentos e da Palavra de Deus. Só nesse local de mútua transparência do Céu e da Terra é possível descobrir e achar a vontade mais profunda do Senhor.<sup>368</sup>

A paróquia, e outras comunidades eclesiais presentes e ligadas a esta, ao estar inserida na Igreja local possui uma vocação própria que aponta para uma missão bem determinada: «ser no mundo “lugar” da comunhão dos crentes e, ao mesmo tempo, “sinal” e “instrumento” da vocação de todos para a comunhão; numa palavra, ser a casa que se abre para todos e que está ao serviço de todos, ou, como gostava de dizer o Papa João XXIII, o fontanário da aldeia a que todos acorrem na sua sede».<sup>369</sup> Claro que os tempos mudaram desde estas palavras de João Paulo II e de João XXIII e muitas vezes as pessoas já não se atêm à “sua” paróquia, antes e como reflexo de um certo *self-service* não poucas vezes profundamente ego-emocional, flutuam de comunidade celebrativa em comunidade celebrativa. Todavia e bem, a Igreja ainda vê na paróquia o local de santificação de cada um, pois o “santo” é aquele que acolhe (e, porventura, ajuda) o seu pastor, e não aquele que busca aqueloutro que lhe agrada.

A Igreja é, portanto, o lugar e o tempo onde floresce a vocação. Dentro da Igreja e na celebração dos mistérios da fé – obra fundamentalmente divina de acordo com o nosso Autor<sup>370</sup> –, notamos que «a marcha quotidiana do tempo é suspensa para acolher esse novo tempo do mistério divino, no qual se realiza a salvação do homem»<sup>371</sup> na realização da sua vocação, seja a “objetiva” – a de sermos santos e perfeitos no amor como Deus o é –, mas igualmente a “subjativa” – que é fruto de um diálogo, certamente assimétrico no que de assimétrico há entre Deus-Criador e homem-criatura, edificador da dita “vocação subjativa” mediante o acerto – ou sintonizar sinfonicamente – do nosso querer com o querer de Deus

---

<sup>366</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 48.º DMOV*, § 6.

<sup>367</sup> José Luís Cabria Ortega, «Teología de la parroquia: su estado eclesiológico», 298.

<sup>368</sup> Cf. Bento XVI, *Mensagem para o 48.º DMOV*, § 5.

<sup>369</sup> João Paulo II, *Exortação Apostólica pós-sinodal* *Christifidelis Laici*, n.º 27.

<sup>370</sup> Cf. José Aldazábal, «Ratzinger: La Liturgia es ante todo obra de Dios», *Phase* 236 (2000), 181-186.

<sup>371</sup> Bernardino Ferreira da Costa, *Espaço celebrativo* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017), 14.

que, na verdade, coincide com aquele quando o mesmo, liberto do egoísmo, se orienta para Ele.<sup>372</sup>

O homem celebra a sua fé nesse espaço que é a Igreja, na sua comunidade celebrante, que é o lugar onde a comunidade se reúne junto à mesa do altar, sobretudo para a celebração do dia da Ressurreição de Cristo em que se recorda a salvação oferecida no Batismo e que o tornou um homem novo em Cristo Jesus.<sup>373</sup> Segundo Bento XVI, para que a Igreja avance na sua missão evangelizadora, e motivadora de vocações que levem a cabo tal missão, «é necessário manter vivo nos fiéis um sentido ativo de responsabilidade missionária e de participação solidária com os povos da terra. O dom da fé chama todos os cristãos a cooperarem na evangelização».<sup>374</sup>

Deste modo – e reconhecendo-se que o evangelizar é a alegria e a vocação própria da Igreja, a ponto de poder ser dita como sendo a sua identidade mais profunda – a Igreja permanecerá viva.<sup>375</sup> Mas isto, apenas se não descurar, seja o facto de que o evangelizar não é «reduzir a fé ao mais pequeno número possível de proposições»,<sup>376</sup> seja a oração intensa, em que as paróquias e famílias e seus movimentos se empenhem idealmente em todas as ações de modo conjunto,<sup>377</sup> criando um ambiente propício para que o chamamento de Deus seja ouvido e fraguado, de modo discernido e santo, nos diferentes estados de vida dos sujeitos.

A “comunidade-*ekklesía*” cristã – por mais que seja, segundo Ratzinger, uma expressão com peso luterano (pois *ekklesía* é mais “a convocada” do que só a “comunidade”)<sup>378</sup> – precisa de ser resgatada como um espaço não apenas para um encontro amoroso e caloroso com Deus, mas também como uma mediação capital para experimentar a salvação, que semeia a vocação, com Deus. Deus é quem dá suporte, ânimo, impulso e estímulo à comunidade cristã por excelência – a Igreja – e às suas comunidades particulares e concretas como paróquias, grupos laicais e religiosos, os quais, como dissemos, devem juntar esforços para que as vocações surjam do húmus da vida diária para bem de todos.<sup>379</sup>

É absolutamente compreensível, pois disso de algum modo depende a subsistência da Igreja tal como a conhecemos teologicamente, que Bento XVI recomenda vivamente a causa

---

<sup>372</sup> Cf. Vasco Pinto de Magalhães, *Vocação e vocações pessoais*, 2.<sup>a</sup> ed. (Braga: Apostolado da Oração, 2005), 47; Herbert Alphonso, *La vocazione personale : Trasformazione in profondità per mezzo degli esercizi spirituali*, 4.<sup>a</sup> ed. (Roma: Gregorian & Biblical Press, 2014), 9-12.

<sup>373</sup> Cf. Bernardino Ferreira da Costa, *Espaço celebrativo*, 16-18.

<sup>374</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 45.º DMOV*, § 7, 13 de abril de 2008.

<sup>375</sup> Cf. Pablo Blanco Sarto, *Benedicto XVI habla sobre fe y nueva evangelización* (Madrid: Ediciones Palabra, 2012), 75.

<sup>376</sup> Cf. Tracey Roland, *Ratzinger's faith*, 58.

<sup>377</sup> Cf. Bento XVI, *Mensagem para o 46.º DMOV*, § 3.

<sup>378</sup> Cf. Joseph Ratzinger / Benoît XVI, *Communauté et Catholicisme* (Paris: Tequi, 2012), 20.

<sup>379</sup> Cf. Manuel Ángel García Bonasa, «Las vocaciones: responsabilidad de la Iglesia», *Sal Terrae* n.º 1215 (2016): 791.

das vocações, e diz que, quando rezamos com devoção e fervor, elas frutificam,<sup>380</sup> com a mesma naturalidade com que as flores num prado uma vez chegada a Primavera. Expressando esta mesma ideia, o nosso Teólogo diz, numa outra ocasião, que «devemos rezar para que todo o povo cristão cresça na confiança de Deus, sabendo que “o Senhor da messe” não cessa de pedir a alguns que livremente disponibilizem a sua existência para colaborar mais intimamente com Ele na obra da salvação».<sup>381</sup> Mas será que o fazemos? E que a oração que fazemos está em sintonia com uma realidade apelativa para os possíveis sujeitos abertos a uma vocação, ou, pelo contrário, eles, mesmo auxiliados por tais orações, se embatem numa Igreja em que não veem como poderão ser felizes? Apenas algumas perguntas que deixamos para reflexão de quem nos possa vir a ler, pois nós mesmos não sabemos como as devemos responder.

Fazendo-se, agora, um ramalhete de ideias e expressões retiradas de algumas orações da *Regina Caeli*, podemos dizer que a comunidade local beneficia quando todos, em Igreja, se unem em oração para que a semente da vocação seja lançada e dê frutos no jardim e sejam capazes de dar bons frutos na diversidade de dons.<sup>382</sup> O coração deve abrir-se à voz do Bom Pastor,<sup>383</sup> para que Deus no seu amor, possa atrair válidos operários para a messe.<sup>384</sup> E isto, sobretudo – reitera Bento XVI, num certo desvalorizar da muito mais difícil vocação matrimonial vivida naquela santidade que se abre ao próprio Deus pela ação, a oração e a adoração<sup>385</sup> – daqueles que se sentem chamados ao sacerdócio e à vida consagrada.<sup>386</sup> Em suma,

«o problema do número suficiente de sacerdotes interpela todos os fiéis, não só porque disso depende o futuro da sociedade cristã, mas também porque este problema é o indicador concreto e inexorável da vitalidade de fé e amor de cada comunidade paroquial e diocesana, e o testemunho da saúde moral das famílias cristãs».<sup>387</sup>

A oração pelas vocações e ao Senhor da Messe é dada pelo próprio Cristo, porque a «necessidade da oração fundamenta-se na própria natureza da vocação. De facto, ela situa-se na linha da transcendência: é dom gratuito, é projecto de Deus, é acção do Espírito, é graça. Por fim, a oração é parte essencial na economia da salvação»<sup>388</sup> que está prenhe da vontade divina de ser auxiliada na concretização dos Seus desígnios salvíficos. Jesus tinha o seu olhar

---

<sup>380</sup> Cf. Bento XVI, *Mensagem para o 43.º DMOV*, § 6.

<sup>381</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 46.º DMOV*, § 3.

<sup>382</sup> Cf. Bento XVI, *Regina Caeli*, 29 de abril de 2012.

<sup>383</sup> Cf. Bento XVI, *Regina Caeli*, 25 de abril de 2010.

<sup>384</sup> Cf. Bento XVI, *Regina Caeli*, 15 de maio de 2011.

<sup>385</sup> Cf. Pablo Blanco Sarto, *Joseph Ratzinger - Benedicto XVI*, 27.

<sup>386</sup> Cf. Bento XVI, *Regina Caeli*, 3 de maio de 2009.

<sup>387</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 50.º DMOV*, § 1.

<sup>388</sup> Fortunato Siciliano, «Oração pelas vocações», em *Dicionário de orientação vocacional*, 1021.

voltado para “fora”, para o povo, tal como podemos ler em *Mt. 9,36*: «contemplando a multidão, encheu-se de compaixão por ela, pois estava cansada e abatida, como ovelhas sem pastor». Segundo Bento XVI, é nesta mesma passagem, tomada em sentido mais amplo no que se lhe seguirá e passará a ser conhecido como “*Discurso da Montanha*”, que vislumbramos a caracterização missionária da vida cristã, pois em tal “*Discurso*” podemos identificar os elementos que descrevem a ação missionária da própria comunidade cristã, no sentido de ser fiel ao projeto de vida de Jesus,<sup>389</sup> o qual encontra no *Pai-Nosso* a sua força espiritual identitária.<sup>390</sup>

O pedido ao Senhor da messe aponta-nos, inevitavelmente e como já fomos vendo, para a missão. Por isso, na sua “*Mensagem de 2008 para o DMOV*”, Bento XVI apresenta a vocação como serviço à Igreja em missão: «a Igreja é missionária no seu conjunto e em cada um dos seus membros. Graças aos sacramentos do Batismo e Confirmação, cada cristão é chamado a testemunhar e anunciar o Evangelho».<sup>391</sup> Sem dúvida. O evangelista Mateus, na conclusão do seu “*Evangelho*” e sem fazer distinções entre os destinatários das palavras que iremos transcrever, deixa-nos este apelo: «ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (*Mt. 28,19-20*). A Igreja tem então uma missão que se baseia essencialmente na comunhão e unidade com o Senhor.<sup>392</sup>

Não se pense que isto é fácil. Voltemos ao “*Pai-Nosso*” – essa oração do discípulo missionário –: e vemos todas as suas exigências. Contudo, a ação viva dos batizados leva a que «o Espírito Santo possa transformar esta prova em ocasião de graça, fazendo com que o nome do Senhor seja anunciado a outros povos, ampliando assim o círculo da comunidade cristã»;<sup>393</sup> alargando, assim, a Tenda que, como já tivemos a oportunidade de apontar, é o Senhor. A acção missionária da Igreja na sua vocação visa ir em missão para anunciar Cristo aos outros porque «somente num terreno espiritualmente bem cultivado brotam as vocações para o sacerdócio ministerial e para a vida consagrada. De fato, as comunidades cristãs, que vivem intensamente a dimensão missionária do mistério da Igreja, jamais serão levadas a fechar-se em si mesmas».<sup>394</sup> Deus → Cristo Jesus → Igreja → comunidades → vocações,

---

<sup>389</sup> Cf. Bento XVI, *Mensagem para o 45.º DMOV*.

<sup>390</sup> Cf. Florentino Muñoz Muñoz, «La oración del Padrenuestro», em *Jesús de Nazaret: Pensando desde Joseph Ratzinger*, 209-258.

<sup>391</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 45.º DMOV*, § 1.

<sup>392</sup> Cf. Bento XVI, *Mensagem para o 44.º DMOV*.

<sup>393</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 45.º DMOV*, § 3.

<sup>394</sup> Bento XVI, § 8.

parece ser um esquema espiritual, minimamente adequado, de uma realidade que nunca devemos ignorar.

Para possibilitar o cuidado das vocações, encontramos já nos “*Evangelhos*”, o próprio Jesus a ensinar e a chamar os Seus discípulos para junto de Si. Olhando para Jesus somos os Seus principais cooperadores em anunciar o Reino de Deus a todos os povos.<sup>395</sup> Bento XVI exprime claramente a importância dos sinais vocacionais ao escrever que

«especialmente neste tempo, em que a voz do Senhor parece sufocada por “outras vozes” e a proposta de O seguir oferecendo a própria vida pode parecer demasiado difícil, cada comunidade cristã, cada fiel, deveria assumir, conscientemente, o compromisso de promover as vocações. É importante encorajar e apoiar aqueles que mostram claros sinais de vocação à vida sacerdotal e à consagração religiosa, de modo que sintam o entusiasmo da comunidade inteira quando dizem o seu “sim” a Deus e à Igreja».<sup>396</sup>

Permitam-nos apresentar, neste momento, uma reflexão pessoal mais extensa, fruto do escrito neste apartado no nosso Trabalho. Todos nós, todos os discípulos, todos os cristãos, todos os batizados somos pessoas chamadas, através da Igreja, a sermos missionários, na medida em que somos testemunhas de Cristo e, portanto, anunciadores da imensa Alegria de que Deus-Amor nos ama mais do que a Ele: eis o que se chamava, e ainda se chama – embora sem ser portador de grande sentido para os mais jovens – de “evangelho”, de “boa-nova”, de “boa-novidade”. Eis, precisamente, a razão de um vocacionado transformado num missionário ser, ou dever ser, um “porta-Voz”, um “porta-Rosto”, um “porta-Coração” mediante a transparência do seu ser face ao ser de Deus. E isto sempre que o seu egoísmo não se interpõe entre si e Ele, o que a acontecer – tal interposição –, levaria «a planos pessoais próprios que se tornariam no que o Espírito Santo acabaria por poder fazer».<sup>397</sup>

É, conseqüentemente, no encontro com o Senhor, que toda a atividade e objetivo da missão tem sentido: «ao *logos* segue o *ethos*».<sup>398</sup> Mas esse anúncio, que segundo Ratzinger estava – e ainda não estará? – a passar por uma séria crise,<sup>399</sup> deve surgir primeiramente em nós e deve ser em sentido de novidade que devemos ser capazes de O dar aos demais, até porque «a grandeza da vocação humana chega muito mais além do mero aspeto de existência humana individual e não pode ser contida nos limites do meramente privado, antes é um expandir original do amor».<sup>400</sup> O fazer o seu próprio encontro com o Senhor capacita a se poder narrar, sem nunca enveredar numa ego-referencialidade, a sua própria história de escuta

---

<sup>395</sup> Cf. Bento XVI, *Mensagem para o 48.º DMOV*.

<sup>396</sup> Bento XVI, § 5.

<sup>397</sup> Joseph Ratzinger, «The Theological Locus of Ecclesial Movements», *Communio* n.º 25 (1998): 503.

<sup>398</sup> Pablo Blanco Sarto, *Joseph Ratzinger - Benedicto XVI*, 35.

<sup>399</sup> Cf. Pablo Blanco Sarto, 41.

<sup>400</sup> Joseph Murphy, *Christ, Our Joy*, 73.

e discernimento vocacional,<sup>401</sup> que mostrará a pneumosfera em que todos podem vir a viver nas suas distintas vocações: De facto, o antes indicado mandato de Cristo não é algo de contingente e exterior, mas atinge o próprio coração da Igreja e de cada um dos batizados que naquela vivem. E vivem desse modo, para dela partirem em busca de quem deseje – sem qualquer proselitismo, mas vivo evangelismo – dela fazer parte.

### 3.5.- A vocação como serviço e testemunho

Pouco a pouco, com as diversas referências aos mesmos temas vistos nas temáticas mais quantitativamente referidas por Bento XVI, chegamos a uma outra que não só não é inesperada, como é de suma importância. Com efeito, o serviço ego-desinteressado é, nos mais diversos contextos eclesiais – desde o mais comum aos mais incomuns –, uma das expressões mais claras da vocação cristã. No âmbito da fé, é visto como resposta ao apelo do Senhor: aquele que se sente chamado por Deus coloca-se, de modo filialmente obediente, inteiramente à sua disposição, para O poder servir segundo os valores do Reinado do Deus-Amor, todos eles sintetizáveis no amor – o qual é um verbo (um fazer) e não tanto um substantivo.<sup>402</sup>

O cristão vocacionado, que aceita viver nesse serviço como forma de vida, encontra em Jesus Cristo os atributos necessários para viver, na gratuidade e na preferência pelos mais pobres – e aqueles mais pobres aos quais se reconhece como tal sem se estar a fazer gincanas retóricas –, a prática da caridade verdadeira que adquire a sua feição mais cristã na generosidade e na partilha.<sup>403</sup> Gratuidade; eis um tema que o nosso Orientador nos incentivou a prosseguir, mas que achámos que nos poderia distrair do nosso propósito, mas, sim, para Ratzinger, o cristão, e mais ainda o que responde eclesialmente à chamada de Deus na fé é o que busca «e faz o bem sem cálculos».<sup>404</sup>

Bento XVI, recordando que o autêntico cristão, que vive a sua vocação com fidelidade e zelo no amor, «transmite a alegria de servir Cristo, e convida todos os cristãos a

---

<sup>401</sup> Cf. Pablo Marti del Moral, «Vocación, historia y discernimiento», *Scripta theologica* vol. 50, (2018): 433-462.

<sup>402</sup> Cf. Guiseppe Pasini, «Serviço», *Dicionário de Orientação vocacional*, 1297.

<sup>403</sup> Cf. Guiseppe Pasini, 1298-1299.

<sup>404</sup> Joseph Ratzinger, *What it means to be a Christian* (San Francisco: Ignatius, 2006), 78; ver, ainda, 83, com importante citação patristica que buscámos em fonte primárias e traduzimos aqui: « Esta é a verdadeira perfeição: não evitar a vida má porque, como escravos, tememos servilmente o castigo, nem fazer o bem porque esperamos a recompensa, como se a vida virtuosa fosse um negócio e um contrato. Pelo contrário, ignorando todas as coisas que esperamos e que nos foram reservadas por promessa, consideramos que sermos amigos de Deus é a única coisa trepidante, e consideramos que tornar-se amigo de Deus é a única coisa digna de honra e desejo. Esta, como já disse, é a perfeição da vida»: Gregório de Nissa, *A vida de Moisés*, PG 44, 429C.

responderem à vocação universal à santidade»,<sup>405</sup> algo que é fundamental para que se possibilitem as mais santas vocações sacerdotais, consagradas e laicais que reflexem a voz, o rosto e os olhos de Cristo.<sup>406</sup> Com efeito, o *testemunho* dos que responderam afirmativamente a Deus – e por mais “gasto” que esteja *este tema* –, ajuda a estimular e a incentivar outros jovens no seu discernimento vocacional,<sup>407</sup> a ponto de podermos ler, num apelo quase imperativo, as seguintes palavras:

«ponhamos de lado os prejuízos e abramos o nosso coração à ação sempre misteriosa e surpreendente do Espírito Santo que ora em nós e dá eficácia às nossas súplicas. E tomando consciência de que somos pobres testemunhas, e que sem Deus nada poderemos fazer. (...) Rasguemos as nossas mentes em busca de novas atitudes de animação vocacional na Igreja, baseada num testemunho vivo alicerçado numa oração abandonada, paciente e perseverante, (...) como afirma o Santo Padre na sua exortação para o XLVII Dia Mundial de Oração pelas Vocações».<sup>408</sup>

“*O testemunho suscita vocações*”, acaba mesmo por ser o escolhido por Sua Santidade para a “*Mensagem do DMOV no ano de 2010*”. Esta escolha insere-se – sobretudo e compreensivelmente, mas não exclusivamente – no papel do serviço na vida dos consagrados e dos presbíteros. Perante estas vocações, uma vez mais, o nosso Autor destaca a importância da Eucaristia – mais visível «centro da Igreja»<sup>409</sup> no coração irradiante de Jesus –, do amor a Cristo e da oração como o conjunto das mais fecundas formas de primeiro testemunho dentro da lógica e da dinâmica do despertar de novas vocações sem falsos otimismo.<sup>410</sup> O sinal concreto deste amor, vivido em comunhão no verdadeiro amor, é destacado com palavras tão claras quão proféticas face ao papel que Francisco passou a dar à afetividade:

«a outra expressão concreta do amor – o amor ao próximo, sobretudo às pessoas mais necessitadas e atribuladas – é o impulso decisivo que faz do sacerdote e da pessoa consagrada um gerador de comunhão entre as pessoas e um semeador de esperança. A relação dos consagrados, especialmente do sacerdote, com a comunidade cristã é vital e torna-se parte fundamental também do horizonte afetivo».<sup>411</sup>

“Horizonte afetivo”, sem dúvida; aquele que visibiliza, no rosto e nas mãos de quem serve através de tais vocações a todo o santo Povo de Deus – que não é menos “Corpo de Cristo”, realidade esta que complementa a precedente<sup>412</sup> –, o amor que suscita, sustenta, alenta

---

<sup>405</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 47.º DMOV*, § 9, 25 de abril de 2010.

<sup>406</sup> Cf. Pablo Blanco Sarto, *Joseph Ratzinger - Benedicto XVI*, 43.

<sup>407</sup> Cf. Bento XVI, *Mensagem para o 47.º DMOV*.

<sup>408</sup> Delegados de Pastoral Vocacional De Catalunya, *Orar por las vocaciones* (Ribadeneyra: Centre de Pastoral Litúrgica, 2007) 6, 7 e 8 respetivamente.

<sup>409</sup> Joseph Ratzinger, *La eucaristía, centro de la vida* (Valencia: EDICEP, 2003), 46.

<sup>410</sup> Cf. Bento XVI, *Mensagem para o 47.º DMOV*, § 9.

<sup>411</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 49.º DMOV*, § 10.

<sup>412</sup> Cf. Pablo Blanco Sarto, *Joseph Ratzinger - Benedicto XVI*, 21.

e espera (como meta de abraço eterno) toda e qualquer vocação particular. O sacerdote é chamado para servir os homens, servindo-os no amor. Numa das suas homilias de ordenação diaconal, Seán O'Malley – autor que nos foi acompanhando como leitura espiritual enquanto fazíamos este Trabalho – diz-nos, num acaso que na ocasião nos pareceu merecedor de atenção, que os sacerdotes devem amar o povo que lhes é confiado, mesmo que não sejam amados por eles.<sup>413</sup> Isto é, como se compreende, extensível a qualquer cristão, até porque um leigo empenhado encontra, em geral, muitas mais adversidades do que um consagrado ou um sacerdote secular.

De qualquer modo, acredita-se ainda hoje que são os consagrados que, supostamente mais inquietados pelo desejo de responderem mais aberta e plenamente ao amor divino, ao se consagrarem à causa do Reino de Deus,<sup>414</sup> se fazem uma como que visibilidade da variedade das vocações presentes na Igreja, tal como referiu, logo no ano de 2006, Bento XVI: «Maria, Mãe de Jesus, directamente associada, na sua peregrinação de fé, ao mistério da encarnação e da redenção, é o modelo dos consagrados que são chamados a testemunhar, de modo particular, o amor de Deus».<sup>415</sup> “De modo particular”: palavras que são um bálsamo, pois rompem explicitamente com a ideia tradicional de que só os consagrados testemunham o Reino escatológico e o amor de Deus neste.

Já o vimos e sabemos: o testemunho faz parte integrante da vocação nas expressões mais banais do humilde trabalho humano vividas no amor – e neste, na caridade, na fé, na esperança e na alegria fraterna do seu serviço<sup>416</sup> –, razão pela qual, na sua “*Mensagem de 2013 para o DMOV*”, o nosso Autor destaca este amor que os jovens, testemunhados e a sentirem-se chamados a serem testemunhas, devem possuir. Diz-nos ele, na primeira pessoa do singular, carregada de humildade e bondade, que

«desejo que os jovens, no meio de tantas propostas superficiais e efêmeras, saibam cultivar a atracção pelos valores, as metas altas, as opções radicais por um serviço aos outros seguindo os passos de Jesus. Amados jovens, não tenhais medo de O seguir e de percorrer os caminhos exigentes e corajosos da caridade e do compromisso generoso. Sereis felizes por servir, sereis testemunhas daquela alegria que o mundo não pode dar, sereis chamados a viverem de um amor infinito e eterno, apreendereis a “dar a razão da vossa esperança” (*IPd.* 3,15)».<sup>417</sup>

Seguindo, agora e como apanhado geral, a reflexão do “*Dicionário de Orientação Vocacional*”, encontramos alguns aspetos que caracterizam o “testemunho” em toda a pastoral vocacional. A saber: esse “testemunho” deve ser realizado por pessoas chamados a viverem

---

<sup>413</sup> Cf. Séan O'Malley, *Procura-se amigos e lavadores de pés* (Prior Velho: Paulinas, 2019), 182.

<sup>414</sup> Cf. Bento XVI, *Mensagem para o 43.º DMOV*.

<sup>415</sup> Bento XVI, § 3.

<sup>416</sup> Cf. II Concílio do Vaticano, *Decreto Optatum totius*, n.º 2.

<sup>417</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 50.º DMOV*, § 11.

no amor e na entrega, numa atitude livre e total. A pastoral vocacional é construída através do testemunho onde cada pessoa, que contacta com esse mesmo testemunho, adquire conhecimentos, iluminações e movimentos espirituais que, depois e enquanto tendo sido vividos pelas testemunhas, devem ser aferidos, ou discernidos, em busca de aspetos como: a autenticidade, a clareza de estrutura e dinâmica, a natureza teológica humana, pessoal, comunitária, eclesial e social, perante Deus, na Igreja e no mundo.<sup>418</sup>

Nos dias de hoje, o anunciar a Palavra de Deus por quem vive uma das três formas de vida cristã e o celebrar os sacramentos – especialmente a Eucaristia e a Reconciliação – por quem é sacerdote é algo muitíssimo importante para a vida dos discípulos intencionais e autênticos. Aqueles que, segundo as suas disposições, seguem a Jesus não podem senão evidenciar uma diferente, e talvez estranha, forma de vida que apele pelo seu valor intrínseco dador de sentido, valor, dignidade e alegria. Nessa missão, o essencial é ajudar os mais frágeis, os enfermos, os que sofrem, os pobres e aqueles que passam por dificuldades, nos lugares em que não se experiencia uma verdadeira relação de encontro com Cristo.

Contactar, pois, com os rostos, olhos, mãos, palavras e corações é, muitas vezes, a primeira mensagem do amor redentor e só assim, segundo o então cardeal Ratzinger, se poderá evitar as vocações cheias de otimismo e sem realismo cristão algum. A saber, e numa síntese de Tracy Rowland: «o otimismo que; (i) mascara o desespero; (ii) conforta os fiéis e os entrega à passividade, de modo a ser lograr fabricar o clima ideal para se desmanchar a Igreja e no seu lugar se edificar uma ONG onde se terá o poder; (iii) e o substituto burguês para a perda da esperança da fé».<sup>419</sup>

Ainda na linha desta reflexão, Seán O'Malley, refere que todo o cristão deve ser um “mártir”, uma “testemunha”, mesmo que, naqueles que foram chamados ao ministério sacerdotal, “apenas” no púlpito:<sup>420</sup> «quantas vezes o púlpito é a arena principal do nosso martírio, do nosso testemunho? Pode ser doloroso. Pode ser frustrante. Mas também pode produzir muito fruto»,<sup>421</sup> e, alargando-se agora o âmbito destas palavras, pode dar dez, vinte, cinquenta e até cem por um (cf. *Mc.* 4,1-9), pois a vida da testemunha vocacional, quando “espremida e bem espremida”, só verte sangue como símbolo do amor dado em alegria até ao fim (cf. *Jo.* 13,1). Do amor da testemunha e do amor de Deus que por tal testemunha chega aos testemunhados. Não tenhamos dúvidas: hoje, quiçá mais do que nunca, ser cristão-”testemunha” não é apenas dar a conhecer a identidade, sobretudo divina, de Jesus e a Sua mensagem libertadora: é aceitar que poderemos ser “martirizados” de muitas formas:

---

<sup>418</sup> Cf. Pietro Gianola, «Testemunho», em *Dicionário de Orientação Vocacional*, 1370-1372.

<sup>419</sup> Tracey Roland, *Ratzinger's faith*, 39.

<sup>420</sup> Cf. Seán O'Malley, *Anel e Sandálias* (Prior Velho: Paulinas, 2010), 18.

<sup>421</sup> Seán O'Malley, *Anel e Sandálias*, 19.

«ao referir-se [na “*Mensagem para o 47.º DMOV*”] aos profetas, ao próprio Jesus e a João Baptista, o Santo Padre chama-nos à realidade de que a participação no ministério de Cristo Jesus nos expõe a incompreensões, rejeições e até perseguições. Tal como Jesus Cristo, temos a escolha de dar um fiel testemunho ou seguir um outro caminho que evita o sofrimento, mas que compromete a mensagem cristã».<sup>422</sup>

Falando dos consagrados, mas com palavras que podem ser abertas a todos os batizados, o nosso Pensador, na linha do que tem vindo a ser apresentado, refere: «muitos homens e muitas mulheres consagram-se a um seguimento total e exclusivo a Cristo. Embora estas pessoas desenvolvam vários serviços no campo da formação humana e no cuidado dos pobres, no ensino ou na assistência aos doentes, não julgam tais acções como o objetivo principal de sua vida»,<sup>423</sup> antes a vivência cristã da vida em Cristo e, assim, animada pelo Espírito Santo que é doada sem reservas aos demais.

E quantos leigos também não o fazem? Antes, talvez isso não fosse possível – embora nos possamos recordar, logo nos primeiros séculos do Cristianismo, de Clemente de Alexandria e Efrém o Sírio –, mas hoje há leigos que, independentemente de ministérios ou não, terem uma vida que é toda ela uma entrega diária aos demais, seguindo, a seu modo, não só os preceitos, mas igualmente os conselhos evangélicos – diferença que não surge na intenção de Jesus, mas paulatinamente ao longo dos quatro primeiros séculos da Igreja.

É neste sentido, que o nosso Autor aborda os conselhos evangélicos como uma outra expressão dos critérios de Jesus Cristo. Eis, neste cenário, os conselhos evangélicos que – «visto que fundados sobre a palavra e o exemplo de Cristo e recomendados pelos Apóstolos, pelos Padres, Doutores e Pastores da Igreja – são um dom divino, que a mesma Igreja recebeu do seu Senhor e com a sua graça sempre conserva»,<sup>424</sup> enquanto como também passíveis de serem vividos pelos leigos «no amor, como dimensão essencial da Igreja e da sua missão, juntamente com o anúncio do Evangelho e a celebração dos sacramentos, os quais formam o quadro da vocação e da missão dos leigos».<sup>425</sup>

Mais: e pede, de uma forma espontânea pouco antes de uma “*Regina Caelis*”, que todos, mas em especial os sacerdotes, «saibam permanecer com gosto diante do sacrário; adiram, plenamente à sua vocação e à sua missão através de uma ascese severa; estejam prontos a escutar e a perdoar; formem cristãmente uns aos outros e sobretudo a quem ainda não conhece ao Senhor; e cultivem com cuidado a fraternidade».<sup>426</sup> Mas quem viverá assim entre nós? E quem gostará efetivamente de o fazer sem “bengalas” ou compensações? Quem

---

<sup>422</sup> Cf. James Valladares, *Hope Springs Eternal in the Priestly Breast* (Bloomington: iUniverse, 2012), 9.

<sup>423</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 43.º DMOV*, § 5.

<sup>424</sup> Bento XVI, *Mensagem para o 46.º DMOV*, § 7.

<sup>425</sup> Ramiro Pallitero Iglesias, *Laicos en la nueva evangelización* (Madrid: RIALP, 2013), 122.

<sup>426</sup> Aldo María Valli, *La verdad del papa* (Bogotá: San Pablo, 2011), 20.

terá estatura e estaleca espiritual para isso? Eis perguntas que nos inquietam, pois sem muitos que o vivam com gosto e com firmeza espiritual, não há vocação que: irrompa da fé comunicada por Deus; se sustente na esperança que é o próprio Deus; e dê frutos no amor que vem de Deus-Amor.

## CONCLUSÃO

Tratar da temática da vocação, no tempo em que vivemos, é, sem dúvida alguma, um assunto que requer muita reflexão e atenção. Já o sabíamos antes de começarmos este Trabalho, mais o ficámos a saber durante a sua realização e conclusão. Para a compreensão deste assunto, não nos podemos esquecer das suas diversas características no seu próprio conceito, para que a possamos dar a conhecer aos outros na sua diversidade dadora de um certo sentido para as suas vidas.

Motivar o brotar e desenvolver da vocação como dom de Deus e abrir-se à Sua “provocação”, para se ser fiel na resposta que se dá, é um itinerário que implica verdadeiramente uma atitude espiritual de plena interiorização de algo que, não é exógeno, mas endógeno ao nosso coração: o apelo de Deus, que, contudo, pode ser feito sentir por realidades exteriores a nós: um testemunho; uma peregrinação, um encontro, etc. Mas infelizmente e em alguns contextos, não são criados, nos lugares apropriados e propícios das comunidades, os espaços necessários para o surgimento e a prosperidade das vocações. Os próprios promotores vocacionais – formais ou informais – nem sempre são o que deviam ser: pessoas felizes e alegres com a forma de vida que elegeram. E se não o são, isso deve-se, estamos convictos, muitas das vezes a uma parca disponibilidade ou até ao facto de não serem felizes com o que acabou por lhes ser exigido enquanto sacerdotes.

Tudo o dito antes surgiu da reflexão feita no decorrer deste Trabalho, e ainda que sucinta será, veremos já de seguida, mais ampliada com o que refletimos depois. O conteúdo das Mensagens do Papa Bento XVI para os DMOV é, efetivamente e na verdade, notavelmente ousado e atual. É como se ele tivesse sabido, com “antecedência”, a realidade que hoje estamos a viver. Sabemos que as pessoas em geral têm uma maior estima pelo atual Papa Francisco, mas há um “sal” e uma “luz” especiais em tais mensagens que não conseguimos deslindar, com a mesma precisão – todas as pessoas são diferentes (e ainda bem) – nas deste último.

Pois bem, depois da conclusão dos distintos Capítulos desta Dissertação, gostaríamos de apresentar umas palavras que nos surgiram quando olhámos retrospectivamente para ele. Senão vejamos: Bento XVI voltou uma e outra vez, nas suas Mensagens, à raiz da vocação por si discernida como sendo o próprio mistério da Igreja enquanto corpo de Cristo – dador de

imortalidade e de eternidade – e comunhão. Isto parece algo de simples, mas não o é. E não o é, pois coloca a Igreja numa perspectiva de conjunto, e anuncia já uma visão teológica da vocação: entrar numa relação filial com o Pai celeste. Mais: remete para uma “eclesiologia de comunhão” que só pode ser uma “eclesiologia kenótica”, com tudo o que isto implica para cada cristão em geral e cada pessoa que assumiu uma vocação em especial. Em concreto: o despojar-nos do nosso egoísmo face ao risco maior que isso comporta: o de nos fecharmos ao desígnio de Deus para cada um de nós, convertendo-se a vocação numa auto-suficiência em relação a Deus e ao Seu chamamento, ao seu sonho. Eis a tentação prometeica do esforço exclusivamente humano que redundará na perda de vocações preciosas nos nossos dias.

Outro aspeto que surgiu da análise final do nosso Labor foi o dos diferentes modos como Bento XVI aponta, com delicadeza, que muitas vezes as vocações resultam de onde menos se espera. Se já no tempo de Jesus foi assim, mais sê-lo-á nos nossos dias tão mais complexos: há pessoas que procuram sentido nisto e naquilo e acabam por tocar no “manto de Jesus” e, simultaneamente, acabam por ser tocadas pela “força da graça”, isto é, encontram Alguém, e este encontro é o importante. Aqueles que procuram na verdade são um terreno fértil para as vocações!

Também vimos que, para o nosso Teólogo, algumas pessoas são escolhidas pessoalmente, no entanto, outras seguem a Jesus por iniciativa própria; simplesmente por amor. Há muitos tipos de vocação, e nenhum dos quais foi rejeitado ou menosprezado por Cristo e, assim, também não o deve ser por nós. Todos têm um lugar especial no coração de Cristo e devem ser acolhidas por todas as comunidades e seus membros, em especial os sacerdotes que devem viver a sua “paternidade”, não como uma substituição mais ou menos sublimada da biológica, no ministério sacramental, com toda a amplitude que este assume e capaz de dar a cada sacerdote um coração conformado ao de Cristo.

Todas as vocações precisam de ser estimadas enquanto dom de Deus dado à pessoa, à Igreja e à humanidade. Daqui surge a importância, que nos pareceu ler nas Mensagens para os DMOV escritas por Bento XVI, da vigilância da Igreja diante de tal tesouro. O chamamento divino à vocação é, numa mistura de grandeza e pequenez, total. E para que a resposta seja igualmente total exige uma aguda sabedoria do discernimento por parte da Igreja, para que tal tesouro não se perca. Mas saberemos discernir? Saberemos tirar os escolhos e ficar com a pepita que está em cada pessoa que se sente chamada ou se põe a caminho por livre iniciativa? Às vezes, e falamos de experiência própria, parece que não e isso é doloroso para aquele que é chamado e é, sempre, um fenómeno espiritual cujo valor é inestimável.

Outro aspeto que consideramos dignos de apontar, agora que releemos o nosso Trabalho e dele estamos a tentar tirar conclusões, é que o *ponto* de partida da linha vocacional

é sempre o batismo. A *linha*, por seu lado, significa querer fazer a vontade de Deus com base no que é real e, a dada altura, o *ponto* e a *linha* desenrolam-se como um leque. O trabalho, o amor, o serviço, os acontecimentos, os encontros, as provações, os fracassos – pessoais e eclesiais (alguns que nos fazem chorar, com as mãos no rosto, vergonha) – e, enfim, a motivação profunda que vai regressando são realidades que começam a fazer um verdadeiro sentido no diálogo de amor entre Deus e o sujeito, E isto, não obstante os obstáculos e as perseguições que sabe que acontecerão se não se quiser ser uma “rolha”, a flutuar sem determinação, num mar acossado por imensos ventos.

Seja como for, a pessoa, remotivada, endireita-se espiritualmente e busca a verticalidade das partes da sua vida que ainda precisam de ser desenvolvidas vocacionalmente. Não como consequência de uma pressão externa, mas como resposta a um quase eterno “incêndio de amor” interno. Por outras palavras: descobrimos que nunca se deve dizer a alguém: “não tens vocação”, mas sim: “a tua vocação é única, cheia de um potencial que Deus e a vida colocaram no lugar, e é possível partires daí até que tudo faça sentido num alinhamento entre Deus e a tua personalidade pessoal”.

Enfim, ficámos a saber que a vocação de cada um de nós é bem maior do que as formas de vida eclesiais: a nossa vocação é a santidade; é o próprio céu. E o caminho de cada um levá-lo-á até lá através das circunstâncias da sua vida. A vocação mais imediata de cada batizado pode ser a natação, o desporto, a dança, a música, o modo de viver em família, a ciência, etc.: desde que tal crente viva num cenário de santificação. Assim, e com a ajuda de Bento XVI, descobrimos as vocações ocultas e fecundas que deixam a sua marca naqueles que os rodeiam. São, estas, o “sal da terra”, invisível num “guisado”, mas essencial para se sentir melhor os sabores do mesmo.

Chegados a este ponto da redação desta nossa Conclusão – e só então –, o nosso Orientador indicou-nos para uma “*Lectio Divina*” que Bento XVI fez, em fevereiro de 2013 – ou seja, entre a declaração da sua renúncia e a escolha de um novo Papa –, ao Pontifício Seminário Maior Romano.<sup>427</sup> Achámos curioso que, muitas das nossas mais pessoais conclusões estivessem presentes nesse texto, mostrando que – pela graça de Deus, o meu labor e a ajuda do dito Orientador – tocámos bem de perto do coração de Joseph Ratzinger. De facto, e sem fazermos nenhuma citação – que sabemos inapropriado para uma Conclusão –, digamos que ele refere, no cerne da sua “*Lectio Divina*”, que o ser-se apelado é uma honra toda ela feita de humildade, pois passar-se-á a viver uma maior intimidade com o Senhor, mas igualmente do grupo social mais acossado no Mundo. Um grupo antinómico, pois, mas ao

---

<sup>427</sup> Bento XVI, *Lectio Divina aquando de visita ao Seminário Maior Romano*, 8 de fevereiro de 2013.

mesmo tempo aquele que está a ser sempre mais renovado pelo poder do Espírito do Senhor, o Qual faz com que a Igreja, em cada época, não esteja velha nem ultrapassada, antes sempre antecipada, revivida e reavivada no Senhor – e, assim, já carregue consigo mesma a eternidade em comunidade e nos dê em legado comum essa mesma eternidade. E este facto, por mais que não possamos ignorar que nem tudo é um “mar de rosas na mesma”, realidade que, naturalmente afetará a vida do chamado feito eleito pela sua resposta.<sup>428</sup>

Com o final deste Trabalho a aproximar-se, consideramos oportuno destacar, de forma breve, algumas dimensões da nossa vida em que o mesmo teve um maior impacto em nós. Assim, na dimensão humana, conseguimos perceber e descobrir que a minha própria identidade se exprime no verdadeiro momento em que me encontro. O aparecimento de algumas questões face aos valores que queremos viver e aos princípios que queremos construir ao longo da nossa vida. Assim e nesta dimensão, descobrimos o trilho do amadurecimento e a necessidade de voltar a peneirar, uma e outra vez, as motivações existentes no meio da minha própria realidade.

Na dimensão espiritual, abriu-se ainda mais a necessidade orante de escutar e ouvir a Deus, por meio da Sua Palavra, dos sacramentos, dos irmãos de comunidade; enfim, por todos aqueles a quem estou chamado a servir. Numa atitude consciente, sentimos mais a sensibilidade de nos unirmos à oração universal da Igreja que também ora por mim – mesmo não me conhecendo na sua esmagadora maioria –, sabendo, também, que a derradeira e fundamental vocação a que fomos chamados é a da santidade; isto é, e pegando numas palavras que tantas vezes ouvi o nosso Orientador referir nas aulas, a divinização que é a amorização: o sermos somente amor pela graça do mesmo modo que Deus é Amor por natureza.

Na dimensão vocacional, este Trabalho ajudou-nos a reconhecer que preciso de estar mais atento e vigilante aos demais; isto é, aos destinatários que envolvem a pastoral na qual estou envolvido, de modo particular, a juventude e os doentes. Não sabíamos, senão teoricamente, que somos rosto de Cristo; olhos de Cristo; mãos de Cristo. Mas este moroso e custoso Estudo foi permitindo que o que era teórico assumisse uma espessura existencial que não esperávamos. Quem diria que o trabalho intelectual, no nosso caso centrado na maravilhosa vida de Bento XVI e no tema da vocação, poderia auxiliar-nos a aprofundar e consolidar os fundamentos da nossa fé e, ao mesmo tempo, a assumirmos mais e melhor o que nos deve mover?

---

<sup>428</sup> Bento XVI, *Visita ao Pontifício Seminário Maior Romano*, 8 de fevereiro de 2013.

Reconhecemos que, ao longo deste Trabalho, surgiram: *dificuldades* (no desenvolvimento das ideias basilares; na busca de um fio condutor para a abordagem à temática contida nos DMOV; na elaboração de um discurso sistematizado); *limitações* (no acesso a estudos especializados sobre os DMOV; na conciliação entre o tempo para a investigação e os compromissos no âmbito da vida fraterna e pastoral) e, por fim, *imperfeições* que foram sendo superadas pelo contributo do Orientador desta Dissertação. Muito crescemos com a sua ajuda e mesmo sabendo que ele não quer que o digamos, por sentir que esteve sempre a fazer apenas o seu trabalho, não podemos senão deixar aqui escrita essa realidade. Também surgiram temas que seria interessante aprofundar, mas que se o fizéssemos nos afastariam, por demais, da meta deste Trabalho, como, por exemplo, a temática, já apontado inclusive nesta Conclusão, das «vocações por “livre iniciativa”».

Também considerámos que há aspetos que poderão ser interessantes a nível de uma eventual futura investigação e reflexão. Seja-nos permitido apresentá-los aqui num breve “ramalhete”. Em primeiro lugar, um estudo comparado sobre o conceito de “vocação” nos Pontífices Francisco e Bento XVI. Depois, e partindo das três virtudes teologais e de modo teológico e espiritual, abordar, por exemplo, a dimensão vocacional a partir das três Cartas Encíclicas de Bento XVI: a vocação como dimensão de amor (“*Deus Caritas est*”), a vocação como dimensão de esperança (“*Spe salvi*”), a vocação como dimensão de caridade (“*Caritas in veritate*”). Em terceiro lugar, abordar desde diversos âmbitos – espiritual, pastoral e sociológico – a questão vocacional enquanto ligada às Jornadas Mundiais da Juventude, não nos focando apenas nos jovens, mas igualmente nos adultos nelas envolvidos, pois cremos que elas são um cadinho vocacional fora do comum.

Já a um outro nível, mas ainda fazendo parte do mencionado ramalhete, o ver se, e de que modo, o tema das vocações foi tratado por Bento XVI nas suas Mensagens para o dia dos Consagrados e para o dia Mundial das Missões, bem como nas homilias proferidas nas missas crismais. Em quinto lugar, perceber de que forma o próximo Sínodo dos Bispos irá abordar e refletir a vocação dos leigos, sacerdotes, consagrados, missionários e de todo o povo de Deus. Por fim, tentar aferir em que sentido o “clericalismo”, percecionado – bem ou mal, pois não é Igreja, mas um parasita na mesma – pelas pessoas, impacta numa vivência vocacional clericalista totalmente alheia ao serviço, à humildade, ao amor.

Chegados aqui resta-nos manifestar o sincero desejo de que este simples Trabalho possa, de modo análogo ao que aconteceu em nós, despertar, em alguém, pormenores menos desenvolvidos da sua vida cristã-vocacional que contribuam para uma verdadeira renovação da temática vocacional, na diversidade das suas dimensões. E isto, lembrando-nos sempre que

a vocação cristã, e todas as vocações cristãs, não se encontra(m) naquilo que ainda não realizámos ou que visivelmente conseguimos fazer. Ela está na Cruz e no Sepulcro Vazio que permeiam todas as circunstâncias fecundas das nossas vidas.

Por fim, e não fora a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos tão chegada a Maria – outro tema que voluntariamente não quisemos aprofundar para não nos perdermos ao ir atrás de todas as moscas de entusiasmo que fomos sentindo – gostaríamos de entregar esta Dissertação a Maria, aquela que é, a nível de um ser meramente pessoal, a força do braço do Senhor. Não a confundamos com uma mãe “lamechas”. Ela é a força da humanidade. Através de Maria, Deus pôde, e chama-nos a ajudá-Lo a, levantar o Seu povo, e cada um de nós. Se Maria sabia que Jesus era o cumprimento da promessa “feita a Israel”, gostaríamos que ela nos acompanhasse no vivermos, cada vez mais e melhor, o (nosso) “*Magnificat*”.

## BIBLIOGRAFIA

### 1.- Fontes

#### 1.1.- FONTES PRIMÁRIAS

##### 1.1.1.- Fontes do nosso Autor <sup>429</sup>

Bento XVI. *Angelus*. 29 de janeiro de 2006. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2006/documents/hf\\_ben-xvi\\_ang\\_20060129.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2006/documents/hf_ben-xvi_ang_20060129.html). Acedido a 30 de janeiro de 2023.

———. *Audiência geral*, 29 de março de 2006. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2006/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20060329.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20060329.html). Acedido a 14 de abril de 2013.

———. *Carta Apostólica Anglicanorum coetibus*. AAS 101 (2009): 985-990.

———. *Carta Apostólica Porta fidei*. AAS 103 (2011): 723-734.

———. *Carta Apostólica Summorum Pontificum*, AAS 99 (2007): 795-799.

———. *Carta Encíclica Deus Caritas est*, AAS 98 (2006): 217-252.

———. *Carta Encíclica Spe salvi*, AAS n.º 99 (2007) 985-1027.

———. *Declaração de renúncia*, 10 de fevereiro de 2013. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20130211\\_declaratio.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20130211_declaratio.html). Acedido a 27 de fevereiro de 2023.

———. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini*. AAS 102 (2010): 681-787.

———. *Lectio Divina aquando de visita ao Seminário Maior Romano*. 8 de fevereiro de 2013. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20130208\\_seminario-romano-mag.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20130208_seminario-romano-mag.html). Acedido a 12 de novembro de 2022.

---

<sup>429</sup> As obras de Joseph Ratzinger / Bento XVI, com a exceção das escritas em colaboração – aquando, por exemplo, de uma entrevista – poder-se-iam dividir apenas em dois grupos: as anteriores ao seu pontificado e as subsequentes à sua renúncia, que viriam tendo como escritor Joseph Ratzinger; e, depois, as publicadas durante o seu pontificado, agrupadas sob a indicação “Bento XVI” como autor. De facto, as que trazem como autor Joseph Ratzinger são obras do primeiro grupo supra-aludido que, tendo sido reeditadas, se acrescentou a “Joseph Ratzinger” a indicação Bento XVI. Dito isto, optámos por uma divisão tripartida.

- . *Homilia no Estádio Internacional de Amã*. 10 de maio de 2009. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2009/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20090510\\_intern-stadium.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2009/documents/hf_ben-xvi_hom_20090510_intern-stadium.html). Acedido a 4 de dezembro de 2022.
- . *Mensagem para o 43.º DMOV*. 7 de maio de 2006. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/vocations/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20060305\\_xlii-i-vocations.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/vocations/documents/hf_ben-xvi_mes_20060305_xlii-i-vocations.html). Acedido a 16 de outubro de 2022.
- . *Mensagem para o 44.º DMOV*. 29 de abril de 2007. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/vocations/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20070210\\_xlii-v-vocations.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/vocations/documents/hf_ben-xvi_mes_20070210_xlii-v-vocations.html). Acedido a 16 de outubro de 2022.
- . *Mensagem para o 45.º DMOV*. 13 de abril de 2008. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/vocations/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20071203\\_xlv-i-vocations.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/vocations/documents/hf_ben-xvi_mes_20071203_xlv-i-vocations.html). Acedido a 16 de outubro de 2022.
- . *Mensagem para o 46.º DMOV*. 3 de maio de 2009. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/vocations/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20090120\\_xlvi-i-vocations.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/vocations/documents/hf_ben-xvi_mes_20090120_xlvi-i-vocations.html). Acedido a 16 de outubro de 2022.
- . *Mensagem para o 47.º DMOV*. 25 de abril de 2010. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/vocations/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20091113\\_xlvi-i-vocations.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/vocations/documents/hf_ben-xvi_mes_20091113_xlvi-i-vocations.html). Acedido a 16 de outubro de 2022.
- . *Mensagem para o 48.º DMOV*. 15 de maio de 2011. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/vocations/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20101115\\_xlvi-ii-vocations.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/vocations/documents/hf_ben-xvi_mes_20101115_xlvi-ii-vocations.html). Acedido a 16 de outubro de 2022.
- . *Mensagem para o 49.º DMOV*. 29 de abril de 2012. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/vocations/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20111018\\_xlix-vocations.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/vocations/documents/hf_ben-xvi_mes_20111018_xlix-vocations.html). Acedido a 16 de outubro de 2022.
- . *Mensagem para o 50.º DMOV*. 21 de abril de 2013. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/vocations/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20121006\\_l-vocations.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/vocations/documents/hf_ben-xvi_mes_20121006_l-vocations.html). Acedido a 16 de outubro de 2022.
- . *O meu testamento espiritual*. *L'Osservatore Romano*. Edição semanal em português 54, n.º1 (5 de janeiro de 2023): 1.
- . *Regina Caeli*. 29 de abril de 2007. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2007/documents/hf\\_ben-xvi\\_reg\\_20070429.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2007/documents/hf_ben-xvi_reg_20070429.html). Acedido a 14 de março de 2022.
- . *Regina Caeli*, 15 de maio de 2011. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2011/documents/hf\\_ben-xvi\\_reg\\_20110515.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2011/documents/hf_ben-xvi_reg_20110515.html). Acedido a 14 de março de 2022.
- . *Regina Caeli*, 25 de abril de 2010. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2010/documents/hf\\_ben-xvi\\_reg\\_20100425.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2010/documents/hf_ben-xvi_reg_20100425.html). Acedido a 14 de março de 2022.

- . *Regina Caeli*, 29 de abril de 2012. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2012/documents/hf\\_ben-xvi\\_reg\\_20120429.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2012/documents/hf_ben-xvi_reg_20120429.html). Acedido a 14 de março de 2022.
- . *Regina Caeli*, 3 de maio de 2009. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2009/documents/hf\\_ben-xvi\\_reg\\_20090503.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2009/documents/hf_ben-xvi_reg_20090503.html). Acedido a 14 de março de 2022.
- . *Saudação de despedida do Papa Bento XVI aos Cardeais presentes em Roma*, 28 de fevereiro de 2013. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20130228\\_congedo-cardinali.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20130228_congedo-cardinali.html). Acedido a 30 de fevereiro de 2023.
- . *Homilia na Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo*. 26 de maio de 2005. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20050526\\_corpus-domini.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20050526_corpus-domini.html). Acedido a 15 de maio de 2023.
- . *Ratisbonne, La Sapienza, L'ONU, Paris, Prague, Londres, Berlin*. Em *Benôit XVI: Discours au Monde*, editado por Eric Iborra. Perpignan: Artège, 2013.
- . *Visita ao Pontifício Seminário Maior Romano*. 17 de fevereiro de 2007. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/february/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20070217\\_seminario-romano.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20070217_seminario-romano.html). Acedido a 14 de maio de 2023.
- . *Visita ao Pontifício Seminário Maior Romano*. 8 de fevereiro de 2013. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20130208\\_seminario-romano-mag.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20130208_seminario-romano-mag.html). Acedido a 17 de junho de 2023.
- Ratzinger, Joseph. *A minha vida: Autobiografia*. Lisboa: Livros do Brasil, 2005.
- . *Christianity and the Crisis of Culture*. San Francisco: Ignatius, 2006.
- . *Gospel, Catechesis, Catechism: Sidelights to the Catechism of the Catholic Church*. San Francisco: Ignatius, 1997.
- . *Homilia na Missa das Exéquias do Romano Pontífice João Paulo II*, 8 de abril de 2005. [https://www.vatican.va/gpII/documents/homily-card-ratzinger\\_20050408\\_po.html](https://www.vatican.va/gpII/documents/homily-card-ratzinger_20050408_po.html). Acedido a 4 de dezembro de 2023.
- . *Homilia na Santa Missa «Pro Eligendo Romano Pontífice»*, 18 de abril de 2005. [https://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice\\_20050418\\_po.html](https://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html). Acedido a 4 de dezembro de 2023.
- . *Intervenção durante o congresso dos catequistas e dos professores de religião*. 10 de Dezembro de 2000.
- . *La eucaristía, centro de la vida*. Valencia: EDICEP, 2003.
- . *On the Way to Jesus Christ*. San Francisco: Ignatius, 2005.

- . «The Theological Locus of Ecclesial Movements». *Communio* n.º 25 (1998): 480-504.
- . *What it means to be a Christian*. San Francisco: Ignatius, 2006.
- Ratzinger, Joseph / Bento XVI. *Caminhar Juntos na fé: a Igreja como comunhão*. Braga: Apostolado da Oração, 2005.
- . *Che cos'è il Cristianesimo: Quasi un testamento spirituale*. Milano: Mondadori, 2023.
- . *Communauté et Catholicisme*. Paris: Tequi, 2012.
- . *Jesus de Nazaré*, 3 vol. Lisboa: Esfera dos Livros (vol. 1), 2007; Cascais: Princípia (vol. 2 e vol. 3), 2011 e 2012.
- . *Os Sacramentos: Sinais de Deus no mundo*. Cascais, Lucerna, 2020.
- . *Por Amor*. Cascais: Lucerna, 2019.
- Bento XVI e Peter Seewald. *Luz do Mundo: o Papa, a Igreja e os Sinais dos Tempos. Uma conversa com Peter Seewald*. Cascais: Lucerna, 2010.

### **1.1.2.- Outras fontes**

- II Concílio do Vaticano. *Constituição Dogmática Dei Verbum*. AAS 58 (1966): 817-835.
- . *Constituição Dogmática Lumen gentium*. AAS 57 (1965): 5-67.
- . *Constituição Pastoral Gaudium et spes*. AAS 58 (1966): 1025-1120.
- . *Declaração Nostra aetate*. AAS 58 (1966): 740-744.
- . *Decreto Ad Gentes*. AAS 57 (1965): 947-990.
- . *Decreto Apostolicam actuositatem*. AAS 58 (1966): 837-864.
- . *Decreto Optatam totius*. AAS 58 (1966): 713-727.
- . *Decreto Perfectae caritatis*. AAS 58 (1966): 702-712.
- . *Decreto Presbyterorum ordinis*. AAS 57 (1965): 5-23.
- . *Decreto Unitatis redintegratio*. AAS 57 (1965): 90-112.
- Francisco. «Homilia da Missa Exequial pelo Sumo Pontífice Emérito Bento XVI». *Observatore Romano*. Edição semanal em português 54, n.º 1 (5 de janeiro de 2023): 2.
- Igreja Católica. *Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993.
- . *Código do Direito Canónico*, 4.<sup>a</sup> ed. Braga: AO, 2007.

- : Congregação para a Doutrina da Fé. *Declaração Dominus Iesu*. AAS n.º 92 (2000), 742-765.
- . *Carta Encíclica Lumen fidei*. AAS 105 (2013): 555-596.
- . *Exortação Apostólica Evangelii gaudium*. AAS 105 (2013): 1019-1137.
- . *Exortação Apostólica Gaudete et exultate*, AAS 110 (2018): 1111-1161.
- . *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus vivit*. Braga: AO, 2019.
- . *Mensagem para o 56.º Mundial das Comunicações Sociais*. 24 de janeiro de 2022. <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20220124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acedido a 4 de junho de 2023.
- João Paulo II. *Exortação Apostólica Christifideles laici*. AAS 81 (1989): 393-521.
- . *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores dabo vobis*. AAS 84 (1992): 657-804.
- . Síno do dos Bispos. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional: Documento final da XV Assembleia Geral Ordinária do Síno do dos Bispos*. [https://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20181027\\_doc-final-instrumentum-xv-assemblea-giovani\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20181027_doc-final-instrumentum-xv-assemblea-giovani_po.html). Acedido a 31 de março de 2023.
- Paulo VI. *Carta Encíclica Sacerdotalis caelibatus*. AAS 69 (1967): 657-697.
- . *Exortação Apostólica Evangelii nuntiandi*. AAS 68 (1976): 5-76.

## 1.2.- FONTES SECUNDÁRIAS

- Bíblia Sagrada*. Fátima: Difusora Bíblica, 6ª ed., 2015.
- Gregório de Nissa, *A vida de Moisés*, PG 44, 297b-430d.
- Ludolfo da Saxónia. *The Life of Christ*, vol. 1. Collegeville: Liturgical Press, 2018.
- Spinoza, Baruch. *Ética*. Madrid: Alianza Editorial, 2007.

## 2.- Estudos

- AA.VV., *El amor de Dios que es amor: Reflexions en torno a la Enciclica de Benedicto XVI Deus Caritas est*. Editado por Manuel Lázaro Pulido (Cáceres: Instituto de Teologia “San Pedro de Alcántra”, 2007).
- Aldazábal, José. «Ratzinger: La Liturgia es ante todo obra de Dios». *Phase* 236 (2000): 181-186.

- Allen, John L. «Who is Joseph Ratzinger?». Em *Political Papacy: John Paul II, Benedict XVI, and Their Influence*. Editado por Chester Gillis, 7-21. Abingdon; New York: Routledge, 2018.
- . *Pope Benedict XVI: A Biography of Joseph Ratzinger*. London: Continuum, 2000.
- Alphonso, Herbert *La vocazione personale: Trasformazione in profondità per mezzo degli esercizi spirituali*, 4.<sup>a</sup> ed. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2014.
- Amiri, Rachel A. e Mary M. Keys. «Benedict XVI on Liberal Modernity's Need for the "Theological Virtues" of Faith, Hope, and Love», Em *Pope Benedict XVI and the Politics of Modernity*. Editado por Marc D. Guerra. Abingdon: Routledge, 2014.
- Anónimo. «Vocação», em *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. 2: 3773-3774. Lisboa: Verbo, 2011.
- Bardazzi, Marco. *De Joseph Ratzinger a Benedicto XVI*. Madrid: Encuentro, 2006.
- Blanco Sarto, Pablo. *Benedicto XVI habla sobre fe y nueva evangelización*. Madrid: Ediciones Palabra, 2012.
- . *Benedicto XVI: El Papa alemán*. Madrid: Planeta, 2011.
- . *La Teología de Joseph Ratzinger: Una introducción*. Madrid: Palabra, 2011.
- Cicchese, Gennaro. «Comunhão» Em *Dicionário de Orientação Vocacional*. Editado por Centro Internacionale Vocacionale Rogate: 299-306. Prior Velho: Paulinas, 2008.
- Citrini, Tullio «Vocação (Teologia da)». Em *Dicionário de Orientação Vocacional*. Editado por Centro Internacionale Vocacionale Rogate: 1446-1457. Prior Velho: Paulinas, 2008.
- Collins, Paul. *God's New Man: The Election of Benedict XVI and the Legacy of John Paul II*. London; New York: Continuum, 2005.
- Conti, Martini. «Las vocaciones individuales en el antiguo testamento». Em *Vocación común y vocaciones específicas, aspectos bíblicos, teológicos y psico-pedagógico-pastorales*. Editado por Agostino Favale, 101-139. Madrid: Atenas, 1984.
- Coulombe, Charles A. *The Legacy of Pope Benedict XVI*. New York: Diversion Books, 2013.
- Day, James. *Father Benedict: The Spiritual and Intellectual Legacy of Pope Benedict XVI*. Manchester: Sophia Institute Press, 2016.
- De Lorenzi, L. «Vocación». Em *Nuevo Diccionario de Teología Bíblica*. Editado por R. Rossano, G. Ravasi e A. Girlanda: 1961-1968. Madrid: Paulinas, 1990.
- Delegados de Pastoral Vocacional De Catalunya. *Orar por las vocaciones*. Ribadeneyra: Centre de Pastoral Litúrgica, 2007.

- Duarte, Alexandre Freire. «“*Magis magisque*”: Reflexões sobre a espiritualidade dos religiosos». Em *A essência da vida consagrada*. S/ed. António Couto, et al., 61-82. Lisboa: Paulus, 2015.
- . «Ouvir». Em *Léxico de espiritualidade cristã*. Editado por Alexandre Freire Duarte: 65. Avessadas: Edições Carmelo, 2015.
- Duque, João Manuel. «Trinidad y misión: el cuerpo del envío: sugerencias inspiradas en Levinas». *Estudios Eclesiásticos* 98, n.º 384 (2023): 103-126.
- Eckert, J. «αλέω». Em *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*, vol. 1. Editado por Horst Balz Gerhard Schneider: 2166-2178. Salamanca: Sígueme, 1996.
- Ferraz, Agostinho. «Vocação». Em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 18: 1363-1365. Lisboa: Verbo, 1976.
- Fracalvieri, Bianca. «O adeus a Bento XVI: “Pai, nas tuas mãos entregamos o seu espírito”». 5 de janeiro de 2023.
- Fucili, Paolo e Leonardo Possati. *Effetto Benedetto. Papa Ratzinger in 40 parole*. Torino: Effatà, 2007.
- Gänswein, Georg e Saverio Gaeta. *Nient’altro che la verità*. Milano: Piemme, 2023.
- García Bonasa, Manuel Ángel. «Las vocaciones: responsabilidad de la Iglesia». *Sal Terrae* n.º 1215 (2016): 787-801.
- Gianola, Pietro. «Testemunho». Em *Dicionário de Orientação Vocacional*. Editado por Centro Internacionale Vocacionale Rogate: 1364-1376. Prior Velho: Paulinas, 2008.
- Gibson, David. *The Rule of Benedict: Pope Benedict XVI and His Battle with the Modern World*. New York: HarperOne, 2006.
- Goffi, Tullo e Antonio Gentili. «Vocação à Santidade». Em *Dicionário de Orientação Vocacional*. Editado por Centro Internacionale Vocacionale Rogate: 1457-1473. Prior Velho: Paulinas, 2008.
- Gómez de Pedro, María Esther e Pedro Morandé. *Libertad en Ratzinger: Riesgo y tarea*. Madrid: Encuentro, 2014.
- González Quevedo, Luis. «Vocación». Em *Diccionario Teológico de la Vida Consagrada*. Editado por Ángel Aparicio Rodríguez e Joan Canals Casas: 1824-1887. Madrid: Publicaciones Claretianas, 1989.
- Goulding, Gill. «The Irreducible Particularity of Christ: a Theology of Vocation». Em *The Disciples’ Call: Theologies of Vocation from Scripture to the Present Day*. Editado por Christopher Jamison, 115–138. London; New York: Bloomsbury, 2013.
- Guerriero, Elio. *Benedict XVI: His Life and Thought*. San Francisco: Loyola, 2018.
- Guillet, Jacques. «Vocación». Em *Vocabulario de Teología Bíblica*. Editado por Xavier Léon-Dufour: 844-846. Barcelona: Herder, 1965.

- Giuseppe Pasini, «Serviço», *Dicionário de Orientação vocacional*. Editado por Centro Internazionale Vocazionale Rogate: 1297-1304. Prior Velho: Paulinas, 2008.
- Hans Urs von Balthasar, «Ratzinger, il Cardinale coraggioso». Em *La realtà e la gloria: Articoli e interviste*. Editado por Hans Urs von Balthasar, 79-81. Milano: Editoriale Italiana, 1988.
- Huerre, Denis. «La escucha de la palabra de Dios: La oración». *Cuadernos Monásticos* 30 (1974): 505-514.
- José Carlos Carvalho, «A vida como (missão de) vocação», *Igreja e Missão* 118 (2011): 275-300.
- Légasse, Simon «Vocation», *DSp* 16, 1081-1124.
- Luzarraga, Jesús. *Espiritualidad bíblica de la vocación*. Madrid: Ediciones Paulinas, 1984.
- Madrigal Terrazas, Santiago. *Ecclesia Caritas est*. Santander: Sal Terrae, 2008.
- Magalhães, Vasco Pinto de. *Vocação e vocações pessoais*. 2.<sup>a</sup> ed. Braga: A.O., 2005.
- Magno, Vito. «Pastoral das Vocações». Em *Dicionário de Orientação Vocacional*. Editado por Centro Internazionale Vocazionale Rogate: 1067-1071. Prior Velho: Paulinas, 2008.
- Mansfield, Stephen. *El Papa Benedicto XVI*. New York: Jeremy P. Tarcher; Penguin, 2005.
- Márquez Beunza, Carmen. «Vivir la vida como vocación: una difícil y necesaria tarea». *Sal Terrae* n.º 1215 (2016): 759-772.
- Marti del Moral, Pablo. «Vocación, historia y discernimiento». *Scripta theologica* vol. 50, (2018): 433-462.
- Martini, Carlo Maria. *Bíblia e vocação: da vocação baptismal à vocação presbiteral*. Lisboa: Paulistas, 1983.
- Masseroni, E. «Vocación y vocaciones». Em *Nuevo Diccionario de Teología Moral*. Editado por G. Piana, F. Compagnoni, S. Privitera e M. Vidal: 1921-1937. Madrid: Paulinas, 1992.
- Medina, José. *Benedicto XIV: el papa del nuevo milenio*. Buenos Aires: Bueno, 2005.
- Meo, Salvatore M. «La vocación de Maria». Em *Vocación común y vocaciones específicas, aspectos bíblicos, teológicos y psico-pedagógico-pastorales*. Editado por Agostino Favale, 237-255. Madrid: Atenas, 1984.
- Messori, Vittorio e Joseph Ratzinger. *The Ratzinger Report*. San Francisco: Ignatius, 1985.
- Molini, G. «Vocación». Em *Diccionario de Teología Bíblica*. Editado por Johann Bauer: 1076-1082. Barcelona: Herder, 1966.
- Moore, M. P. «En el umbral de la *Porta Fidei*: fijar la mirada en Jesucristo». *Stromata* vol. 68, n.º. 1-2 (2012): 1-31.

- Muñoz Muñoz, Florentino. «La oración del Padrenuestro». Em *Jesús de Nazaret: Pensando desde Joseph Ratzinger*. Editado por Ramón de la Trinidad Piñero Mariño, 209-258. Cáceres: Instituto Teológico “San Pedro de Alcántara”, 2008.
- Murphy, Joseph. *Christ, Our Joy: The Theological Vision of Pope Benedict XVI*. San Francisco: Ignatius, 2008.
- Nichols, Aidan. *The Thought of Pope Benedict XVI: An Introduction to the Theology of Joseph Ratzinger*. New York: Burns & Oates, 2005.
- Óscar Llanos, Mário. *Servir as vocações na Igreja: Pastoral vocacional e pedagogia da vocação*. Porto: Edições Salesianas, 2009.
- Pallitero Iglesias, Ramiro. *Laicos en la nueva evangelización*. Madrid: RIALP, 2013.
- Pardo Álvarez, Miguel, «El matrimonio es una vocación», *Toledana* 3 (2000): 73-102
- Pearce, Joseph. *Benedict XVI: Defender of the Faith*. Gastonia: TAN Books, 2021.
- Piñero Mariño, Ramón de la Trinidad. «Jesús como fuente de la revelación: reflexiones sobre el concepto de revelación en la obra “Jesús de Nazaret” de S. S. Benedicto XVI / J. Ratzinger». Em *Jesús de Nazaret: Pensando desde Joseph Ratzinger*. Editado por Ramón de la Trinidad Piñero Mariño, 127-172. Cáceres: Instituto Teológico “San Pedro de Alcántara”, 2008.
- Price, Joann F. *Pope Benedict XVI: A Biography*. Santa Barbara; Denver; Oxford: Greenwood, 2013.
- Quinteiro Fiuza, Luis. «La caridad y la misericordia (de Jesús), fundamentos de nuestra acción pastoral». *Telmus* n.º 7-8 (2016): 13-46.
- Radcliffe, Timothy. *Sing a New Song: The Christian Vocation*. Springfield: Templegate, 1999.
- Rausch, Thomas P. *Pope Benedict XVI: An Introduction to His Theological Vision*. New York; Mahwah: Paulist Press, 2009.
- Rodari, Paolo e Andrea Tornielli. *Attacco a Ratzinger*. Milano: Piemme, 2012.
- Rodríguez Panizo, Pedro. «La oración lugar originário de la fé». *Sal Terrae* n.º 1174 (2013): 67-79.
- Roland, Tracey. *Ratzinger Faith: The Theology of Pope Benedict XVI*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- Rubio Morán, Luis. «Chamar / Chamamento». Em *Dicionário de Orientação Vocacional*. Editado por Centro Internacionale Vocacionale Rogate: 271-288. Prior Velho: Paulinas, 2008.
- Ruiz Aragonese, Rosa. «“Todos sois uno en Cristo Jesús”. Discipulado y bautismo». *Sal terrae* 109, n.º 1263 (2021): 103-116.

- Sarto, Pablo Blanco. *Joseph Ratzinger - Benedicto XVI: Un mapa de sus ideas*. Madrid: BAC, 2012.
- Seewald, Peter. *Benedict XVI: An Intimate Portrait*. San Francisco: Ignatius, 2008.
- . *Benedicto XVI: Una vida*. Bilbao: Mensajero, 2020.
- Sicari, Antonio. «Amor». Em *Diccionario Teológico de la Vida Consagrada*. Editado por Ángel Aparicio Rodríguez e Joan Canals Casas: 35-46. Madrid: Publicaciones Claretianas, 1989.
- . «La vocación de los profetas». Em *Vocación común y vocaciones específicas, aspectos bíblicos, teológicos y psico-pedagógico-pastorales*. Editado por Agostino Favale. 141-163. Madrid: Atenas, 1984.
- Siciliano, Fortunato. «Oração pelas vocações» Em *Dicionário de Orientação Vocacional*. Editado por Centro Internacionale Vocacionale Rogate: 1012-1026. Prior Velho: Paulinas, 2008.
- Spindler, Marc e Annie Lenoble-Bart. *Spiritualités missionnaires contemporaines: entre charismes et institutions*. Paris: Karthala, 2007.
- Valladares, James. *Hope Springs Eternal in the Priestly Breast*. Bloomington: iUniverse, 2012.
- Valli, Aldo María. *La verdad del papa*. Bogotá: San Pablo, 2011.
- Vatican News: Equipa editorial, «Morre Bento XVI: “humilde trabalhador na vinha do Senhor”». <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2022-12/morre-bento-xvi.html>. Acedido a 12 de dezembro 2023.
- Walsh, Mary Ann. *From Pope John Paul II to Benedict XVI*. Lanham; Oxford: Sheed & Ward, 2005.
- Weigel, George. *God's Choice: Pope Benedict XVI and the Future of the Catholic Church*. New York: Harpertollins, 2005.
- . *Witness to Hope: The Biography of Pope John Paul II*. New York: Harper, 1999.

### **3.- Subsídios**

- Allen, Michael. *The Christ's Faith: A Dogmatic Account*. London: Bloomsbury; New York: T&T Clark, 2011.
- Annett, Anthony M. *Cathonomics: How Catholic Tradition Can Create a More Just Economy*. Washington: Georgetown University Press, 2022.
- Brahm, Enrique. *Hitler y la segunda guerra mundial*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 2012.

- Bretherton, Luke. *Resurrecting Democracy Faith, Citizenship, and the Politics of a Common Life*. New York: Cambridge University Press.
- Bunting, Madeleine. «A man with little sympathy for other faiths». *The Guardian* (19 de setembro de 2006): 13.
- Burleigh, Michael. *Earthly Powers*. New York: HarperCollins, 2007.
- Burns, Helena. *He Speaks to You*. Boston: Pauline Books, 2012.
- Cabria Ortega, José Luís. «Teología de la parroquia: su estado eclesiológico». *Sal Terrae* n.º 1221 (2017): 295-311.
- Cahill, Brendan J. *The Renewal of Revelation Theology (1960-1962): The Development and Responses to the Fourth Chapter of the Preparatory Schema De Deposito Fidei*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1999.
- Cancelo Baquero, María José. «La sed de Dios». *Sal Terrae* vol. 96, n.º 1124 (2008): 445-458.
- Costa, Bernardino Ferreira da. «A fé como emoção: o papel regulador do rito». *Boletim de Pastoral* n.º 166 (2017): 69-77.
- . *Espaço celebrativo*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.
- Costello, Hugh. *Pope John Paul II: Pontiff*. New York: Cavendish Square, 2017.
- Coughlin, John J. *Canon Law: A Comparative Study with Anglo-American Legal Theory*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2011.
- Denzinger, Heinrich e Peter Hunermann. *Enchiridion Symbolorum definitionum et declarationum de rebus fidei et morum*, 38.<sup>a</sup> ed. Barcelona: Herder, 2000.
- Eggemeier, Matthew T. e Peter Joseph Fritz. *Send Lazarus: Catholicism and the Crises of Neoliberalism*. New York: Fordham University Press, 2020.
- Kessler, Edward. *Jews, Christians and Muslims in Encounter*. London: SCM Press, 2013.
- Lozano, Álvaro. *La Alemania nazi (1933-1945)*. Madrid: Marcial Pons, 2011.
- Makrides, Vasilios N. *Orthodox Christianity in 21<sup>st</sup> Century: The Role of Religion in Culture, Ethnicity and Politics*. London; New York: Routledge, 2010.
- Mateo Menéndez, María Soledad de. *La Primera Guerra Mundial*. Madrid: Akal, 1995.
- Mikhol, Victor. *Fatal Errors of Marxism and the Problems of Modern Democracy*. North Charleston: Palmetto, 2021.
- Nygren, Anders. *Agape and Eros*. Philadelphia: Westminster Press, 1930.
- O'Brien, Michael D. *Road of Hope: The Spiritual Journey of Cardinal Nguyen Van Thuan*. San Francisco: Ignatius, 2010.

O'Malley, Seán. *Anel e Sandálias*. Prior Velho: Paulinas, 2010.

———. *Procura-se amigos e lavadores de pés*. Prior Velho: Paulinas, 2019.

Ocáriz, Fernando e Arturo Blanco. *Teología fundamental*. Madrid: Palabra, 2008.

Stevenson, David. *1914-1918. Historia de la Primera Guerra Mundial*. Barcelona: Debate, 2013.

Still, Todd D. e Bruce W. Longenecker. *Thinking through Paul: A Survey of His Life, Letters, and Theology*. Grand Rapids: Zondervan, 2014.

Sullivan-Dunbar, Sandra. *Human Dependency and Christian Ethics*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2017.

Zanini, Roberto Italo. *Bakhita: From Slave to Saint*. San Francisco: Ignatius Press, 2013.

